

Os Mensageiros

(OBRA MEDIÚNICA)

II

Série André Luiz

- I - Nosso Lar**
- II - Os Mensageiros**
- III - Missionários da Luz**
- IV - Obreiros da Vida Eterna**
- V - No Mundo Maior**
- VI - Agenda Cristã**
- VII - Libertação**
- VIII - Entre a Terra e o Céu**
- IX - Nos Domínios da Mediunidade**
- X - Ação e Reação**
- XI - Evolução em Dois Mundos**
- XII - Mecanismos da Mediunidade**
- XIII - Conduta Espírita**
- XIV - Sexo e Destino**
- XV - Desobsessão**
- XVI - E a Vida Continua...**

Os Mensageiros

FRANCISCO CÂNDIDO XAVIER

Os Mensageiros

*Quando o servidor está pronto,
o serviço aparece.*

**DITADO PELO ESPÍRITO
ANDRÉ LUIZ**

(atualização de texto de Maísa Intelisano - 2004)

FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA

ÍNDICE

<i>Prefácio de Emmanuel</i>	6
1 Renovação	8
2 Aniceto	10
3 No Centro de Mensageiros	12
4 O caso Vicente	14
5 Ouvindo Instruções	16
6 Advertências profundas	18
7 A queda de Otávio	20
8 O desastre de Acelino	23
9 Ouvindo impressões	25
10 A experiência de Joel	27
11 Belarmino, o doutrinador	29
12 A palavras de Monteiro	31
13 Ponderações de Vicente	33
14 Preparativos	35
15 A viagem	37
16 No Posto de Socorro	39
17 O romance de Alfredo	41
18 Informações e esclarecimentos	43
19 O sopro	45
20 Defesas contra o mal	47
21 Espíritos dementados	49
22 Os que dormem	51
23 Pesadelos	53
24 A prece de Ismália	54
25 Efeitos da oração	57
26 Ouvindo servidores	59

27	O caluniador	61
28	Vida social	63
29	Notícias interessantes	65
30	Em conversa carinhosa	67
31	A canção de Cecília	69
32	Melodia sublime	71
33	A caminho da Crosta	74
34	Oficina de “Nosso Lar”	76
35	Evangelho no lar	78
36	Mãe e filhos	80
37	Em casa	82
38	Em plena atividade	84
39	Trabalho incessante	86
40	Rumo ao campo	88
41	Entre árvores	92
42	Evangelho no campo	92
43	Antes da reunião	94
44	Assistência	96
45	Mente doente	98
46	Aprendendo sempre	100
47	No trabalho ativo	102
48	Pavor da morte	104
49	Máquina divina	106
50	O desencarne de Fernando	108
51	Despedidas	110

OS MENSAGEIROS

Lendo este livro, que relaciona algumas experiências de mensageiros espirituais, certamente muitos leitores concluirão, com os velhos conceitos da Filosofia, que «tudo está no cérebro do homem», em virtude da materialidade relativa das psalagens, observações, ser viços e acontecimentos.

Forçoso é reconhecer, todavia, que o cérebro é o aparelho da razão e que o homem desencarnado, pela simples circunstância da morte física, não penetrou os domínios angélicos, permanecendo diante da própria consciência, lutando por iluminar o raciocínio e preparando-se para a continuidade do aperfeiçoamento noutra campo vibratório.

Ninguém pode trair as leis evolutivas.

Se um chimpanzé, guindado a um palácio, encontrasse recursos para escrever aos seus irmãos de fase evolucionária, quase não encontraria diferenças fundamentais para relacionar, ante o senso dos semelhantes. Daria notícias de uma vida animal aperfeiçoada e talvez a única zona inacessível às suas possibilidades de definição estivesse justamente na auréola da razão que envolve o espírito humano. Quanto às formas de vida, a mudança não seria profundamente sensível. Os pelos rústicos encontram sucessão nas casimiras e sedas nodernas. A Natureza que cerca o ninho agreste é a mesma que fornece estabilidade à moradia do homem. A fuma ter-se-ia transformado na edificação de pedra. O prado verde liga-se ao jardim civilizado. A continuação da espécie apresenta fenômenos quase idênticos. A lei da herança continua, com ligeiras modificações. A nutrição demonstra os mesmos trâmites. A união de família consanguínea revela os mesmos traços fortes. O chimpanzé, desse modo, somente encontraria dificuldade para enumerar os problemas do trabalho, da responsabilidade, da memória enobrecida, do sentimento purificado, da edificação espiritual, enfim, relativa à conquista da razão.

Em vista disso, não se justifica a estranheza dos que lêem as mensagens do teor das que André Luiz endereça aos estudiosos devotados à construção espiritual de si mesmos.

O homem vulgar costuma estimar as expectativas ansiosas, à espera de acontecimentos espetaculares, esquecido de que a Natureza não se perturba para satisfazer a pontos de vista da criatura.

A morte física não é salto do desequilíbrio, é passo da evolução, simplesmente.

À maneira do macaco, que encontra no ambiente humano uma vida animal enobrecida, o homem que, após a morte física, mereceu o ingresso nos círculos elevados do Invisível, encontra uma vida humana sublimada.

Naturalmente, grande número de problemas, referentes à Espiritualidade Superior, aí espera a criatura, desafiando-lhe o conhecimento para a ascensão sublime aos domínios iluminados da vida. O progresso não sofre estacionamento e a alma caminha, incessantemente, atraída pela Luz Imortal.

No entanto, o que nos leva a grafar este prefácio singelo, não é a conclusão filosófica, mas a necessidade de evidenciar a santa oportunidade de trabalho do leitor amigo, nos dias que correm.

Felizes os que buscarem na revelação nova o lugar de serviço que lhes compete, na Terra, consoante a Vontade de Deus.

O Espiritismo cristão não oferece ao homem tão somente o campo de pesquisa e consulta, no qual raros estudiosos conseguem caminhar dignamente, mas, muito mais que isso, revela a oficina de renovação, onde cada consciência de aprendiz deve procurar sua justa integração com a vida mais alta, pelo esforço interior, pela disciplina de si mesma, pelo auto-aperfeiçoamento.

Não falta concurso divino ao trabalhador de boa vontade. E quem observar o nobre serviço de um Aniceto, reconhecerá que não é fácil prestar assistência espiritual aos homens. Trazer a colaboração fraterna dos planos superiores aos Espíritos encarnados não é obra mecânica, enquadrada em princípios de menor esforço. Claro, portanto, que, para recebê-la, não poderá o homem fugir aos mesmos imperativos. É indispensável lavar o vaso do coração para receber a “água viva”, abandonar envoltórios inferiores, para vestir os “trajes nupciais” da luz eterna.

Os Mensageiros

Entregamos, pois, ao leitor amigo, as novas páginas de André Luiz, satisfeitos por cumprir um dever. Constituem o relatório incompleto de uma semana de trabalho espiritual dos mensageiros do Bem, junto aos homens e, acima de tudo, mostram a figura de um emissário consciente e benfeitor generoso em Aniceto, destacando as necessidades de ordem moral no quadro de serviço dos que se consagram às atividades nobres da fé.

Se procuras, amigo, a luz espiritual; se a animalidade já te cansou o coração, lembra-te de que, em Espiritualismo, a investigação conduzirá sempre ao Infinito, tanto no que se refere ao campo infinitesimal, como à esfera dos astros distantes, e que só a transformação de ti mesmo, à luz da Espiritualidade Superior, te facultará acesso às fontes da Vida Divina. E, sobretudo, recorda que as mensagens edificantes do Além não se destinam apenas à expressão emocional, mas, acima de tudo, ao teu senso de filho de Deus, para que faças o inventário de tuas próprias realizações e te integres, de fato, na responsabilidade de viver diante do Senhor.

EMMANUEL

Pedro Leopoldo, 26 de fevereiro de 1944.

1 RENOVAÇÃO

Quando me desliguei dos laços inferiores que me prendiam à Terra, alcancei um grande entendimento espiritual.

Essa libertação, no entanto, não foi espontânea.

No fundo, sabia quanto havia me custado deixar o lar na Terra, suportar a incompreensão da esposa e o desentendimento dos filhos queridos.

Tinha certeza de que amigos espirituais muito elevados e bondosos haviam me ajudado a superar minhas imperfeições nessa transição.

Antes, a preocupação com Zélia me torturava constantemente. Mas agora, vendo-a em perfeita harmonia com o segundo marido, não tinha outra opção a não ser procurar outros interesses.

Foi assim que, muito surpreso, percebi minha própria transformação no decorrer dos acontecimentos.

Sentia grande alegria com a descoberta de mim mesmo. Antes, vivia como um caramujo isolado na concha, incapaz de aproveitar os espetáculos grandiosos da natureza, rastejando no lodo. Agora, entretanto, reconhecia que a dor havia funcionado como uma picareta em minha casa mental, sem que eu pudesse entender seus golpes imediatamente. Essa picareta havia destruído a concha de antigos vícios do sentimento, libertando-me, expondo-me o espírito ao Sol da bondade de Deus. E comecei a ver mais longe e mais alto.

Pela primeira vez, classifiquei adversários como benfeitores. Voltei a visitar minha antiga casa, não mais como dono ou senhor, mas como trabalhador que ama o serviço na oficina em que a vida o colocou. Não procurei mais a esposa do mundo, a companheira que não me compreendia, mas a irmã a quem devia ajudar, naquilo que estivesse ao meu alcance. Não voltei a considerar os filhos como minhas propriedades, mas como companheiros muito queridos, aos quais deveria levar o novo conhecimento, ajudando-os espiritualmente como pudesse.

Forçado a destruir meus castelos de egoísmo, senti que um novo amor passava a habitar meu espírito.

Sem os afetos do mundo e conformado com o caminho que Deus havia me traçado, comecei a ouvir o Seu chamado.

Só agora percebia o quanto havia vivido longe das leis sublimes que comandam a evolução das criaturas.

A natureza me recebia com amor. Agora suas vozes eram muito mais altas que as dos meus interesses pessoais. Aos poucos, conquistava a alegria de escutar seus ensinamentos misteriosos no grande silêncio das coisas. Os elementos mais simples ganhavam um novo significado aos meus olhos. A colônia espiritual, que me acolhia com carinho, mostrava novos aspectos de imensa beleza. O ruído das asas de um pássaro, o sussurro do vento e a luz do Sol pareciam tocar-me o espírito, enchendo-me o pensamento de profunda harmonia.

A vida espiritual, bela e indescritível, abriu suas portas para mim. Até então, vinha vivendo em “Nosso Lar” como hóspede doente de um palácio brilhante, incapaz de notar as maravilhas à minha volta de tão preocupado que estava comigo mesmo.

A conversa espiritualizada era indispensável agora.

Antigamente gostava muito de torturar a própria alma com as lembranças da Terra. Valorizava os relatos dramáticos de alguns companheiros, lembrando meu próprio caso pessoal e deixando-me levar pela perspectiva de me agarrar novamente aos parentes do mundo, reforçando laços inferiores. Mas agora... Havia perdido totalmente a paixão pelos assuntos menos elevados. Até as descrições dos doentes nas Câmaras de Retificação me pareciam sem interesse. Não queria mais saber de onde vinham, não perguntava sobre suas aventuras nas zonas inferiores. Procurava necessitados. Queria saber como poderia ser-lhes útil.

Percebendo minha profunda transformação, um dia Narcisa me disse:

- André, meu amigo, você vem fazendo a renovação espiritual. Nesses períodos, grandes dificuldades espirituais atingem nosso coração. Lembre-se da meditação no Evangelho de Jesus. Sei que você vem sentindo grande alegria no contato com a harmonia universal, depois que deixou os caprichos de lado, mas acho que, ao lado das rosas da alegria, junto aos novos caminhos que se abrem para sua esperança, há espinhos de tédio nas margens das antigas estradas que você vai deixando para trás. Seu coração é uma taça cheia da luz divina, mas também vazia dos sentimentos do mundo, que a encheram por muito tempo.

Nem eu mesmo poderia ter dado uma definição tão exata de meu estado de ânimo. Narcisa tinha razão. Junto a uma imensa alegria que inundava meu espírito, havia uma sensação enorme de tédio por todas as coisas inferiores. Sentia-me liberto de pesadas correntes, mas não tinha mais a casa, a esposa, os filhos amados. Voltava sempre ao lar terreno e trabalhava pelo bem de todos, mas sem qualquer motivação. Minha amiga querida estava certa. Meu coração era um cálice luminoso, mas vazio. Emocionei-me com a definição.

Vendo minhas lágrimas silenciosas, Narcisa acrescentou:

- Encha sua taça nas águas eternas do doador divino. Além disso, André, todos nós temos a semente do Cristo na terra do coração. Em fases como essa que você atravessa, é mais fácil nos desenvolvermos com êxito se soubermos aproveitar as oportunidades. Enquanto o espírito do homem se perde em cálculos e raciocínios apenas, o Evangelho de Jesus não lhe parece mais do que um monte de ensinamentos comuns. Mas quando seus sentimentos superiores despertam, à medida que trabalha na elevação de si mesmo, como instrumento de Deus, ele percebe que as lições do Mestre têm vida própria e revelam aspectos desconhecidos de Sua inteligência. Quando crescemos para Deus, suas lições também crescem aos nossos olhos. Vamos fazer o bem, meu caro! Encha seu cálice com o bálsamo do amor divino. Se você já sente os raios de um novo amanhecer, caminhe confiante para o dia que surge!...

E, conhecendo meu temperamento de homem que ama o serviço movimentado, acrescentou:

- Você tem trabalhado muito aqui nas Câmaras, onde me preparo para futuro próximo na Terra. Por isso, não posso ir com você, mas acho que deve aproveitar os novos cursos de serviço, instalados no Ministério da Comunicação. Muitos companheiros se habilitam a trabalhar na Terra, nos campos visíveis e invisíveis aos encarnados, todos acompanhados por nobres instrutores. Você poderia ter novas experiências, aprender muito e cooperar com grande atividade individual. Por que não tenta?

Antes que eu pudesse agradecer a preciosa sugestão, Narcisa foi chamada às Câmaras, a serviço, deixando-me com esperanças diferentes das que haviam me motivado até ali para o meu trabalho.

2 ANICETO

Comentando com Tobias sobre meus novos planos, percebi a satisfação que transpareceu de seus olhos.

- Fique tranquilo – disse com bondade – você tem horas de trabalho suficientes para justificar o pedido. E de nossa parte, temos um grande número de colegas na Comunicação. Não será difícil colocar você com instrutores amigos. Conhece o nosso querido Aniceto?

- Ainda não tive o prazer.

- É antigo companheiro de serviço – continuou amável – e esteve conosco algum tempo na Regeneração. Depois dedicou-se ao trabalho no Ministério do Auxílio e hoje é um competente instrutor na Comunicação, onde vem prestando valioso serviço. Vou conversar com o Ministro Genésio a respeito. Não tenha dúvidas de que seu desejo, André, é muito nobre para nós.

O amigo atencioso deixou-me muito contente.

Comecei a compreender o valor do trabalho. A amizade de Narcisa e Tobias era um tesouro de valor incalculável, que o espírito de serviço havia me proporcionado ao coração.

Novas lutas se apresentavam ao meu espírito e não poderia perder a oportunidade. “Nosso Lar” estava cheio de entidades ansiosas por chances como essa. Não seria justo entregar-me com disposição ao novo aprendizado? Além disso, certo de reencarnar em futuro não muito distante, a experiência seria de muita utilidade ao meu aproveitamento geral.

Uma alegria misteriosa me dominava por inteiro, uma esperança sublime iluminava-me os sentimentos. Aquele desejo forte de trabalhar em benefício dos outros, que Narcisa havia despertado em mim, parecia encher agora a taça vazia do meu coração.

Trabalharia sim. Conheceria a satisfação de quem colabora de forma anônima para a felicidade dos outros. Procuraria a luz poderosa da fraternidade ajudando as outras criaturas.

À noite, Tobias, sempre muito atencioso, procurou-me para avisar da aprovação do Ministro Genésio.

Muito sorridente, convidou-me para ir com ele conversar com Aniceto, para falarmos do assunto.

Muito emocionado, fui para a casa daquele que se ligaria de forma profunda à minha vida espiritual.

Aniceto, ao contrário de Tobias, não havia se casado em “Nosso Lar”. Vivia com cinco amigos que foram seus discípulos na Terra. Moravam todos em um edifício confortável, localizado entre árvores grandes e tranquilas, que pareciam postas ali para proteger um lindo e enorme roseiral.

Ele nos recebeu com gentileza, o que me deu uma ótima impressão. Demonstrava a calma de quem chegou à meia idade sem as fantasias da juventude inexperiente. Embora houvesse muita energia em seu rosto, demonstrava o otimismo sadio de um coração cheio de ideais elevados. Muito sereno, ouviu todas as colocações de Tobias, olhando-me, de vez em quando, de forma amigável e indagadora.

Tobias falou por um longo tempo, comentando minha posição de ex-médico na Terra, agora em reajustamento de valores no plano espiritual.

Depois de me examinar com atenção, o orientador comentou:

- Não há o que questionar, Tobias. No entanto, é preciso reconhecer que a decisão depende do candidato. Você sabe que aqui trabalhamos para instituir o homem novo.

- André está pronto e disposto – adiantou o amigo, carinhosamente.

Aniceto olhou-me fixamente e advertiu-me:

- Nosso serviço é variado e rigoroso. O departamento de trabalho de nossa responsabilidade só aceita os interessados em descobrir a felicidade de servir. Estamos comprometidos, uns com os outros, a evitar qualquer reclamação. Ninguém exige comprovação de resultados e todos respondem por qualquer erro cometido. Trabalhamos para extinguir as antigas vaidades pessoais, trazidas do mundo físico. Em nossa hierarquia, nosso único interesse é o bem divino. Acreditamos que todas as oportunidades construtivas vêm de Deus e esta convicção nos ajuda a esquecer as exigências absurdas de nossa personalidade inferior.

Percebendo minha surpresa, Aniceto fez um gesto e continuou:

- Nos trabalhos de emergência, destinados a preparar colaboradores ativos, tenho um quadro amplo de auxiliares suplementares, com 50 lugares para aprendizes. No momento, tenho três vagas. Há muita atividade de instrução, necessária a servidores que trabalharão em socorros urgentes na Terra. Nessas ocasiões, alguns orientadores vão acompanhados de todo o pessoal em aprendizado. Mas eu adoto sistema diferente. Costumo dividir a classe em grupos especializados, de acordo com a profissão, para que possam aproveitar melhor o treinamento e a prática. No momento, tenho um sacerdote católico, um médico, seis engenheiros, quatro professores, quatro enfermeiras, dois pintores, 11 donas de casa e 18 operários diversos. Em “Nosso Lar” todas as nossas atividades são coletivas, mas nos dias de treinamento na Terra, não levo todos comigo. Claro que não será negada ao engenheiro ou ao operário a oportunidade de aprender outras coisas além das que estão relacionadas à sua profissão. No entanto, essas oportunidades devem surgir por esforço próprio, no grande tempo livre que têm para descanso e entretenimento. Assim, considerando o serviço atual, temos interesse em aproveitar ao máximo as horas livres, não só em favor daqueles que precisam, como também em nosso próprio benefício, no que diz respeito à eficiência.

Admirado, fiquei pensando no curioso processo, enquanto Aniceto fazia longa pausa.

Depois de se concentrar em mim, como se quisesse descobrir o efeito de suas palavras, continuou:

- Este método não visa apenas a criar obrigações para os outros. Tanto aqui como na Terra, quem alcança melhores oportunidades não é propriamente o aluno, mas o instrutor, que enriquece e aprofunda experiências. Quando o Ministro Espiridião me chamou para o cargo, aceitei-o com a condição de não perder tempo em minha própria educação. Acho que já disse o suficiente e não preciso me alongar mais. Se você está disposto, não posso me recusar aceitá-lo.

- Compreendo seus programas – respondi emocionado – será uma honra para mim poder acompanhá-lo e receber suas determinações de serviço.

Aniceto demonstrou ter chegado onde queria e concluiu:

- Pois bem, você pode começar amanhã.

E, olhando para Tobias, acrescentou:

- Leve o nosso amigo ao Centro de Mensageiros amanhã cedo. Lá estaremos em estudo ativo e posso providenciar para que passe a ser bonificado pelos quadros da Comunicação.

Agradecemos satisfeitos e, logo depois de Tobias, despedi-me cheio de novas esperanças.

3

NO CENTRO DE MENSAGEIROS

No dia seguinte, depois de ouvir várias recomendações de Narcisa, segui para o Centro de Mensageiros, no Ministério da Comunicação. Tobias foi comigo, apesar de todo trabalho que tinha sob sua responsabilidade.

Encantado, cheguei à série de edifícios da sede da instituição. Achei que se tratava de várias universidades reunidas, de tão grande que era o lugar. Pátios amplos, cheios de árvores e jardins, convidavam à meditação.

Tobias tirou-me da divagação, exclamando:

- O Centro é muito grande. Atividades complexas são desempenhadas neste departamento da colônia. Não pense que a instituição se limite aos prédios que vemos. Nesta parte temos apenas a administração central e alguns pavilhões destinados ao ensino e à preparação em geral.

- Mas esta organização imensa se destina apenas à troca de mensagens? – perguntei, curioso.

O companheiro sorriu de forma expressiva e esclareceu:

- Não pense que vai encontrar aqui apenas o serviço de correio. O Centro prepara entidades para que se transformem em cartas vivas de socorro e auxílio aos que sofrem no Umbral, na Crosta e nas Trevas. Você achou que todo esse trabalho fosse apenas para a circulação de notícias? Amplie sua visão! Este serviço é cópia dos que estão sendo feitos nas mais diversas cidades espirituais dos planos superiores. Aqui vários companheiros são preparados para a difusão de esperança e consolo, instrução e avisos, nos vários setores de evolução humana. Não falo só de emissários invisíveis. Organizamos grandes turmas de aprendizes para a reencarnação também. Centenas e centenas de médiuns e doutrinadores saem daqui todos os anos. Vários companheiros seguem para o plano físico em quantidade considerável, com a missão de levar conforto espiritual, habilitados pelo nosso Centro de Mensageiros.

- Como é que é? – perguntei, surpreso – Pelo que você me diz, os trabalhos de esclarecimento espiritual devem estar muito adiantados no mundo!...

Tobias fez uma cara estranha, sorriu tranquilo e me disse:

- Só que você não pensou, André, que essa preparação ainda não é a realização propriamente dita. Milhares de mensageiros aptos para o serviço saem, mas são raros o que alcançam sucesso. Alguns conseguem cumprir parte da tarefa, outros fracassam completamente. O serviço real não é brincadeira. Requer esforço, sem o qual a obra não pode se concretizar, nem se manter. Muitos médiuns e doutrinadores partem daqui para o plano físico, com todas as instruções necessárias, porque os espíritos superiores precisam de sua renúncia e fraternidade para intensificar o esclarecimento humano. Quando os mensageiros se esquecem da missão e da dedicação ao próximo, costumam se transformar em ferramentas inúteis. Há médiuns e mediunidade, doutrinadores e doutrina, assim como existem lavradores e a enxada. A enxada pode ser excelente, mas, se o lavrador não tiver espírito de serviço, a enxada só servirá para juntar ferrugem. Isso acontece também com as faculdades psíquicas e com os conhecimentos elevados. O potencial mediúnicamente pode ser enorme, mas se o portador não for capaz de olhar para além dos próprios interesses, estará condenado ao fracasso na tarefa que lhe foi confiada. Acredite, meu caro, que todo trabalho construtivo tem dificuldades inerentes. São muito poucos os que suportam os obstáculos e contrariedades da luta. A grande maioria fica longe do fogo cruzado. Muitos trabalhadores recuam quando a tarefa oferece oportunidades mais valiosas.

Bastante impressionado, argumentei:

- Isso me surpreende muito. Não imaginava que alguns mensageiros encarnados fossem preparados aqui.

- Ah, meu amigo – falou Tobias sorrindo – você acha que as obras do bem poderiam ficar sujeitas a operações automáticas? Na Terra, nossa visão costuma ficar viciada pelos cultos externos das atividades religiosas. Lá acreditamos que podemos resolver todos os problemas pela atitude de súplica. Entretanto, ficar de joelhos não soluciona as questões

básicas do espírito, assim como a adoração a Deus não nos garante o crescimento interior. É claro que todo ato de humildade e amor é considerado sagrado e Deus, com certeza, nos dará suas bênçãos por eles. No entanto, precisamos nos lembrar que a manutenção do merecimento é dever de todos nós. Assim, neste Centro não preparamos meros carteiros, mas espíritos que devem se transformar em cartas vivas de Jesus para a humanidade encarnada. Pelo menos, este é o programa de nossa administração espiritual...

Calei-me emocionado, pensando na importância daqueles ensinamentos. Meu companheiro, depois de alguns momentos, prosseguiu observando:

- Muito poucos alcançam sucesso, porque quase todos nós ainda estamos ligados a vasto passado de erros e enganos que deformaram nossa personalidade. Em cada nova encarnação, acreditamos muito mais em nossas tendências inferiores do passado do que nas possibilidades divinas do presente, sempre complicando o futuro. Assim, lá continuamos agarrados ao mal e esquecidos do bem, chegando ao cúmulo, às vezes, de dizer que as dificuldades são punições, quando, na verdade, todo obstáculo é valiosa oportunidade para os que já têm “olhos de ver”.

A essa altura, chegamos a grande recinto.

Centenas de entidades entravam no amplo edifício, cujas escadarias subimos conversando animadamente.

Os detalhes do saguão maravilhoso impressionavam pela beleza. Flores de espécies que eu não conhecia enfeitavam as colunas, espalhando cor e perfume pelo ambiente.

Quebrando meu encanto, Tobias explicou:

- As várias turmas de aprendizes estão indo para as aulas. Vamos procurar Aniceto no departamento de instrutores.

Atravessamos grandes galerias, sempre em meio a grandes multidões que seguiam para as aulas conversando.

Em um pequeno grupo que conversava de forma discreta, encontramos Aniceto, que nos abraçou sorridente e calmo.

- Muito bem! – disse alegre e bondoso – estava esperando o novo aluno desde muito cedo.

E como Tobias tinha muita pressa, Aniceto explicou:

- De agora em diante André ficará aos meus cuidados. Vá tranquilo.

4

O CASO VICENTE

Difícil expressar minha alegria com o novo companheiro.

Rosto muito calmo, olhar inteligente e lúcido, Vicente transmitia carinho e bondade, sensatez e compreensão.

Disse-me que estava muito feliz por ter encontrado um companheiro médico e me alojou perto dele, demonstrando muita gentileza.

Era o primeiro colega de profissão, também recém-chegado da Crosta, com quem me relacionava mais de perto.

Trocamos idéias sobre as surpresas que havíamos tido. Comentamos as dificuldades com as ilusões da Terra, a cegueira da cência, os problemas graves da medicina espiritual.

Embora ainda não tivesse ido com Aniceto ao plano físico para visita de serviço, Vicente admirava profundamente o instrutor e comentava comigo os estudos que vinha fazendo com ele.

Tinha muitos conceitos interessantes. Em pouco mais de uma hora, já nos sentíamos como irmãos muito unidos, há muito tempo, por laços espirituais. O novo companheiro havia conquistado minha confiança plena.

Demonstrando grande gentileza, perguntou por minha situação em relação aos parentes terrenos. Respondi contando-lhe resumidamente minha surpresa ao saber do segundo casamento de Zélia. Dei toda ênfase possível ao meu relato, emocionando-me muito enquanto narrava os acontecimentos. Em cada detalhe mais importante dos fatos, detinha-me mais tempo, de propósito, ressaltando meus antigos sofrimentos e tristezas, que me pareciam insuperáveis.

Vicente me ouviu em silêncio, sorrindo de vez em quando.

Quando terminei o comovente relato, ele colocou a mão direita em meu ombro e comentou:

- Não se julgue tão azarado e incompreendido. Saiba, meu caro André, que você teve muita felicidade.

- Como assim?

- Sua esposa respeitou o marido até o fim e não é de se espantar que tenha se casado pela segunda vez nessas condições. No meu caso, porém, a coisa foi muito pior.

E, percebendo meu espanto, o novo amigo continuou:

- Vou explicar.

Pensou um pouco, como se quisesse organizar as lembranças, e prosseguiu:

- Você não imagina como foi lindo o sonho de amor do meu casamento. Logo depois de tirar o diploma de médico, aos 25 anos, casei-me com Rosalinda, cheio de alegria. Minha esposa não tinha só uma situação material confortável, mas também todo o meu carinho e dedicação. Minha felicidade não tinha limites. Em pouco tempo, tivemos dois filhos que nos enriqueceram o lar. Impossível expressar meu bem estar.

- Como tinha uma boa reserva financeira, não me especializei em clínica, dedicando-me apaixonadamente às pesquisas em laboratórios. Como tinha grande vocação, não foi difícil conseguir a confiança de vários colegas e centros de estudos, aplicando trabalhos e resultados brilhantes. E Rosalinda era sempre a primeira e a que mais colaborava comigo. Às vezes, percebia seu tédio com os tubos de ensaio, mas ela sabia evitar as pequenas contrariedades para manter nossa felicidade. Parecia que me compreendia totalmente. Para mim, era a mãe dedicada e a esposa perfeita.

- Estávamos casados havia dez anos, quando meu irmão Eleutério, advogado, solteiro, um pouco mais velho que eu, decidiu morar perto de nós. Rosalinda foi toda gentilezas, considerando que se tratava de parente meu. Eleutério entrou em nossa casa como irmão. Embora morasse em um hotel, estava sempre conosco, demonstrando muita gentileza e respeito.

- Então percebi que, aos poucos, minha mulher começou a se modificar. Exigiu que contratássemos uma empregada para fazer os serviços domésticos, alegando que nossos filhos precisavam de atenção mais próxima e constante. Concordei satisfeito. Afinal, era para o

bem de nossos filhos. No entanto, a mudança de Rosalinda ganhou proporções impressionantes. Deixou de ir ao laboratório, onde nos abraçávamos alegremente quando víamos nossas pesquisas bem sucedidas. Preferia sempre ir ao cinema ou distrair-se ao lado de Eleutério.

- Isso me aborrecia muito, mas não poderia desconfiar da conduta de meu irmão. Quando em família, agia sempre com respeito, embora fosse arrogante e ousado como advogado.

- Minha vida familiar, tão feliz, passou a ser de grande solidão, que eu tentava despistar com muito trabalho dedicado.

- Assim, o tempo ia passando, quando algo mexeu profundamente com minha vida. Pequena bolha nasal, que nunca havia me incomodado, depois de levemente ferida, transformou-se em problema muito grave. Em poucas horas declararam infecção generalizada. Vários colegas se reuniram em meu quarto, mas todos os cuidados foram inúteis. Entendi que estava chegando minha hora, e rápido. Rosalinda e Eleutério pareciam arrasados e, até hoje, tenho a impressão de vê-los ansiosos, no momento de minha morte física.

Nessa altura, Vicente fez longa pausa, como a fixar lembranças mais dolorosas, e continuou com voz mais triste:

- Depois de algum tempo de profundas perturbações nas zonas inferiores, quando já estava recuperado em “Nosso Lar”, soube de toda a verdade. Voltando à minha casa na Terra, para minha grande surpresa, encontrei Rosalinda casada com Eleutério.

- Como as nossas histórias são parecidas! – falei impressionado.

- Você é que pensa – respondeu sorrindo.

E continuou:

- Outra surpresa ainda esperava para me ferir. Só quando voltei à minha casa, soube que ela havia sido cúmplice de um crime horrível. Meu próprio irmão planejou tudo. Os dois se apaixonaram perdidamente e se deixaram levar por sentimentos menos nobres. Não havia como pedir divórcio e, mesmo que a justiça permitisse, seria um escândalo o fato de Rosalinda sair de casa para unir-se ao cunhado. Eleutério lembrou-se, então, que tínhamos experiências de laboratório e sugeriu a Rosalinda que me aplicasse uma cultura de bactérias, que ele mesmo se encarregaria de conseguir, na primeira oportunidade.

- Minha pobre esposa não vacilou e, aproveitando que eu dormia sem suspeitar de nada, colocou o material contagioso em meu nariz levemente ferido.

- E essa é a minha história, contada rapidamente.

Eu estava bobo.

Vicente sorriu de leve e disse:

- Rosalinda e Eleutério vivem aparentemente felizes, são grandes materialistas, por enquanto, e desfrutam de grande fortuna e ótimo status no plano físico.

- Mas..., e a justiça? – perguntei muito assustado.

- Ora, André – esclareceu calmamente – tudo vem na hora certa, tanto no bem, como no mal. Primeiro planta-se a semente, depois vêm os frutos.

E, percebendo minha tristeza, Vicente concluiu:

- Não vamos mais falar nisso. Está chegando a hora da aula. Vamos atender nossas necessidades essenciais, ajudando nossos entes queridos, que ainda estão longe, encarnados. Não se impressione tanto. A árvore, para dar frutos, precisa perder algumas folhas. Para nós, atualmente, meu amigo, o mal não passa de simples resultado da ignorância, nada mais.

5 OUVINDO INSTRUÇÕES

Aniceto nos esperava com carinho no grande salão.

Fileiras enormes de assistentes enchiam o espaço muito amplo.

Homens e mulheres, de várias idades, permaneciam quietos, em grande expectativa e interesse.

- Hoje – explicou nosso instrutor, dirigindo-se a Vicente, em maneira particular – teremos a palavras de Telésforo, antigo colaborador da Comunicação, que pediu a presença de todos os aprendizes do intercâmbio entre encarnados e desencarnados. Sentamo-nos, aguardando nossa vez.

Logo em seguida, Telésforo entrava na sala, em atmosfera de grande simpatia.

Aniceto e outros instrutores instalaram-se ao lado dele, em torno de grande mesa, onde se localizava a direção dos trabalhos.

Após cumprimentar todos, desejando paz e incentivando-nos à harmonia, Telésforo entrou no assunto principal da reunião.

- Agora – disse com autoridade sem afetação – vamos conversar sobre as necessidades de representar nossa colônia nos trabalhos terrestres. Aqui estão companheiros que fracassaram em suas intenções mais nobres e outros que desejam colaborar nas tarefas que condizem com nossas atuais responsabilidades. Estamos falando das atividades da Comunicação no plano físico. Nesta reunião vemos grande parte dos cooperadores de “Nosso Lar” que falharam em missões de mediunidade e doutrinação, bem como outros que se preparam para tarefas desse tipo no mundo.

- Nosso departamento vem promovendo grande movimento de ajuda aos encarnados e desencarnados que se mostram incapazes de se desligar da superfície do planeta.

- Nossa tarefa é enorme. Precisamos disseminar novos ensinamentos, a fim de preparar os habitantes da colônia para grandes realizações e esforços no presente e no futuro.

- É indispensável socorrer aos que enfrentam com coragem as profundas transformações do planeta.

- As transições essenciais da existência física pegam os homens completamente distraídos e alheios às realidades eternas. A mente humana se abre, cada vez mais para o contato com o mundo invisível, onde funciona e se movimenta. Isto é um fato evolutivo. Queremos e precisamos ajudar os encarnados. No entanto, contra nossa iniciativa trabalham fortes correntes de incompreensão. Não estamos falando apenas da ignorância e da maldade. Grandes forças do próprio espiritualismo agem dessa forma contraditória. Algumas escolas cristãs nos combatem, como se não colaborássemos com o Mestre Jesus. A Igreja Romana classifica nossa colaboração como diabólica. A Reforma Protestante, nas suas mais variadas expressões, persegue nosso trabalho amigo. E há correntes espiritualistas de elevado teor educativo que interpretam mal nossa influência, por quererem que o homem se aperfeiçoe de um dia para outro, salvo instantaneamente pela vontade, sem precisar fazer qualquer esforço.

- No grau evolutivo em que estamos, não podemos condená-los pela atual ignorância. O Catolicismo Romano tem suas razões, o Protestantismo é digno de nosso respeito e as escolas espiritualistas têm conseguido grandes feitos. Toda expressão religiosa é sagrada, todo movimento superior de educação espiritual é santo em si mesmo. Assim, diante de nós, temos a incompreensão dos bons, que representa prova muito difícil para todos os trabalhadores sinceros, porque, afinal, não estamos cuidando de obra individual e, sim, promovendo movimento de libertação da consciência humana, a favor da própria idéia religiosa no mundo. Sacerdotes e intérpretes da religião e da filosofia ainda não perceberam que a revelação é progressiva, assim como a alma do homem. As interpretações religiosas evoluem com a mente do homem. Muitas igrejas ainda não entendem que não devemos espalhar a crença nos tormentos eternos para os sofredores, e sim que há homens atormentados criando infernos para si mesmos.

- No entanto, não podemos perder tempo analisando a teimosia alheia. Temos serviços complexos e delicados. E, como estávamos dizendo, a humanidade encarnada cada vez se aproxima mais da esfera invisível de vibrações inferiores que a rodeia em todos os sentidos.

Mas, como vimos, a grande maioria dos encarnados não se preparou para os acontecimentos evolutivos atuais. E hoje se verificam os mais perturbadores conflitos no mundo material. A Ciência progride vertiginosamente, mas, ao mesmo tempo em que suprime os sofrimentos do corpo, amplia as dores da alma. Os jornais estão cheios de notícias maravilhosas sobre o progresso material. Mistérios da natureza são desvendados nos domínios do mar, da terra e do ar, mas as estatísticas dos crimes humanos são espantosas. Os assassinatos da guerra apresentam requintes de maldade muito maiores que os de outros tempos. Os homicídios, os suicídios, as tragédias conjugais, os desastres do sentimento, as greves, os impulsos da indisciplina, a sede por experiências inferiores, a perturbação sexual, as doenças desconhecidas, a loucura, invadem os lares terrenos. Nenhum país tem preparo espiritual suficiente para o conforto físico. Entretanto, esse conforto tende a aumentar naturalmente. O homem dominará cada vez mais o seu ambiente externo, mesmo sem conhecer a si mesmo. Mas o corpo atendido mostrará as necessidades da alma e hoje já vemos os encarnados perturbados por problemas graves, não só por suas próprias deficiências, mas também pela proximidade psíquica cada vez maior com os planos inferiores de criaturas desencarnadas que se apegam ao planeta, tentando recuperar a vida que desperdiçaram sem maior consideração pelos desígnios de Deus.

- Também acreditamos que, na verdade, os serviços da Comunicação na Terra deveriam acontecer apenas pela inspiração divina, do superior para o inferior, mas como agir diante dos milhões de doentes e criminosos, encarnados e desencarnados, ligados à experiência humana? Só com o culto externo como a Igreja Romana? Apenas pelo ato de fé, como o Movimento Protestante? Só pela manifestação da vontade, como afirmam algumas escolas espiritualistas? Não podemos limitar nossa visão a apenas um dos lados do problema. Concordamos que o respeito a Deus, a fé e a vontade são expressões básicas da realização divina do homem, mas não podemos esquecer que o trabalho é necessidade fundamental de cada espírito. Os outros que se limitem às especulações religiosas. Nós encararemos de frente os trabalhos de Deus, como se faz necessário.

- Atualmente, a humanidade encarnada é um grande organismo coletivo, cujas células, representadas pelas personalidades humanas, desequilibram-se interiormente em processo de reajustamento e libertação.

- Todos os que nos ajudam, percebem a gravidade dos conflitos que vive a mente humana. Criminosos agarram-se a criminosos, doentes ligam-se a doentes. Precisamos levar ao mundo os instrumentos adequados aos reajustamentos espirituais, habilitando nossos irmãos encarnados a um maior entendimento do espírito cristão. Mas para conseguir isso, precisamos de colaboradores fiéis, que não coloquem condições e não busquem compensações e discussões, mas que se interessem pelo esforço e dedicação em nome de Jesus.

A essa altura, Telésforo interrompeu a lição e, olhando todos de forma penetrante, acrescentou em voz mais alta:

- Quem não quiser ajudar, que procure outros tipos de tarefa. Na Comunicação não podemos perder tempo, nem fazer experimentação doentia sem grandes prejuízos para o trabalhadores descuidados. Em outros Ministérios, a designação de trabalhadores determina, com precisão, aqueles que desejam trabalhar com Jesus. Mas aqui, mais do que trabalhadores, precisamos de servidores cheios de boa vontade.

Nesse instante, como houvesse outra pausa longa, notei a forte impressão dos ouvintes que se olhavam com grande espanto.

6

ADVERTÊNCIAS PROFUNDAS

- Irmãos, – prosseguiu Telésforo, profundamente inspirado – já podemos ouvir os gritos impressionantes dos sofrendores. Precisamos de servidores que queiram integrar-se à escola evangélica da renúncia.

- Desde as primeiras atividades espíritas, “Nosso Lar” tem enviado diversas turmas ao trabalho de disseminação de valores educativos. Centenas de companheiros partem daqui anualmente, combinando a necessidade de resgate à oportunidade de serviço, mas ainda não conseguimos os resultados desejados. Alguns alcançaram resultados parciais nas tarefas a serem desenvolvidas, mas a maioria tem fracassado completamente. Nossos institutos de socorro tentam, sem sucesso, medidas de assistência. Muito poucos conquistam algum êxito nos delicados compromissos da mediunidade e da doutrinação.

- Outras colônias de nosso plano tomam providências similares, mas pouquíssimos são os que se lembram da realidade espiritual enquanto estão no plano físico... A ignorância domina a maioria dos encarnados e a ignorância é a mãe das misérias, das franquezas e dos crimes. Grandes instrutores encarnados amedrontam-se diante dos conflitos humanos e recolhem-se às suas próprias concepções. Esquecem-se de que Jesus não esperou que os homens O compreendessem completamente, mas, em vez disso, desceu ao plano físico para amar, ensinar e servir. Não exigiu que as criaturas se tornassem iguais a Ele imediatamente, mas fez-se como eles para ajudá-los nas dificuldades da vida.

E, depois de rápida pausa, com os olhos muito brilhantes, Telésforo acrescentou:

- Se o Mestre Divino adotou esta postura, que dizer de nós mesmos, tão falhos e cheios de defeitos?

- Deixando de lado as necessidades imensas de outros grupos, concentremo-nos nas falhas que existem nos grupos que nos são afins.

- À nossa volta, os laços pessoais representam vasto campo de trabalho para o testemunho.

- Deixemos de lado a idéia de que a Terra é um vale de sombras, destinado a desastres lamentáveis, e alimentemos a certeza de que o plano físico é uma oficina de trabalho espiritual única. Preparemo-nos para a cooperação necessária. Esqueçamos os erros do passado e lembremo-nos de nossas principais obrigações.

- A causa mais comum dos desastres mediúnicos é a ausência de noção de responsabilidade e o esquecimento do dever a cumprir.

- Quantos de vocês foram patrocinados aqui por bondosos amigos que tentaram ajudá-los, impressionados com o seu passado cruel? Quantos de vocês partiram, entusiasmados, fazendo grandes promessas? No entanto, não souberam recapitular apropriadamente para aprender a servir, conforme o que determina o Pai. Quando o Senhor Ihes enviava recursos materiais para o necessário, voltavam à ambição sem medida; quando recebiam a misericórdia de mais trabalho, apegavam-se à idéia de uma existência cômoda; junto aos entes queridos, preferiram os desvios seguidos, a tirania doméstica; e, acima dos interesses da vida eterna, colocaram as sugestões inferiores da preguiça e da vaidade. A maioria de vocês se entregou à palavra irresponsável e ao questionamento sem discernimento, amontoando atividades inúteis. Como médiuns, muitos de vocês preferiram a inconsciência de si mesmos. Como doutrinadores, criaram conceitos para exportação, jamais para uso próprio.

- A que resultado chegamos? Grandes multidões chegam ao Espiritismo com a única intenção de lhe turvar os conceitos. Assim sendo, não são buscadores do reino de Deus que batem à sua porta, mas caçadores de interesses pessoais. São os que desejam facilidades, os amigos do menor esforço, os preguiçosos e delinquentes de todos os tipos que desejam ouvir os desencarnados, com medo da acusação que a própria consciência lhes faz. A dúvida se mescla à fé nos corações bem intencionados. A sede de proteção exagerada castiga aqueles que tentam ficar ociosos. A ignorância e a maldade surgem em manifestações inferiores da magia negra.

- E tudo por quê, meus irmãos? Porque não temos sido capazes de defender a dádiva sagrada, por termos esquecido, nas atividades materiais, que o Espiritismo é revelação divina

para a renovação fundamental dos homens. Ainda não contruímos o “reino de Deus” em nós, como se faz necessário.

- Contudo, não devemos abandonar nossos deveres no meio do caminho. Vamos voltar ao trabalho, retificando nossos erros. O Ministério da Comunicação vem incentivando esse movimento renovador. Precisamos de colaboradores de boa vontade, leais ao espírito de fé. Não serão admitidos os que não quiserem conhecer a alegria oculta do testemunho, nem os que tenham objetivos diferentes.

- Estamos todos aqui, companheiros da Comunicação, em dívida com o mundo, mas cheios de esperança de êxito em nosso trabalho contínuo. Vamos levantar os olhos. Deus renova todos os dias nossas oportunidades de trabalho, mas, para chegarmos aos resultados necessários, é imprescindível que renunciemos à coisas inferiores. Nenhum de nós aqui presentes está livre do ciclo de reencarnações na Terra. Desejamos todos a vida eterna. Assim, não esqueçamos o sofrimento de Jesus, convictos de que toda saída dos planos inferiores deve ser uma subida para a esfera superior. E que ninguém espere subir espiritualmente, sem esforço, suor e lágrimas.

Nesse momento, Telésforo terminou sua palestra e abençoou a todos, mostrando um olhar profundamente brilhante e saindo, em seguida, em companhia de Aniceto.

Sob profunda impressão, em face das colocações diretas do instrutor, observei que muitos dos presentes choravam em silêncio.

Percebendo meu ar de dúvida, Vicente explicou:

- São servidores fracassados.

Duas senhoras, de rosto sério, aproximaram-se e uma delas se dirigiu a Aniceto, dizendo o seguinte:

- Gostaríamos de uma informação referente à próxima oportunidade de serviço que será concedida a Otávio.

- O Ministério dará esclarecimentos – respondeu o instrutor atencioso.

- No entanto, - continuou a senhora – me atrevo a insistir. É que Marina, grande amiga nossa, casada na Terra há alguns meses, prometeu-me que o ajudaria e eu gostaria muito de colocá-lo agora nos braços de uma nova mãe.

Aniceto fez um gesto de compreensão, sorriu e explicou, sem se alterar:

- Convém não fazer planos por enquanto, porque, antes de tudo, precisamos saber como resolver o processo de médiuns fracassados em que ele está envolvido. Só depois disso poderemos falar a respeito, minha irmã.

Olhei para Vicente, sem esconder minha surpresa, mas, enquanto as senhoras saíam conformadas, Aniceto nos dizia:

- Tenho serviços imediatos, em companhia de Telésforo. Vou deixá-los todos em estudos e observações aqui no Centro de Mensageiros.

Aniceto saiu com os outros dirigentes e um companheiro disse com alegria:

- Podemos conversar.

- Nosso orientador – explicou-me Vicente – considera como trabalho útil toda conversa sadia que nos enriqueça os conhecimentos e aptidões para o trabalho. Portanto, também seremos remunerados por nossas conversas construtivas em cooperação.

Curioso e surpreendido, perguntei:

- E se eu tentasse falar sobre os assuntos inferiores da Terra, esquecendo a conversa sadia?

Vicente sorriu e respondeu:

- O prejuízo seria seu, porque a palavra define o espírito e, se você fugisse às conversas edificantes, nossos orientadores saberiam de sua atitude imediatamente, já que sua presença se tornaria desagradável e seu rosto se cobriria de imensa sombra.

7

A QUEDA DE OTÁVIO

A ausência de Aniceto deu ensejo a conversas interessantes e alguns grupos de amigos se formaram para trocar idéias.

Impressionado com as senhoras que haviam solicitado ajuda para Otávio, pedi a Vicente que me apresentasse a elas. Não era curiosidade indevida o que me movia, mas o desejo sincero de obter novos conhecimentos sobre a tarefa mediúnica, que a palestra de Telésforo me fizera enxergar de forma diferente.

O amigo me atendeu satisfeito.

Em alguns momentos, não estava apenas com as irmãs Isaura e Isabel, mas também com o próprio Otávio, um pálido homem aparentando uns 40 anos.

- Também sou novato por aqui – expliquei – Estou na condição de médico fracassado nos deveres que Deus lhe confiou.

Otávio sorriu e respondeu:

- Você, provavelmente, tem a seu favor o fato de não ter conhecido nada das verdades eternas enquanto encarnado. Comigo não acontece o mesmo, infelizmente. Não ignorava o roteiro certo que Deus me havia designado para a lutas na Terra. Não tinha grandes títulos oficiais, mas dispunha de considerável cultura evangélica, coisa que, para a vida eterna, é mais importante que a cultura intelectual considerada isoladamente. Tive amigos generosos do plano superior, que se faziam visíveis a mim, recebi mensagens repletas de amor e sabedoria, mas, assim mesmo, caí por imprudência e vaidade.

As observações de Otávio me impressionavam muito. Quando encarnado, eu não havia tido contato especial com o meio espírita e agora sentia alguma dificuldade para entender tudo o que ele me dizia.

- Não tinha idéia da extensão das responsabilidades mediúnicas – respondi.

- As tarefas espirituais – continuou ele, um tanto envergonhado – concentram-se nos interesses eternos. Por isso minha falta se reveste de tanta importância. Os administradores de bens da alma têm responsabilidades muito pesadas. Os estudiosos, os crentes, os simpatizantes podem alegar ignorância e covardia em matéria de fé. Mas os sacerdotes não têm desculpa. Acontece o mesmo com a tarefa mediúnica. Os aprendizes ou assistidos, nos centros espíritas, podem alegar determinados impedimentos, mas o missionário é obrigado a caminhar com tal patrimônio de certezas, que nada o livra das culpas adquiridas.

- Mas, Otávio – perguntei muito impressionado – o que lhe causou tanto sofrimento moral? Você me parece tão consciente de si mesmo, tão bem informado sobre as leis da vida, que me custa acreditar que esteja assim tão necessitado de novas experiências desse tipo...

As duas senhoras presentes mostraram estranho brilho no olhar, enquanto Otávio respondia:

- Vou contar-lhe meu fracasso. Você verá que oportunidade maravilhosa de elevação eu perdi.

E, depois de longa pausa, continuou, muito sério:

- Depois de contrair dívidas enormes na Terra em outros tempos, vim parar em “Nosso Lar”, sendo atendido por irmãos dedicados, que se revelaram incansáveis comigo. Preparei-me, então, durante 30 anos seguidos, para voltar ao mundo em tarefa mediúnica, querendo saldar minhas dívidas e elevar-me um pouco. Não me faltaram lições realmente sublimes, nem estímulos sagrados ao meu coração cheio de defeitos. O Ministério da Comunicação me ajudou com todas as facilidades e seis entidades amigas conseguiram-me os maiores recursos em benefício do meu êxito. Técnicos do Auxílio me acompanharam até a Terra, às vésperas do meu renascimento, entregando-me um corpo físico absolutamente sadio. Segundo a bondade dos meus amigos daqui, eu teria acesso a um trabalho de certo destaque no que se refere a ajudar outras pessoas. Ficaria perto de grupos de colaboradores em missão no Brasil, incentivando-os e atendendo a outras pessoas ignorantes, pérturbadas ou infelizes. O casamento não faria parte de minha vida. Não que a união conjugal possa atrapalhar o exercício da mediunidade, mas porque meu caso, em particular, assim exigia. Assim mesmo, solteiro, deveria receber, aos 20

anos de idade, seis amigos que muito me ajudaram em “Nosso Lar”, o quais chegariam à minha casa como órfãos. Minha dívida para com essas entidades tornou-se muito grande e essa providência não só me permitiria um resgate agradável, como também me garantiria grande êxito pela ajuda dada a elas, o que me protegeria de levandades e vacilações, já que o ganhapão me obrigaria a não ceder a sugestões inferiores com relação ao sexo e às ambições exageradas. Ficou acertado também que minhas novas atividades começariam com muito sacrifício, para que o possível carinho de outra pessoa não me amolecasse e minha tarefa não ficasse escravizada a caprichos materiais, distantes da vontade de Jesus e, sobretudo, para que fosse mantida a minha individualidade do serviço. Mais tarde, então, com o passar dos anos de trabalho produtivo, me seriam enviados socorros materiais cada vez maiores de “Nosso Lar”, à medida que cumprisse os compromissos de renunciar a mim mesmo, desprendendo-me das posses passageiras, e demonstrasse desinteresse pela mediunidade paga, de maneira a intensificar, aos poucos, o cultivo de amor confiado a mim.

Com tudo acertado, voltei ao plano físico, não só prometendo ser fiel aos meus instrutores, como também comprometendo-me com as seis entidades amigas, a quem muito devo até agora.

Nesse momento, Otávio fez uma pausa mais longa, suspirou e continuou:

- Mas, infeliz que sou, esqueci todos os compromissos! Os benfeitores de “Nosso Lar” colocaram-me junto a verdadeira servidora de Jesus. Minha mãe era espírita cristã desde moça, apesar das tendências morais de meu pai, que, apesar dos delizes, era um homem de bem. Aos 13 anos fiquei órfão de mãe e, aos 15, começaram os primeiros sinais de mediunidade. Nessa mesma época, meu pai se casou pela segunda vez e, apesar da bondade e dedicação que minha madrasta me dedicava, eu mesmo me colocava num plano de falsa superioridade em relação a ela. Em vão minha mãe me mandava pedidos do plano espiritual. Eu vivia revoltado, entre queixas e lamentações sem razão. Meus parentes me levaram a um grupo espírita excelente, onde minhas faculdades poderiam ser colocadas à disposição dos necessitados e sofredores. Entretanto, eu não tinha qualidades de trabalhador e companheiro fiel. Minha negação, em matéria de confiança nos mentores, e queda forte para a crítica dos atos alheios me forçavam a desagradável estagnação. Os mentores de luz me estimulavam ao serviço, mas eu duvidava deles com a minha vaidade doentia. E como os pedidos espirituais continuavam e eu os interpretava como alucinações, procurei um médico que me aconselhou a ter relações sexuais. Eu estava com 19 anos e me entreguei totalmente ao abuso de energias sagradas. Queria conciliar, à força, o prazer desequilibrado e o dever espiritual, fugindo, cada vez mais, das lições evangélicas que os amigos espirituais nos davam. Tinha pouco mais de 20 anos quando meu pai desencarnou. Com o triste acontecimento, seis crianças ficavam abandonadas, já que minha madrasta, ao se casar com meu pai, havia trazido três filhos pequenos. Em vão ela me pediu ajuda. Nunca me dignei aceitar as responsabilidades que estavam destinadas a mim. Depois de dois anos da segunda viuvez, minha madrasta foi recolhida a um lar para leprosos. Fugi, então, horrorizado, dos pequenos órfãos. Abandonei-os definitivamente, sem pensar que colocava meus credores, de “Nosso Lar”, em situação incerta. Em seguida, entregando-me completamente à ociosidade, cometi uma falta mais grave e fui obrigado a me casar contra a vontade. Mesmo assim, porém, os chamados espirituais continuavam, comprovando o quanto Deus estava sendo paciente comigo. No entanto, à medida que esquecia meus deveres, toda tentativa de realização espiritual me parecia mais difícil. E a tragédia que criei para mim mesmo continuou o meu tormento. A esposa a quem me ligara, apenas em consequência de atração física, era criatura muito inferior e atraiu uma entidade monstruosa, em ligação com ela, para encarnar como meu filho. Abandonei seis crianças lindas, cuja convivência me daria equilíbrio moral, mas, ao que parece, a esposa e o filho incumbiram-se da vingança. Os dois me atormetaram até o fim da vida, quando voltei para cá, mal tendo completado 40 anos, consumido pela sífilis, pelo álcool e pelos desgostos... sem nada ter feito para meu futuro espiritual... sem construir nada no bem...

Ele enxugou os olhos e concluiu:

- Como vê, realizei todos os meus desejos menos nobres, mas não os desejos de Deus. Foi por isso que falei, complicando ainda mais minha situação...

Nesse instante, ele se calou, como se alguma coisa invisível apertasse sua garganta.

Abracei-o com simpatia, tentando incentivá-lo, mas D. Isaura aproximou-se mais, fez-lhe um carinho e disse:

- Não chore, meu filho! Jesus não deixa ninguém sem remédio do tempo. Tenha calma e coragem...

E, percebendo seu carinho, pensei na bondade de Deus, que faz soar o canto sublime do amor de mãe, mesmo na vida após a morte.

8

O DESASTRE DE ACELINO

Áa falar algo a Otávio novamente, quando alguém se aproximou e falou ao ex-médium, com voz forte:

- Não chore, meu caro. Você não está desamparado. Além disso, pode contar com a dedicação de sua mãe. Vivo em piores condições, mas ainda tenho esperanças. Sem dúvida, estamos em completa miséria espiritual. No entanto, é justo esperarmos confiantes novas oportunidades divinas. Deus não é pobre.

Virei surpreso e não reconheci o recém-chegado.

D. Isaura teve a gentileza de nos apresentar.

Estávamos diante de Acelino, que tem história parecida.

Percebendo sua tristeza, Otávio sorriu e avisou:

- Não sou criminoso no mundo, mas sou um falido para Deus e para “Nosso Lar”.

- Mas vamos analisar com lógica – respondeu Acelino, parecendo mais encorajado – você perdeu a partida por não jogar e eu perdi jogando desastradamente. Tive 11 anos de sofrimento no Umbral. Você não precisou passar por isso. Mesmo assim, confio em Deus.

Nesse momento, Vicente interveio:

- Cada um de nós tem a experiência que lhe é própria. Nem todos ganham nas experiências terrenas.

E, falando em especial comigo, acrescentou:

- Quantos de nós, os médicos, perdemos lamentavelmente?

Depois de concordar, comentando o meu próprio caso, observei:

- Mas seria muito interessante conhecer a história de Acelino. Você passou pela mesma situação de Otávio? Creio ser muito proveitoso receber estas lições. No mundo, não entendia bem o que eram as tarefas espirituais, mas aqui, a visão se modifica. Temos que pensar em nosso futuro eterno.

Acelino sorriu e respondeu:

- Minha história é muito diferente. O fracasso que vivi tem características diferentes e, a meu ver, muito mais graves.

E correspondendo à expectativa de todos, continuou contando:

- Também parti de “Nosso Lar” no século passado, depois de receber valiosa bagagem instrutiva dos nossos amigos. Fui enriquecido de bênçãos. Uma de nossas Ministras da Comunicação, dirigiu, pessoalmente, o processo de minha nova encarnação. Não faltaram providências para que eu tivesse saúde física e equilíbrio mental. Depois de fazer grandes promessas aos nossos amigos maiores, parti para uma das grandes cidades brasileiras, para serviço de nossa colônia. O casamento estava em meu roteiro de vida. Ruth, minha dedicada esposa, se incumbiria de me ajudar para melhor desempenho de minhas tarefas.

Cumprida a primeira parte do programa, aos 20 anos de idade fui chamado à tarefa mediúnica, recebendo muita ajuda dos amigos invisíveis. Ainda me lembro da sincera satisfação dos companheiros do grupo de doutrinação. A vidência, a audiência e a psicografia que Deus me dera, por misericórdia, representavam fatores de êxito em nossas atividades. Era muito grande a alegria de todos. Entretanto, apesar das lições maravilhosas de amor evangélico, decidi transformar minhas faculdades em fonte de renda material. Não me dispus a esperar pelos abundantes recursos que Deus me enviaria mais tarde, após meus testes no trabalho, e resolvi, eu mesmo, os meus problemas lucrativos. O meu serviço não era igual a outros? Os sacerdotes católicos não recebiam a remuneração pelos trabalhos espirituais e religiosos? Se todos pagamos pelos serviços para o corpo, por que fugir de receber pelos serviços para a alma? Amigos, inconscientes do caráter sagrado da fé, aprovavam minhas opiniões egoístas. Admitíamos que, no fundo, o trabalho principal era dos desencarnados, mas também havia a minha colaboração pessoal como intermediário, pelo que devia receber a justa retribuição,

Em vão, os amigos espirituais tentaram me indicar o melhor caminho e companheiros encarnados me alertaram e aconselharam. Agarrei-me ao interesse inferior e fixei meu ponto de

vista. Viveria definitivamente por conta das pessoas que quisessem consultar-se. Fixei o valor das consultas, com bonificações especiais para os mais necessitados, e meu consultório encheu-se de gente. Houve grande interesse dos que queriam melhoras físicas e solução para negócios materiais. Grande número de famílias ricas me fez seu conselheiro habitual, para todos os problemas da vida. As lições de espiritualidade superior, a confraternização amiga, o serviço de elevação do Evangelho e as palestras dos planos superiores ficaram à distância. Não quis mais saber da escola da virtude, do amor fraternal, da edificação superior e, sim, da consulta comercial, das ligações humanas legais ou criminosas, dos caprichos apaixonados, dos casos de polícia e de todo um conjunto de misérias da humanidade, em suas experiências inferiores. A atmosfera espiritual que me rodeava havia se transformado completamente. Para garantir o ganho sistemático à força, as baixas correntes mentais do clientes desequilibrados me prenderam em grande sombra psíquica. Cheguei ao crime de zombar do Evangelho de Jesus, esquecido de que os negócios escusos dos homens de consciência viciada também contam com entidades perversas, que se interessam por eles nos planos invisíveis. E transformei a mediunidade em fonte de palpites materiais e avisos mesquinhos.

Nesse momento, os olhos de Acelino ficaram vermelhos de repente, demonstrando profundo terror, como se ele revivesse grandes sofrimentos.

- Mas a morte chegou, meus amigos, e tirou-me da ilusão – continuou, mais sério. – Desde o instante do desencarne, os consulentes criminosos que haviam desencarnado antes de mim passaram a me rondar, exigindo palpites e orientações de cunho inferior. Queriam notícias de cúmplices encarnados, de resultados comerciais, de soluções referentes a ligações escusas.

Gritei, chorei, implorei, mas estava preso a eles por sinistros elos mentais, em virtude da irresponsabilidade para defender meu próprio patrimônio espiritual. Durante 11 anos seguidos resgatei minha falta entre eles, oscilando entre o remorso e a amargura.

Acelino se calou, parecendo mais comovido, tendo em vista o modo como chorava. Profundamente sensibilizado, Vicente observou:

- O que é isso? Não se atormente desse jeito. Você não matou ninguém, nem quis espalhar o mal propositadamente. A meu ver, você também se enganou, como vários de nós.

Acelino, porém, enxugou os olhos e respondeu:

- Não fui assassino nem ladrão vulgar, não tive intenção de ferir ninguém, nem desrespeitei o lar dos outros, mas, tendo encarnado para ajudar as pessoas, nossas irmãs, ajudando-as no crescimento espiritual com Jesus, só criei viciados da crença religiosa, mutilados da fé, delinquentes, e aleijados do pensamento. Não tenho desculpas, porque estava esclarecido. Não tenho perdão, porque não me faltou ajuda divina.

E, depois de longa pausa, conclui sério:

- Vocês podem imaginar o tamanho da minha culpa?

OUVINDO IMPRESSÕES

Deixando Acelino em conversa particular com Otávio, fui levado por Vicente a outro canto da sala.

Muitos grupos mantinham conversas interessantes e educativas e notei que quase todos comentavam os fracassos sofridos na Terra.

- Fiz tudo que pude – exclamava uma velhinha simpática para duas companheiras que a escutavam atentamente – No entanto, os laços de família são muito fortes. Eu ouvia sempre alguma coisa, com voz muito alta, em meu espírito, tentando me fazer cumprir minha tarefa. Mas, e o marido?... Nunca aceitou. Se os doentes me procuravam para os remédios comuns, sua perturbação nervosa se agravava. Se os companheiros de doutrina me convidavam para estudos evangélicos, ficava revoltado, ciumento. O que vocês pensam? Chegava a colocar minhas filhas contra mim. Como seria possível atender à tarefa mediúnica nessas circunstâncias?

- Sim, mas, - comentou uma das senhoras, que parecia mais segura de si – sempre temos recursos e pretextos para furgir às nossas responsabilidades. Vamos encarar as coisas com honestidade. Você há de convir que, com boa vontade, sempre lhe restariam alguns minutos na semana e algumas pequenas oportunidades para fazer o bem. Talvez você pudesse conquistar a simpatia do marido e a colaboração carinhosa das filhas, se trabalhasse em silêncio, mostrando sincera vontade de trabalhar. Nossos atos, Mariana, são muito mais contagiantes que nossas palavras.

- Sim – respondeu a velhinha, com voz diferente – concordo com você. Na verdade, nunca fui capaz de suportar a incompreensão da família sem reclamar.

- Para trabalharmos com eficiência – voltou a falar a companheira, sensata – é preciso saber calar, antes de tudo. Teríamos obtido sucesso em nossas tarefas, se tivéssemos usado todas as lições de obediência e otimismo que damos aos outros. Aconselhar é sempre útil, mas aconselhar demais pode indicar esquecimento de nossas próprias obrigações. Digo isso porque meu caso é muito parecido com o seu. Voltamos ao mundo para construir com Jesus, mas caímos na tolice de acreditar que estávamos lá para discutir nossos caprichos. Não executei minha tarefa mediúnica, em virtude da irritação que me dominou por causa da indiferença dos meus familiares pelos trabalhos espirituais. Aqui, nossos instrutores me recomendaram muito que, para ensinar, é necessário dar o exemplo. Entretanto, para meu azar, esqueci de tudo no trabalho temporário da Terra. Se meu marido fazia observações, eu rebatia. Em matéria de crença, não suportava qualquer opinião contrária ao meu ponto de vista, sem perceber a vaidade e a tolice dos meus gestos. Por não ser capaz de refletir, perdi minha última experiência, agravando muito minha situação. Quase todos os meses, eu e Joaquim discutíamos e trocávamos insultos fortes, além dos fluidos venenosos segregados por nossa mente rebelde e doentia. Entre os conflitos e suas consequências, passei o tempo sem poder atender qualquer trabalho de elevação espiritual.

Nesse instante, Vicente me chamou para apresentar um amigo.

Ao nosso lado, outro grupo de senhoras conversava animadamente:

- Afinal, Ernestina – perguntava a mais jovem delas – qual foi a causa do seu desastre?

- Apenas o medo, minha amiga, – explicou-se a outra – tive medo de tudo e de todos.

Foi o meu grande mal!

- Que coisa! Você foi muito bem preparada. Lembro-me ainda das nossas lições em conjunto. As instrutoras do Esclarecimento confiavam muito no seu trabalho. Seu aproveitamento era um exemplo para nós.

- Sim, minha querida Benita, suas lembranças me fazem ver, mais claramente, o tamanho do meu fracasso. Entretanto, não posso fugir à realidade. Fui culpada de tudo. Preparei-me o bastante para resgatar antigas dívidas e fazer novas construções. Contudo, não vigiei como devia. O chamamento ao serviço surgiu no momento certo, orientando-me para melhores esclarecimentos. Nossos instrutores me proporcionavam muito incentivo, mas desconfiei dos encarnados, dos desencarnados e até de mim mesma. Nos pesquisadores do plano físico, via pessoas de má fé. Nos amigos espirituais, via apenas zombeteiros fantasiados

de orientadores. E, em mim mesma, temia tendências menos dignas. Muitos amigos me julgavam séria, pelo rigor das minhas exigências, mas, no fundo, eu não passava de uma doente voluntária, carregada de aflições inúteis.

- Foi uma grande infantilidade da sua parte – argumentou a outra – você se esqueceu de que, no físico, o maior interesse da alma é a realização de algo útil para o bem de todos, com vistas à vida eterna. Nesse aspecto, é indispensável contar com o assédio de todos os contras. Ironias da ignorância, ataques da insensatez e sugestões inferiores de nossa própria animalidade surgirão, com certeza, no caminho de todo trabalhador fiel. São circunstâncias lógicas e certas do serviço, porque não vamos ao mundo psíquico para descansar sem razão, mas para lutar pela nossa melhoria, mesmo com todos os imprevistos e impedimentos.

- Agora entendo – disse a outra – mas o medo das mistificações me atrapalhou, minha amiga – disse ela – É tarde para lamentar. Temos tanto medo das mistificações que acabamos anulando os serviços do Cristo.

Eu ouvia a conversa com cada vez mais interesse, mas o companheiro me levou adiante para outras apresentações.

Relacionava-me com a sociedade de “Nosso Lar”, mas não perdia a oportunidade de me instruir, atento às conversas à minha volta. Alguns homens conversavam de forma discreta.

- Reconheço que fali – dizia um deles em tom grave – e muito já sofri nas regiões inferiores, mas aguardo novas oportunidades.

- Mas faltou orientação suficiente a você para ao caminho? – perguntou um companheiro.

- Vou explicar – esclareceu o primeiro – O que faltou foi o apoio da minha esposa. Enquanto a tive comigo, permaneci perfeitamente equilibrado psiquicamente. A companhia dela, não sei por quê, compensava todo o meu gasto de energia mediúnica. Minha noção de equilíbrio estava com minha querida Adélia. Mas eu me esqueci de que o bom trabalhador deve estar preparado para o serviço de Deus, em qualquer circunstância. Não aprendi a me conformar e nem aceitei ficar sozinho no mundo. Quando me senti sem a esposa dedicada, desencarnada, tive medo, por sentir-me desequilibrado e, equivocadamente, tentei substituí-la. Muito ligada a entidades perturbadas, minha segunda mulher, com as suas loucuras, levou-me a perversões sexuais de que nunca imaginei que fosse capaz. Voltei, sem perceber, a conviver com criaturas perversas e, apesar de ter começado bem, acabei mal. Meus desastres foram enormes. Entretanto, embora reconheça minha falha, entendo, ainda hoje, que o triunfo, mesmo no futuro, será muito difícil sem a esposa amada.

A conversa estava muito interessante. Queria continuar ouvindo-a, mas Vicente me chamou a atenção para outro assunto e eu precisava acompanhá-lo.

10 A EXPERIÊNCIA DE JOEL

Em outro canto da sala, acompanhei Vicente, que se dirigiu a um velhote simpático.

- Então, meu caro Joel, como vai? – perguntou, gentil.

O velhinho fez uma expressão triste e respondeu:

- Graças a Deus, sinto-me bem melhor. Tenho ido diariamente às aplicações magnéticas nos Gabinetes de Socorro, no Ministério do Auxílio, e estou mais forte.

- Não tem mais tonturas? – perguntou o companheiro, interessado.

- Agora são mais espaçadas e, quando surgem, não me deixam tão aflito.

Nesse instante, Vicente me olhou de forma muito lúcida, e disse, sorrindo:

- Joel também esteve no mundo em tarefa mediúnica e pode nos contar suas experiências interessantes.

O novo amigo, que me parecia um doente em recuperação, tentou dar um sorriso amarelo e disse:

- Fiz minha tentativa na Terra, mas fracassei. A luta não era pequena e fui fraco demais.

- Mas o que mais me impressionou no caso dele – observou Vicente em tom fraterno – é a doença que o acompanha até aqui e persiste até hoje. Joel passou muito tempo no Umbral, com muitas dificuldades, e voltou ao Ministério do Auxílio perseguido por alucinações estranhas, referentes ao passado.

- Ao passado? – perguntei, surpreso.

- Sim – explicou – minha tarefa mediúnica exigia sensibilidade mais apurada e, quando me comprometi a realizar o serviço, fui ao Ministério do Esclarecimento, onde me aplicaram um tratamento especial que me aguçou as percepções. Precisava de condições sutis para desempenhar meu trabalho. Amigos assistentes fizeram de tudo por mim e eu fui para a Terra com todos os requisitos necessários ao êxito de minhas tarefas. Porém...

- Mas por que perdeu as oportunidades? – perguntei. – Só por causa da sensibilidade aumentada?

Joel sorriu e respondeu:

- Não perdi por causa da sensibilidade, mas pelo mau uso dela.

- Como é? – falei admirado.

- Você vai entender sem dificuldades. Imagine que, com uma bagagem dessas, em vez de ajudar os outros, eu mesmo me perdi. Pelo que entendo agora, Deus nos concede a sensibilidade apurada como uma espécie de super lente, que o proprietário deve usar para definir roteiros, alertar para os perigos e vantagens do caminho, localizar obstáculos comuns, ajudando ao próximo e a si mesmo. Mas eu fiz o contrário. Não usei essa lente maravilhosa de um modo muito correto. Deixei-me empolgar pela curiosidade doentia e a apliquei apenas para aumentar minhas sensações. No conjunto dos meus trabalhos mediúnicos, estava a lembrança de experiências anteriores, como ferramenta indispensável ao serviço de esclarecimento coletivo e benefício aos outros, o qual eu teria a oportunidade de realizar. Mas existe uma ciência da memória que eu não respeitei como deveria.

Ele interrompeu a narrativa e meu interesse em conhecer sua história até o fim só aumentava. Em seguida, ele continuou:

- Ao primeiro chamado dos planos superiores, corri apressado. Sentia nitidamente a lembrança clara de minhas promessas em “Nosso Lar”. Tinha o coração repleto de projetos sagrados. Espalharia muito longe a vibração das verdades eternas. Contudo, nos primeiros contatos com o serviço, a excitação psíquica fez com que eu recuperasse várias lembranças adormecidas, como um disco sob a agulha da antiga vitrola, e lembrei toda minha penúltima existência, quando fui padre, com o nome de Monsenhor Alejandro Pizarro, nos últimos períodos da Inquisição espanhola. Foi aí que abusei da lente sagrada de que falei. O prazer das grandes sensações, que pode ser tão prejudicial quanto o álcool que embriaga, me fez esquecer os deveres sagrados. Percebia claridades espirituais elevadas. Desenvolvi a clarividência, mas só ficava satisfeito quando reconhecia companheiros visíveis e invisíveis de minha experiência como reliogoso. Obriguei-me a localizar cada um deles no tempo, fazendo questão de recuperar suas memórias, sem cuidar de aproveitar o trabalho construtivo. Minha

audição psíquica tornou-se muito clara, mas eu não queria ouvir os amigos espirituais falando sobre tarefas proveitosas. Queria apenas questioná-los, ousadamente, satisfazendo meus caprichos egoístas. Envolvido em pesquisas sobre a Espanha de meu tempo, perdi muito tempo fugindo de companheiros que vinham me pedir que trabalhasse pelo bem do próximo. Exigia notícias de bispos, de autoridades políticas da época, de padres amigos que haviam errado tanto quanto eu mesmo.

Não faltaram advertências. Com frequência, os colegas de nosso grupo espírita me chamavam a atenção para os problemas sérios de nossa casa. Eram sofrendores que batiam à nossa porta, situações que pediam trabalho cristão. Tínhamos um projeto para um lar para órfãos, um ambulatório que começava a se concretizar e, acima de tudo, serviços semanais de instrução evangélica nas noites de terças e sextas-feiras. Mas, que nada! Eu só queria saber de minhas descobertas pessoais. Esqueci que Deus me permitia aquelas lembranças, não para me satisfazer a vaidade, mas para que entendesse o tamanho da minha dívida com os necessitados deste mundo e me entregasse à obra de esclarecimento e conforto aos sofrendores. Ao contrário do que esperavam os amigos espirituais que me ajudaram a conseguir esta oportunidade, não me interessei pela doutrina e não me mexi para ajudar os outros. Na verdade, procurei apenas os que se encontravam ligados a mim, desde o passado. Para isso, descobri personalidades importantes de outros tempos, relacionadas comigo, com provas evidentes de identidade. Reconheci o senhor Higinio de Salcedo, grande proprietário de terras, que me havia protegido perante as autoridades religiosas da Espanha, reencarnado como proletário inteligente e honesto, em grande experiência de sacrifício individual. Revi o velho Gaspar de Lorenzo, figura traiçoeira de inquisidor cruel, que gostava muito de mim, reencarnado como paralítico e cego de nascença. E, desse modo, meu amigo, passei a existência, de surpresa em surpresa, de sensação em sensação. Eu, que havia reencarnado lembrando para construir algo útil, transformei a lembrança em vício de personalidade. Perdi a oportunidade bendita de renascença e o pior é o estado de alucinação em que vivo. Com o meu erro, minha mente se desequilibrou e as perturbações psíquicas são um grande sofrimento. Estou sendo submetido a tratamento magnético de longa duração.

Nesse momento, Joel empalideceu de repente. Os olhos, abertos em demasia, vagavam como se pudessem enxergar cenas impressionantes, muito longe de nosso ambiente. Depois cambaleou, mas Vicente o segurou rapidamente e, passando a mão em sua testa, disse com voz firme:

- Joel! Joel! Não se entregue às impressões do passado! Volte ao presente!...

Profundamente admirado, notei que o doente voltava ao normal, esfregando os olhos.

BELARMINO, O DOUTRINADOR

As lições eram muito interessantes. Traziam-me novos conhecimentos e com elas admirava cada vez mais, acima de tudo, a bondade de Deus, que dava a todos nós a oportunidade de restaurarmos o aprendizado para serviços futuros. Muitos de nós havíamos atravessado zonas inferiores de sombra e sofrimento. Uns mais, outros menos. No entanto, bastou reconhecermos a nossa inferioridade e a nossa imensa dívida para estarmos ali, todos reunidos em “Nosso Lar”, renovando energias desperdiçadas e refazendo programas de trabalho. Em todos os presentes eu via novas esperanças. Ninguém se sentia desamparado. Notando que vários médiuns continuavam trocando idéias interessantes sobre suas experiências, e ouvindo tantas observações sobre doutrinadores, perguntei a Vicente, discretamente:

- Não seria possível conversar com algum doutrinador para enriquecer meus conhecimentos? Obtendo informações com tantos médiuns, creio que seria muito interessante não perder esta oportunidade.

Vicente pensou um pouco e disse:

- Vamos procurar Belarmino. É meu amigo há alguns meses.

Segui o companheiro, passando por vários grupos. Belarmino estava num canto conversando com um amigo. De rosto sério, gestos lentos, transmitia grande tristeza no olhar humilde.

Vicente apresentou-me com carinho, dando início a uma interessante conversa. Depois de explicar alguns conceitos, Belarmino falou comovido:

- Quer dizer que você quer conhecer as amarguras de um doutrinador falido?

- Não é bem isso, – respondi sorrindo – gostaria de conhecer sua experiência, aproveitando sua palavra educativa.

- A missão do doutrinador é muito séria para qualquer homem. Não é por acaso que se atribui a Jesus o título de Mestre. Só aqui é que pude refletir nessa profunda verdade. Pensei muito e concluí que, para chegarmos a uma ressurreição gloriosa, por enquanto, não há outro caminho, a não ser o que fez o Divino Doutrinador. É preciso lembrar Sua atitude, abstenendo-se de qualquer apego aos bens terrenos. Não vemos Jesus fazendo outra coisa no Evangelho, a não ser o bem, ensinando o amor, acendendo a luz, disseminando a verdade. Já pensou nisso? Depois de longas reflexões, cheguei à conclusão de que, na vida humana, junto aos que administram e aos que obedecem, há os que ensinam. Assim, chego a pensar que, na Crosta, há mordomos, cooperadores e servos. Os que ensinam devem ser especialmente servos. Você me entende?

Ah, sim, havia entendido perfeitamente. Ah, os conceitos de Belarmino eram profundos, inquestionáveis. Aliás, nunca tinha ouvido tão belas considerações a respeito da missão de ensino.

Depois de intervalo rápido, continuou ainda sério:

- Você, com certeza, deve estranhar que eu tenha fracassado, sabendo tanto. Mas a minha triste tragédia é a de todos os que conhecem o bem, esquecendo-se de praticá-lo.

Calou-se novamente, pensou muito e prosseguiu:

- Saí de “Nosso Lar”, há muitos anos, com a tarefa de doutrinação no Espiritismo evangélico. Minhas promessas aqui foram enormes. Minha dedicada Elisa se dispôs a me acompanhar no trabalho. Seria minha companheira atenciosa, abençoada amiga de sempre. Minha tarefa seria de trabalho assíduo no Evangelho de Jesus, de modo a doutrinar, antes de tudo, com o exemplo e, em seguida, com a palavra.

Duas colônias vizinhas importantes enviaram muitos colaboradores para a mediunidade e pediram ao nosso Governador que cooperasse enviando missionários competentes para o ensino e a orientação.

Apesar do meu passado cheio de culpa, canditanei-me ao serviço com o aval do Ministro Gedeão, que não hesitou em me ajudar. Deveria desempenhar atividades referentes ao meu resgate pessoal e realizar tarefa importante, levando luz a nossos irmãos visíveis e invisíveis. Meu maior encargo era o de amparar os grupos mediúnicos, estimulando companheiros postos

na Terra para divulgar a imortalidade da alma. Entretanto, meu amigo, não consegui escapar das tentações. Desde criança, meus pais me ajudaram com noções do Espiritismo cristão. Várias circunstâncias, que me pareceram casuais, colocaram-me na presidência de um grande grupo espírita. Os serviços eram promissores, as atividades nobres e construtivas, mas exagerei nas exigências, levado pelo excesso de apego à posição de comando na doutrina. Oito médiuns, extremamente dedicados ao esforço evangélico, colaboravam comigo ativamente. Contudo, coloquei as provas científicas irrefutáveis acima de tudo. Fechei os olhos à lei do merecimento individual, esqueci a necessidade de esforço próprio e, vaidoso com meus conhecimentos do assunto, comecei a convidar amigos de mentalidade inferior para o nosso grupo, apenas por terem grande destaque na cultura filosófica e na pesquisa científica. Sem que eu percebesse, brotaram, em minha personalidade, estranhos desejos egoístas. Meus novos amigos queriam demonstrações de todo tipo e, ansioso por conseguir a simpatia de autoridades científicas, exigia dos pobres médiuns longas e insistentes investigações nos planos invisíveis. Os resultados eram sempre negativos, porque cada homem recebe, hoje e no futuro, de acordo com as próprias obras. Isso me irritava. Aos poucos, comecei a ter dúvidas. Perdi a serenidade de sempre. Comecei a ver os médiuns como companheiros de má vontade e má fé, retraindo-se aos meus caprichos. Nossas reuniões continuavam, mas, em dúvida, passei à descrença destruidora.

Não estávamos num grupo de intercâmbio entre o visível e o invisível? Os médiuns não eram simples aparelhos de comunicação dos defuntos? Por que não viriam aqueles que poderiam atender meus interesses materiais imediatos? Não seria melhor estabelecer um processo mecânico e rápido para as comunicações? Por que os espíritos se negavam a me ajudar na demonstração positiva do valor da nova doutrina?

Em vão, Elisa me convidava aos estudos evangélicos edificantes.

Mas o Evangelho é livro divino e não nos mostra seus tesouros de luz enquanto insistimos na cegueira da vaidade e da ignorância. Por isso mesmo, dizia que era uma velharia. E, de desastre em desastre, antes que me firmasse na tarefa de ensinar, as mentes brilhantes dos meios inferiores da Terra me arrastaram à completa negação. Do nosso grupo cristão me transferi, não para a política que eleva, mas para a política inferior que impede o progresso comum e estabelece a confusão entre os encarnados. Desse modo, escravizado ao dinheiro que me transformou os sentimentos, perdi muito tempo desviado dos meus objetivos básicos.

Assim fui, até que acabei meus dias com muito dinheiro no mundo, um corpo todo doente, um palácio de pedra e um deserto no coração. A lembrança de minha inferioridade religou-me a companheiros encarnados e desencarnados menos dignos e o resto você já pode imaginar: sofrimentos, remorsos, resgates....

Concluindo, afirmou:

- Mas, como não ser assim? Como aprender sem escola, sem recapitular o bem e corrigir o mal?

- Sim, Belarmino, - disse, abraçando-o - você tem razão. Tenho certeza de que não vim só para o Centro de Mensageiros, mas também a um lugar de grandes lições.

12

A PALAVRA DE MONTEIRO

Os ensinamentos aqui são variados. Foi Belarmino quem falou, dizendo de forma agradável:

- Há três anos seguidos venho ao Centro de Mensageiros e as lições são sempre novas. Tenho a impressão de que as bênçãos do Espiritismo chegaram cedo demais para os homens. Se eu tivesse menos confiança em Deus, acreditaria nisso.

Belarmino, que prestava muita atenção aos gestos do amigo, explicou:

- Monteiro tem grande experiência no assunto.

- Sim – confirmou ele – experiência não me falta. Também dei minhas cabeçadas na Terra. Como sabem, é muito difícil escapar da influência do ambiente quando estamos encarnados. São tantas as exigências materiais do mundo externo, que não consegui escapar do desastre doloroso.

- Mas, como? – perguntei, interessado em obter maiores conhecimentos.

- É que a variedade de fenômenos e as particularidades mediúnicas reservam grandes surpresas a qualquer doutrinador que possua mais idéias na cabeça do que sentimentos no coração. Em todos os tempos, o vício intelectual pode desviar qualquer trabalhador mais entusiasmado do que sincero. E foi isso o que me aconteceu.

Depois de ligeira pausa, continuou:

Não preciso dizer que também parti de “Nosso Lar” em missão de entendimento espiritual. Não ia para estimular fenômenos, mas para ajudar na caminhada de companheiros encarnados e desencarnados. O serviço era imenso. Nosso amigo Ferreira pode dizer, já que fomos juntos. Recebi toda a ajuda para iniciar minha grande tarefa e senti muita alegria com os primeiros trabalhos. Minha mãe, que havia se tornado minha mentora, não cabia em si de tão contente. Estava muito entusiasmado. Sob meu controle direto, estavam alguns médiuns de efeitos físicos, além de outros de psicografia e psicofonia, e o meu fascínio era tanto com o contato com os desencarnados, que me distraía completamente da essência moral da doutrina. Tínhamos quatro reuniões semanais, às quais comparecia sem falta. Confesso que sentia certo prazer na assistência aos desencarnados desequilibrados. Para eles, tinha sempre longos discursos decorados na ponta da língua. Aos infelizes, mostrava que sofriam por culpa própria. Aos mistificadores, recomendava firmemente que abandonassem a mentira criminosa. Os casos de obsessão eram tratados com paixão. Gostava de enfrentar obsessores cruéis para reduzi-los a zero com argumentos pesados. Outra característica forte, era o domínio que pretendia exercer sobre alguns sacerdotes católicos desencarnados, ignorantes das verdades divinas. Chegava ao cúmulo de estudar, pacientemente, longos trechos da Bíblia, não para pensar a respeito, mas para mastigá-los à vontade e depois vomitá-los aos espíritos perturbados, em plena sessão, com a idéia criminosa de falsa superioridade espiritual. O apego às manifestações exteriores me desorientou completamente. Acendia luzes para os outros, mas preferia os caminhos escuros, esquecendo-me de mim mesmo. Só quando voltei para cá pude perceber a gravidade da minha cegueira.

Por vezes, depois de longa doutrinação sobre a paciência, fazendo pesadas imposições aos desencarnados, abria as janelas da nossa casa para chamar a atenção das crianças que brincavam inocentes na rua. Instigava os espíritos perturbados a se manterem serenos para, logo depois, repreender senhoras humildes, presentes à reunião, quando não conseguiam evitar que alguma criança doente chorasse. E isso é o mínimo, porque, na minha loja, minhas atitudes eram inflexíveis. Raro era o mês que não mandava promissórias para protesto. Lembro-me de alguns comerciantes menos felizes que me pediam mais prazo, desculpas e proteção. Mas nada me fazia mudar de idéia. Os advogados conheciam minhas ordens. Passava os dias no escritório estudando a melhor maneira de perseguir os clientes em atraso, com preocupações e observações nem sempre muito corretas e, à noite, ia ensinar o amor aos semelhantes, a paciência e a doçura, exaltando o sofrimento e a luta como estradas de luz para Deus.

Andava cego. Não conseguia perceber que a encarnação, por si só, é uma sessão mediúnica permanente. Interpretava o Espiritismo a meu modo. Toda a proteção e garantia para

mim e valiosos conselhos ao próximo. Além disso, não conseguia tirar a cabeça dos espetáculos exteriores. Fora das sessões práticas, minha atividade doutrinária consistia em vastos comentários dos fenômenos observados, duelos verbais, narrações de acontecimentos diferentes, críticas rigorosas aos médiuns.

Monteiro parou um pouco, sorriu e continuou:

- De desvio em descio, o problema cardíaco me pegou completamente desprevenido da verdadeira realidade. Passei para cá, como louco necessitado de hospício. Era tarde quando reconheci que tinha abusado do dom da palavra. Como ensinar sem dar o exemplo ou dirigir sem amor? Entidades perigosas e revoltadas me esperavam depois do desencarne. No entanto, sentia comigo algo diferente. Meu raciocínio pedia socorro divino, mas meu sentimento se agarrava a objetivos inferiores. Minha cabeça fazia súplicas ao céu, mas meu coração se colava à Terra. Nesse estado triste, vi-me rodeado de entidades más que repetiam longas frases de nossas sessões. Com ironia, recomendavam-me serenidade, paciência e perdão para as faltas alheias. Perguntavam-me também porque não me afastava do mundo, se já estava desencarnado. Gritei, roguei, esbravejei, mas tive de suportar o sofrimento por muito tempo.

Quando o apego ao mundo material diminuiu, alguns bons amigos me trouxeram para cá. E imagine que eu ainda estava revoltado. Sentia-me contrariado.

Não havia promovido as sessões de intercâmbio entre os dois mundos? Não havia me dedicado ao esclarecimento dos desencarnados?

Percebendo minha irritação ridícula, alguns amigos me submeteram a tratamento. Não fiquei satisfeito. Pedi à Ministra Veneranda uma audiência, já que ela me havia patrocinado aquela oportunidade. Queria explicações que pudessem me satisfazer o capricho pessoal. A Ministra está sempre muito ocupada, mas é sempre muito atenciosa. Não marcou a audiência, já que era um pedido absurdo, mas, por gentileza extrema, foi me visitar um dia que estava descansando. Enchi seus ouvidos de lamentações. Chorei muito e, durante duas horas, ela me ouviu com paciência cristã. Em silêncio expressivo, deixou que eu me cansasse do discurso longo e inútil. Quando me calei, esperando palavras que alimentassem minha incompreensão, Veneranda sorriu e me respondeu:

- Monteiro, meu amigo, a causa de sua derrota não é complicada, nem difícil de explicar. Você se entregou ao Espiritismo prático, junto dos encarnados, mas nunca se interessou pela verdadeira prática do Espiritismo com Jesus, nosso Mestre.

Nesse instante, Monteiro fez longa pausa, pensou um pouco e falou, comovido:

- Desde então, minha atitude mudou muito, entendeu?

Confuso com a profunda lição, respondi mastigando as palavras, como quem pensa mais, para falar menos:

- Sim, estou procurando compreender.

PONDERAÇÕES DE VICENTE

Ainda não havia me cansado das lições, mas, para o momento, já havia aprendido bastante. Impressionado com o que pude observar, não insisti com Vicente para ficar mais tempo no Centro de Mensageiros.

Deixando grandes grupos conversando, renovando projetos e esperanças, segui o companheiro que me chamou para conhecer os imensos jardins. Roseirais enormes perfumavam o ar leve e límpido.

- Estou profundamente impressionado – comentei. - Quem diria que essas pessoas podiam ter tantas responsabilidades? Não conheci pessoalmente nenhum doutrinador espírita. Talvez por isso esteja tão surpreso.

Vicente sorriu e observou:

- Você vem das Câmaras de Retificação, André, onde os trabalhos são muito reservados e específicos. É por isso que tem essa impressão. Mas, com o tempo, você vai ver que existem aqui locais onde se discutem assuntos referentes a todas as oportunidades perdidas. Já visitou algum departamento do Ministério do Esclarecimento?

- Não.

- Ali ficam os enormes pavilhões das escolas maternas. São milhares de companheiras que comentam as tristezas da maternidade fracassada, tentando recuperar energias. Ali temos também os Centros de Preparação à Paternidade. Grandes grupos de homens analisam oportunidades desperdiçadas e lembram, com lágrimas, o passado de negligência. Nesse mesmo Ministério, temos ainda a Especialização Médica. Grandes profissionais da Medicina, que perderam oportunidades sagradas de elevação, discutem ali os seus problemas.

Nesse instante, interrompi e disse:

- Mas nós somos médicos e não estamos lá.

- Sim – explicou Vicente – porque nós dois fracassamos completamente. Não só como médicos, mas ainda mais como homens, pois, se contei a você o que passei, ainda não contei o que fiz.

- É verdade – concordei, decepcionado, lembrando minha condição de suicida inconsciente.

- Ainda no Esclarecimento – continuou ele – temos o Instituto de Administradores, onde os espíritos cultos procuram restaurar suas forças e corrigir os erros cometidos na administração terrestre. Nos Campos de Trabalho do Ministério da Regeneração existem milhares de trabalhadores que se renovam para recapitular tarefas de obediência.

- Somos muitos – continuou, sorrindo – os que falhamos nas missões terrestres e veja que todos os que chegaram a lugares como “Nosso Lar” devem se considerar muito felizes. Aqui temos dois Ministérios Celestiais: o da Elevação e o da União Divina. Sem que percebamos, sua influência sadia eleva o padrão dos nossos pensamentos. O estágio aqui, André, é uma bênção de Deus e, mesmo que trabalhássemos muito, nunca conseguiríamos retribuir à colônia tudo o que recebemos dela. Pela oportunidade de serviço de elevação, estamos em verdadeiro paraíso. Já outros companheiros nossos...

Fez longa pausa e continuou:

- Muitos estão em dolorosas experiências de aprendizado em regiões mais baixas. São prisioneiros infelizes uns dos outros, pela corrente de remorsos e lembranças negativas a que estão ligados. No que diz respeito à Medicina, são muitos os colegas que falharam espiritualmente. A saúde humana é patrimônio divino e o médico é o seu sacerdote. Aqueles que recebem o diploma, sem se utilizarem dele para o bem do próximo, pagam caro a negligência. E os que abusam dele são classificados como criminosos. Jesus não foi só Mestre, foi Médico também. Deixou, no mundo, o padrão de Deus para a cura. E oferecia socorro ao corpo e fé às almas. Mas nós, meu caro, em muitos casos, nem sempre aliviámos o corpo e, quase sempre, matamos a fé.

As palavras sensatas de Vicente eram como raios de luz em meu espírito. Era a mais simples e pura verdade. Ainda não havia pensado, de fato, em toda a grandeza do serviço divino do Jesus Médico. Ele expulsou febres malignas, curou leprosos e cegos de nascença,

levantou paráliticos, mas nunca ficou só nisso. Reanimava os doentes, dava-lhes esperanças novas, convidava-os a entender a vida eterna.

Estava perdido em pensamentos elevados, quando Vicente falou novamente:

- Tenho um amigo, também médico, que está nas zonas inferiores há alguns anos, perseguido por dois inimigos cruéis. Falhou seriamente como homem e médico. Era um excelente cirurgião, mas, assim que alcançou fama e respeito, encantou-se com o ganho fácil e caiu em desgraça. Em épocas de grandes negócios, desviava a mente das obrigações mais nobres, para colocá-la longe, com os banqueiros. Se não fosse a proteção espiritual, teria comprometido oportunidades encarnatórias de muita gente. Sua colaboração se tornou quase nula e alguns pacientes, que desencarnaram durante as cirurgias, percebendo sua irresponsabilidade, culpavam-no pela morte física. Isso quando não ficaram esperando morrer, cheios de ódio por ele. Alguns amigos ajudaram a explicar a situação a muitos, mas dois deles, mais ignorantes e maldosos, insistiram na atitude estranha e esperaram por ele depois da morte.

- Que coisa horrível... – exclamei – Mas se ele não é culpado pela morte desses adversários gratuitos, como pode ser perseguido desse jeito?

Em tom mais sério, Vicente explicou:

- De fato, ele não tem culpa da morte deles. Não fez nada para interromper-lhes a vida. Mas é responsável pela inimizade e incompreensão criadas naquelas mentes, porque, como não estava seguro do que devia fazer, nem em paz com a consciência, ele mesmo se julga culpado, em função de outros erros cometidos por irresponsabilidade. Todo erro enfraquece. Com isso, nosso colega ainda não conseguiu forças para se livrar dos adversários. Assim sendo, para Deus, ele não está resgatando crimes inexistentes, mas consertando certos erros graves, aprendendo a conhecer a si mesmo, a entender as obrigações nobres e praticá-las, entendendo, enfim, a felicidade que vivem os que sabem ser úteis com segurança e fé em Deus e em si mesmos. A noção de dever bem cumprido, André, mesmos que nem todos concordem, é uma luz firme para o dia e um travesseiro abençoado para a noite. Abusando da profissão, nosso colega entrou em prova dolorosa.

- Ah, sim – exclamei – agora entendo. Onde houver um erro, pode haver muitas perturbações, e, quando apagamos a luz, podemos tropeçar em qualquer obstáculo.

- Exatamente.

Vicente calou-se, andando muito tempo a meu lado como se estivesse surpreso. Como eu, olhando as avenidas enfeitadas de rosas. Depois de pensar um longo tempo, falou:

- Vamos voltar ao nosso núcleo. Creio que devemos falar com Aniceto ainda hoje sobre os nossos serviços.

14 PREPARATIVOS

À noite, Aniceto veio nos ver e disse:

- Amanhã vamos partir os três para serviços na Terra. Telésforo me deu algumas tarefas importantes, mas posso fazê-las sozinho, dando a vocês a oportunidade de ficar uma semana em experiência e serviço.

Fiquei muito contente. Voltei muitas vezes à minha cidade e à minha casa na Terra, mas nunca considerei a possibilidade de ajudar outras pessoas. Algumas vezes, enfrentei situações difíceis, em que antigos amigos passavam por problemas graves, mas não me senti em condições de ajudá-los de forma eficiente. Ainda me faltava técnica espiritual. Não tinha bastante confiança em mim mesmo. Percebendo meus pensamentos, Aniceto se dirigiu a mim de maneira especial:

- André, você ainda não pôde ajudar os amigos encarnados porque ainda não desenvolveu a capacidade de ver. É normal. Quando estamos encarnados, muitas vezes temos a tendência de observar apenas os efeitos, sem pensar nas origens. No mendigo, vemos apenas a miséria e, no doente, vemos apenas o corpo debilitado. É preciso identificar as causas.

Depois de pensar um pouco, continuou:

- Mas vamos procurar resolver isso. Amanhã de madrugada, venham ao Gabinete de Auxílio Magnético às Percepções, ao lado do Centro de Mensageiros. Vou providenciar para que tenham a visão melhorada conforme o necessário. Mas peço que recebam esse auxílio em prece e peçam a Deus que lhes dê o aumento do poder visual. Concientizem-se da importância desse dom sublime e, acima de tudo, enviem ao Pai um pensamento de devoção ao seu amor e aos seus serviços. Não quero induzi-los ao fanatismo inconsciente, pois não podemos abusar da oração como fazíamos na Terra, quando costumávamos usá-la para atender nossos caprichos, pedindo facilidades que só comprometeriam nosso próprio crescimento. Mas aqui, André, a oração é compromisso da criatura para com Deus, compromisso de testemunho, esforço e dedicação à Sua vontade. Entre nós, toda prece deve expressar, acima de tudo, sinceridade de coração. Em nossa condição espiritual, quem ora, sintoniza-se com as esferas superiores e recebe novas luzes para o caminho.

Diante da autoridade de Aniceto, não me atrevi a dizer mais nada e fiquei com receio até de externar qualquer pensamento.

O instrutor despediu-se com palavras carinhosas de amizade e incentivo.

Eu e Vicente tínhamos planos magníficos. Pela primeira vez, iríamos trabalhar pelos encarnados em geral. Tivemos pouco tempo para descansar à noite. Estávamos ansiosos para que amanhecesse, a fim de receber a aplicação magnética do Gabinete citado.

Poucas vezes orei com tanta emoção.

Inicialmente, os técnicos da instituição nos colocaram em ligação mental direta com eles e, em seguida, fizeram determinadas aplicações espirituais que ainda não compreendo completamente. Notei que a operação não afetava nossa consciência e aproveitei para fazer oração sincera, mais como compromisso de trabalho do que como súplica.

Depois de algum tempo, fomos liberados para sair quando quiséssemos.

A princípio, não percebi nada de diferente, embora sentisse nova coragem e alegria no coração. Meu ânimo estava renovado e meus sentidos de visão e audição pareciam mais claros.

Satisfeito, Aniceto nos esperava no Centro. Marcou nossa saída para o meio-dia.

Aguardei ansioso o momento.

Não saímos de “Nosso Lar” como os viajantes encarnados, geralmente carregados de pacotes e sacolas.

- Aqui – disse Aniceto – toda a nossa bagagem é a do coração. Na Terra, carregamos malas, bolsas, embrulhos, etc. Mas agora devemos levar intenções, energias, conhecimentos e, acima de tudo, vontade sincera de ajudar.

Alguns companheiros presentes riram com vontade.

Nesse momento, nosso instrutor fez algumas recomendações. Passou a chefia de turmas para um colega, deixou a programação de serviço e avisou que voltaria à colônia todos

os dias, por algumas horas, deixando-nos a mim e a Vicente trabalhando na Terra, em atividades que deveriam durar toda a semana.

Despedimo-nos dos colegas, cheios de esperança. Era a nossa primeira excursão de estudos e cooperação aos encarnados.

Quando saímos, Aniceto observou:

- Creio que a viagem será diferente para vocês. Com certeza, estão habituados à passagem livre, garantida, por ordem superior, para as atividades normais de nossa colônia e trânsito dos mais esclarecidos às vésperas de reencarnação.

- Como assim? – perguntou Vicente, admirado.

- Você não sabia? As regiões inferiores, entre “Nosso Lar” e a Terra, são tão grandes que exigem uma estrada ampla e bem cuidada, sempre em conservação, exatamente como as estradas mais importantes do mundo. Lá temos obstáculos físicos, mas aqui encontramos obstáculos espirituais. As vias de comunicação normais destinam-se ao intercâmbio necessário. Aqueles que estão em tarefas sagradas de rotina precisam ter trânsito livre e os que partem para nova reencarnação devem seguir em harmonia, sem contato direto com as emanções das regiões inferiores. A absorção de energias em desarmonia, acarretaria sérios desequilíbrios no seu renascimento e devemos evitar esse tipo de perturbação. Mas nós vamos em viagem de aprendizado e experiência. Por isso, não devemos usar os caminhos mais fáceis.

Percebendo nossa surpresa, Aniceto concluiu:

- Imagine um grande rio, separando duas regiões diferentes. Temos os trechos mais rasos, onde é possível atravessar com mais rapidez, e temos também várias passagens através de fundos precipícios.

Pelo rosto do instrutor, concluí que ele poderia voltar à colônia quando quisesse, sem encontrar qualquer obstáculo em lugar algum, em função de sua grande elevação espiritual, mas viajava como nós por dedicação à tarefa de ensinar. Vicente e eu não tínhamos padrão vibratório adequado ao grandes feitos. Éramos como a maioria dos habitantes da colônia, sem qualquer condição especial. Possuíamos apenas alguma capacidade de volitação, distantes de qualquer poder verdadeiro. Nunca tinha visto energia e humildade convivendo em tamanha harmonia. Aniceto nos dirigia com firmeza, sabedoria e pulso, mas não hesitava em fazer-se igual a nós, a fim de ajudar como companheiro dedicado.

Pensando nessa grande lição, em pleno impulso de vôo, observei as torres de “Nosso Lar” que iam ficando mais longe...

15 A VIAGEM

Depois de nos locomovermos rapidamente, vencendo grandes distâncias, surgiu uma região menos agradável. O céu estava coberto por nuvens grossas e alguma coisa, que eu não entendia muito bem, impedia que voássemos com facilidade. Creio que não acontecia o mesmo com Aniceto, mas Vicente e eu fazíamos um esforço enorme para acompanhá-lo.

Aniceto logo percebeu nossa dificuldade e comentou:

- É melhor caminharmos. A atmosfera começa a ficar muito pesada e não devemos estar muito longe de “Campo da Paz”. Não vamos precisar ir até lá, mas descansaremos no Posto de Socorro. Lá vamos encontrar o que precisamos.

- Mas, o que é isso? – perguntei, admirado com a profunda modificação do ambiente.

- Estamos entrando na região de vibrações mentais humanas mais fortes. Ainda estamos muito longe da Terra, mas já podemos sentir a influência mental da humanidade encarnada. Grandes perturbações ocorrem nestes planos e milhares de espíritos dedicados trabalham aqui em missão de ensino e consolo aos que sofrem. Em lugar nenhum falta o socorro de Deus.

Nesse instante, chegamos ao pico de uma grande montanha envolvida em neblina escura. No chão, víamos várias trilhas, como labirintos bem feitos. Percebendo nossa surpresa, Aniceto disse, otimista:

- Vamos!

Nesse momento, grande surpresa alegrou-me o coração. Contrastando com as sombras, raios intensos de luz deprendiam-se de nossos corpos. Grande emoção tomou conta de mim. Vicente e eu nos ajoelhamos juntos, chorando muito, enviando a Deus os nossos profundos agradecimentos, em pensamentos de imensa alegria. Estávamos entorpecidos de felicidade. Era a primeira vez que me cobria de luz, luz que saía de todas as células de meu corpo espiritual. Aniceto, que continuava em pé olhando-nos com alegria, falou, comovido:

- Muito bem, meus amigos! Agradeçamos a Deus os dons de amor, sabedoria e misericórdia. Saibamos demonstrar a Ele o nosso reconhecimento. Quem não sabe agradecer, não sabe receber e, muito menos, pedir.

Durante muito tempo, eu e Vicente permanecemos orando e chorando de alegria... Em seguida, recomeçamos a viagem, como se estivéssemos vestidos de luz sublime.

Aqueles caminhos eram muito diferentes do que havia conhecido até ali. Havíamos mergulhado num clima estranho, onde predominavam o frio e a ausência de luz solar. O terreno era cheio de paisagens misteriosas, como nos filmes fantásticos da Terra. Picos muito altos lembravam agulhas escuras, desafiando a imensidão. Continuávamos descendo, como viajantes beirando precipícios escuros, num país exótico e perigoso. De vez em quando surgia uma vegetação esquisita subindo do solo. Aves horripilantes apareciam, medrosas, enchendo o ar de sons angustiantes. Uma ventania forte soprava em todas as direções.

Aniceto, sempre gentil, sorriu com doçura e explicou:

- Todo esse mundo é continuação da Terra. Os olhos humanos vêem apenas alguns quadros da região, onde treinam para a verdadeira visão espiritual. Assim como nós que, mesmo olhando alguma coisa, não estamos vendo tudo.

Este, André, é um mundo diferente. A percepção humana só consegue captar algumas vibrações. Comparando as escassas capacidades humanas com a grandeza do universo infinito, percebemos o quanto são limitados nossos sentidos físicos. O homem recebe muito poucas notícias sobre o mundo em que vive. É verdade que tem feito grandes descobertas com a ciência. A astronomia sabe que o Sol é, aproximadamente, 1.300.000 vezes maior que a Terra e que a estrela Capela é 5.800 vezes maior que o nosso Sol. Sabe que Arcturo equivale a milhares de sóis iguais ao nosso e também que Canópus corresponde a 8.760 sóis reunidos. Mediu também as distâncias entre o nosso planeta e a Lua, acompanha certos fenômenos em Marte, Saturno, Vênus e Júpiter, sonda milhões de sóis aglomerados na Via Láctea, conhece várias estrelas, nebulosas espirais e difusas. E a observação humana não fica só no Macrocosmo. Vai também aos círculos atômicos, analisa a materialização da energia, o movimento dos elétrons, estuda o bombardeio de átomos e corpúsculos variados. Mas todo

esse trabalho, com a ajuda de lentes de alta potência e geradores de alta voltagem, não passa de observação dos aspectos exteriores da vida. No entanto, André, há outros mundos sutis, dentro dos mundos grosseiros, maravilhosas esferas que se interpenetram. O olho humano tem várias limitações e nem todas as lentes físicas reunidas conseguiriam captar a alma, que exige o desenvolvimento das capacidades espirituais para poder ser percebida. A eletricidade e o magnetismo são duas forças poderosas que apenas começaram a mostrar aos encarnados alguma coisa dos potenciais invisíveis, mas ainda é cedo para pensarmos em sucesso completo. Só o homem de sentidos espirituais desenvolvidos será capaz de perceber alguns detalhes das paisagens que vemos neste momento. A maioria dos espíritos ligados à Terra não entende essas verdades, a não ser quando perde os laços físicos mais densos. É da lei que não devemos ver o que não somos capazes de aproveitar de formar positiva.

Nessa altura, Aniceto se calou.

Comovido com as explicações, permaneci em profundo silêncio.

Agora via alguns vultos escuros em meio às sombras. Pareciam fugir apressados, misturando-se às trevas próximas.

Nosso orientador, cuidadoso, avisou:

- Vamos interromper a irradiação de luz de nosso corpo espiritual. Basta que pensem com firmeza nisso. Estamos atravessando extensa zona de desequilibrados e não é justo humilhá-los com a exibição de nossas capacidades.

Obedecendo a sugestão, percebi que o efeito era imediato. Os fios de luz que partiam do meu corpo apagaram-se instantaneamente. A excursão ficou menos agradável. Descíamos, de forma surpreendente, pelos despenhadeiros enormes. A sombra ficava mais densa e a ventania mais forte e impressionante.

Depois de um bom tempo andando em silêncio, vimos ao longe um grande castelo iluminado. Aniceto fez um gesto com o indicador e explicou:

- É um dos Postos de Socorro de “Campo da Paz”.

16
NO POSTO DE SOCORRO

Fiquei deslumbrado com a visão do lindo castelo! Incapaz de expressar o que sentia, acompanhei Aniceto em silêncio. Com grande surpresa, notei que a grande construção não estava sem defesa. O castelo era cercado por pesados muros que pareciam não ter fim.

Quem imaginasse uma instituição como aquela, localizada nos planos invisíveis, dificilmente pensaria em paredes daquele tipo. A noção de céu e inferno, profundamente arraigada na cultura popular, não deixa claro que os homens, de modo geral, não mudam com a morte física, assim como ninguém muda de personalidade, só porque muda de casa.

Espantado, notei que o nosso orientador tocou uma campainha escondida, disfarçada na muralha. Creio que, se Aniceto estivesse sozinho, não precisaria fazer isso, já que suas capacidades espirituais eram muito superiores à qualquer obstáculo mais denso. No entanto, estávamos com ele e, mais uma vez, por educação, não quis ser diferente de nós. Esconder a própria superioridade é gesto muito bem visto nas sociedades espirituais mais elevadas.

Dois assistentes atenderam a porta pesada, rodando-a nas ferragens, como aconteceria em qualquer construção mais antiga do plano físico.

- Olá, companheiros! – disseram ambos, ao mesmo tempo, olhando Aniceto com respeito.

Aniceto levantou a mão, que se encheu de luz nesse instante, e disse algumas palavras de amor, retribuindo a saudação respeitosa. Entramos.

Fiquei admirado! Pomares e jardins maravilhosos se estendiam até onde os olhos podiam alcançar. Ali, a sombra não era tão intensa. Sentíamos-nos envolvidos em suave luz de entardecer, graças aos grandes focos de luz radiante. E as surpresas continuavam na parte interior. Só agora percebia que a muralha escondia a maior parte das construções. Pavilhões enormes alinhavam-se como se estivéssemos numa grande cidade universitária. Várias turmas de homens e mulheres ocupavam-se em diversas atividades. Ninguém parecia notar nossa presença, tamanho o interesse com que se dedicavam ao trabalho.

Acompanhamos Aniceto pelas fileiras de árvores grandes, que pareciam carvalhos antigos.

Notei que, nesse Posto de Socorro, a natureza havia sido especialmente bondosa. Agora havia mais luz no céu e o vento era mais suave, sussurrando mansamente sobre o bosque. O instrutor, notando nossa admiração, explicou:

- Esta paz reflete o estado mental dos que vivem neste posto de assistência. Acabamos de atravessar uma zona de grande perturbação espiritual, que vocês ainda não podem perceber completamente. A natureza é perfeita em toda parte, mas cada lugar expressa a influência das criaturas que o habitam.

A explicação não poderia ser mais clara.

Chegando ao prédio central, construído como um castelo europeu dos tempos feudais, encontramos simpático casal.

- Meu caro Aniceto! – falou o homem, abraçando nosso orientador.

- Meu caro Alfredo! Querida Ismália! – respondeu Aniceto sorrindo.

Após os cumprimentos carinhosos, ele nos apresentou com gentileza.

O casal nos abraçou, demonstrando grande hospitalidade.

- Nosso querido Alfredo – continuou Aniceto, explicando – é o dedicado administrador deste Posto de Socorro. Há muito tempo consagrou-se ao serviço de ajuda aos ignorantes e perturbados!

- Ah, pare com isso! – respondeu Alfredo, fugindo dos elogios – não faço nada mais que cumprir meu dever.

E, como se quisesse mudar de assunto, prosseguiu atencioso:

- Mas que surpresa boa! Faz vários dias que não temos visitas de “Nosso Lar”! Ainda bem que vieram hoje, que Ismália também veio me visitar!...

Que estranho! – pensei comigo mesmo. Aquela senhora de rosto bonito não era sua esposa? Eles não viviam juntos ali, assim como na Terra? Mas antes que eu pudesse chegar a

qualquer conclusão, Alfredo nos levou para dentro. As escadas, feitas de algo muito parecido ao mármore, impressionavam pela beleza.

Entramos em grande salão com varanda espaçosa, mobiliado à moda antiga, onde as colunas estavam enfeitadas com hera florida, diferente da que encontramos na Terra. Os móveis, delicadamente esculpidos, formavam lindo conjunto. Admirado, observei as paredes, de onde pendiam quadros maravilhosos. Um deles, porém, me chamou mais a atenção. Era uma tela enorme, representando o martírio de São Dinis, o Apóstolo das Gálias, cruelmente torturado nos primeiros tempos do Cristianismo, segundo meus poucos conhecimentos de História. Intrigado, lembrei-me de ter visto um quadro idêntico àquele na Terra. Não era uma obra famosa de Bonnat, conhecido pintor francês moderno? Só que a cópia do Posto de Socorro era muito mais bonita. A lenda popular estava muito bem retratada nos mínimos detalhes. Com a cabeça decepada e o tronco seminu banhado em luz, o apóstolo fazia um grande esforço para erguer a própria cabeça que havia rolado a seus pés, enquanto os assassinos o olhavam completamente horrorizados. Do alto, descia um mensageiro de Deus, trazendo a ele a coroa e a palma da vitória. Naquela cópia, entretanto, havia uma luz profunda, como se cada pincelada tivesse vida e movimento.

Percebendo minha admiração, Alfredo falou sorrindo:

- Todos os que nos visitam pela primeira vez, ficam admirados com esta cópia magnífica.

- Ah, sim! – respondi – o original, se não me engano, pode ser visto no Panteão de Paris.

- Não, está enganado – explicou ele – nem todos os quadros, assim como nem todas as obras de arte, são originárias da Terra. É claro que devemos muitas obras-primas à criação humana, mas, neste caso, o assunto é mais transcendente. Aqui você vê a verdadeira história desta bela obra, que foi idealizada e executada por grande artista cristão, numa cidade espiritual ligada à França. No fim do século XIX, ainda encarnado, o pintor visitou aquela colônia em noite de grande inspiração, achando que tinha tido um sonho maravilhoso. Desde o momento em que viu a tela, não descansou enquanto não a reproduziu como pôde, em desenho que ficou famoso no mundo todo. No entanto, as cópias terrestres não têm a mesma pureza de traços e luzes e nem mesmo a reprodução que vemos aqui tem a mesma beleza imponente do original, que já tive a felicidade de ver de perto, quando organizávamos, aqui no Posto, algumas homenagens para a visita que do grande servidor do Cristo. Para poder cuidar de todos os detalhes, visitei pessoalmente a cidade espiritual de que falei.

Fiquei profundamente surpreso. Agora entendia o sofrimento dos grandes artistas, espiritualmente inspirados na criação de obras imortais. Agora percebia que toda arte elevada é sublime na Terra, porque traduz as visões maravilhosas do homem nos planos superiores.

Querendo, talvez, completar meus pensamentos, Alfredo comentou:

- O gênio construtivo expressa superioridade espiritual livremente na Terra. Ninguém cria sem ver, ouvir ou sentir, e os artistas de mentalidade superior costumam ver, ouvir e sentir as imagens mais elevadas do caminho para Deus.

E, olhando para Aniceto, exclamou:

- No entanto, acho que o momento não é para divagações. Vamos nos sentar. Vocês devem estar cansados da viagem difícil. Precisam descansar para repor as energias.

O ROMANCE DE ALFREDO

Depois de nos refrescarmos um pouco, Alfredo nos convidou para uma refeição, em que Ismália, com grande elegância, nos serviu algumas frutas.

O casal não poderia ser mais gentil.

Colaboradores íam e vinham, demonstrando grande alegria.

A conversa com Alfredo e os comentários de Ismália estavam cheios de observações interessantes e educativas.

- E o que acha dos serviços? – perguntou Aniceto, dirigindo-se a Alfredo.

- Excelentes, no que diz respeito às oportunidades de crescimento – respondeu ele – entretanto, não posso dizer o mesmo a respeito da situação atual. As zonas a que atendemos estão repletas de tristes novidades. Na Terra, a época atual é de muitos conflitos e as vibrações negativas que nos atingem são de enfraquecer qualquer espírito mais preparado. Encarnados e desencarnados empenham-se em lutas destruidoras. É uma pena.

- Está aumentando o número de necessitados que pedem socorro aqui? – continuou o nosso instrutor.

- Muito. Nossa produção de alimentos e medicamentos tem sido totalmente consumida pelos famintos e doentes. Tenho 500 colaboradores, mas não conseguimos dar conta do trabalho a fazer. As multidões de sofredores são enormes. Antigamente, nossa paisagem se mantinha sem sombras por várias semanas, mas agora...

Nesse instante, Ismália pediu licença para retirar-se. E como Alfredo me olhava, aproveitei para comentar:

- Ainda bem que você pode contar com a companheira dedicada ao seu lado.

Ele e Aniceto sorriram juntos, enquanto Alfredo me dizia:

- Ah, meus caros, por enquanto ainda não tenho essa felicidade. Eu e Ismália temos compromisso sagrado de união espiritual, mas eu ainda não posso ficar com ela o tempo todo. Ela já manifesta bondade superior, enquanto eu ainda estou mais próximo da realidade humana.

Depois de pequena pausa, continuou:

- Aniceto conhece nossa história, mas vocês, não. Ficarei feliz em contar algumas lembranças, para benefício de todos. Enquanto eu me desabafo, contando meus erros, vocês aproveitam as experiências para seus futuros serviços na Terra.

Ismália e eu tínhamos um tesouro de felicidade na Terra. No entanto, a maldade nos vigiava, esperando para nos roubar a alegria. Minhas responsabilidades nos negócios materiais eram enormes e, longe de entender meus deveres de pai e esposo, não fazia nada para cumprir minhas obrigações com a esposa e os dois filhos que Deus me deu. Ismália, porém, era quem sustentava o nosso lar. Mas eu me esqueci de que a virtude sempre pode ser atacada pela inveja e Ismália acabou vítima da maldade de um amigo desleal, com quem eu tinha vários interesses financeiros em comum. Por anos seguidos, minha esposa foi perseguida por ele em silêncio. E, quando meu sócio percebeu que sua estratégia não funcionaria, desesperado, resolveu envenenar-me contra ela. Começou por me alertar para o seu comportamento, deixando-me confuso com as acusações absurdas que fazia. Subornou empregados e colocou espiões para segui-la nas atividades de esposa e mãe. Esse homem exercia profunda influência sobre mim e, fiel aos laços que nos uniam, Ismália jamais foi capaz de denunciá-lo. Enquanto ouvia as calúnias fora de casa, a vida ía se tornando cada vez mais difícil dentro dela. Não sabia mais olhar Ismália com a despreocupação e a confiança de antes. Via o mal em seus menores gestos e ficava procurando segundas intenções em todas as suas palavras. Cheguei a acusá-la indiretamente. Ela chorou e se calou. Por fim, nosso perseguidor subornou um homem sem ética que, numa noite, ficou ao lado de nosso quarto, feito ladrão escondido, para me exigir o testemunho maior. Entrei no quarto completamente desesperado e acusei-a em voz alta ao vê-la profundamente tranquila. Ismália levantou-se preocupada com minha saúde mental, mas não dei atenção aos seus pedidos e saí procurando, como louco, aquele que manchava a minha honra. Abri com violência o armário antigo, vasculhando o quarto. Nesse instante, o vulto de um homem se esgueirou na sombra do cômodo ao lado e, antes que eu, cheio de ódio, pudesse pegá-lo, ele pulou a janela, saindo pelo pomar de nossa casa. Corri, desesperado, atirando a

esmo, mas nada consegui. Voltei ao quarto e, para cúmulo da calúnia, o desconhecido tinha deixado para trás um chapéu novo, bem moderno, para instigar ainda mais meus sentimentos desequilibrados. Com os olhos congestionados, vomitando insultos, quis matar Ismália, que chorava aos meus pés. No entanto, alguma coisa, que nunca pude compreender enquanto encarnado, segurou meu braço assassino. Gritando blasfêmias, sem ouvir seus pedidos, saí de casa, cheio de horror. No dia seguinte, tirei-lhe os direitos sobre os filhos e mandei-a de volta à fazenda dos pais, completamente arrasada. Contratei uma governanta para os meninos e, logo depois, tomei um navio para a Europa, onde fiquei por três anos. Nunca quis saber maiores detalhes sobre o caso e, embora vivesse sempre atormentado, engoli meus sentimentos mais íntimos, nunca procurando saber notícias da esposa caluniada. Um dia, recebi uma carta muito breve na França. Um parente me dava notícias de Ismália. Depois de dois anos muito difíceis de saudade e abandono, pegou tuberculose e desencarnou em meio a muito sofrimento. Então, decidi voltar e me mudei para o Rio novamente. Eduquei meus filhos e guardei a viuvez sofrida no coração. Os anos se passaram e, um dia, fui chamado pelo ex-sócio desenganado. O infeliz, pressentindo a morte, confessou o crime, pedindo-me um perdão que, infelizmente, nunca pude lhe dar. Desde então me transformei num louco incurável. Velho e cansado, procurei meus sogros na fazenda, na tentativa de me redimir da injustiça de alguma forma, mas a morte não me deu chance e desencarnei em tristes condições espirituais.

Nesse instante, ele fez uma pausa, para continuar, comovido:

- Não preciso dizer que Ismália me deu todo o amparo de que precisava. Mas, infelizmente, já estávamos separados. Não mereci a alegria da união sublime. Ismália me acompanha de perto, mas vive em plano superior, o qual me esforço para alcançar. Há muito tempo, decidi me dedicar aos ignorantes e sofredores e ela me visita todos os meses, incentivando e amparando meu espírito nas dificuldades.

- Mas ela não poderia se transferir para cá definitivamente? – perguntou Vicente, tão impressionado quanto eu com a história emocionante.

Alfredo sorriu e falou:

- Sei que Ismália tem trabalhado para isso, já que o superior está sempre em condição de ajudar o inferior, e que temos o mesmo ideal de união eterna, mas sei também que foi alertada, pelos nossos superiores, sobre minhas necessidades de esforço e solidão. Preciso conhecer o valor da felicidade para não menosprezar novamente as bênçãos de Deus. Minha esposa gostaria de vir morar comigo permanentemente, mas é necessário que eu me eleve e, por isso, ainda não tivemos a permissão para a união definitiva.

Percebendo nossa emoção, concluiu:

- Estou resgatando graves erros de precipitação. Perdi a paz, o lar e a esposa por causa de minha impulsividade descontrolada. Conforme ouviram, não matei, nem roubei ninguém, mas envenenei a mim mesmo. A calúnia é um monstro invisível, que ataca o homem pelos ouvidos desatentos e os olhos desprevenidos.

18 INFORMAÇÕES E ESCLARECIMENTOS

A volta de Ismália ao grupo impediu que continuássemos a conversa.

Aproveitando a oportunidade, Aniceto perguntou:

- E você acha que podemos continuar nossa viagem? Gostaríamos de chegar à Crosta ainda hoje.

Alfredo nos olhou de modo diferente e falou:

- Não quero atrapalhar seus planos, mas acho que é melhor passarem a noite aqui. Nossos aparelhos registram uma grande tempestade magnética se aproximando. Batalhas sangrentas estão ocorrendo na Crosta. Os que não estão nas linhas de frente, participam com palavras e pensamentos. Quem não luta com armas, luta com as idéias, comentando a situação. Poucos homens e mulheres continuam mantendo uma atitude espiritualmente elevada. Por isso, é natural que nuvens mais densas de resíduos mentais de encarnados irresponsáveis se espalhem, aumentando muito os conflitos destruidores.

Aniceto escutava com atenção.

- Não me preocupo com você – continuou Alfredo, dirigindo-se a Aniceto em particular – mas acho que os dois amigos teriam muitas surpresas desagradáveis.

- Tem razão – concordou Aniceto.

E, com expressão diferente, prosseguiu:

- Imagino o sacrifício que fazem os companheiros espirituais que trabalham para a preservação da saúde humana.

- São grandes trabalhadores – disse Alfredo. – De vez em quando, vou pessoalmente aos seus núcleos de atividade. Parece que a humanidade prefere continuar na infância. Faz e desfaz com os bens divinos, como se brincasse com bonecas. Esses companheiros suportam serviços bem pesados para que as tempestades magnéticas, invisíveis aos encarnados, não espalhem vibrações mortais, refletidas na miséria da guerra e nas várias epidemias. As colônias espirituais da Europa, principalmente as de nosso nível, estão tendo muitas dificuldades para atender as necessidades gerais. Já começamos a receber grandes grupos de espíritos desencarnados por causa dos bombardeios. Pela missão que tem, “Nosso Lar” ainda não pode imaginar o esforço que o conflito mundial vem exigindo de nós nas esferas mais baixas. Os Postos de Socorro de várias colônias ligadas a nós estão superlotados de europeus desencarnados violentamente. Fomos informados que as orações na Europa comovem até os mais altos colaboradores de Jesus. Os terríveis bombardeios na Inglaterra, Holanda, Bélgica e França são sucedidos por outros não menos violentos. Depois de repetidas reuniões dos nossos mentores espirituais, decidiu-se providenciar a remoção de, pelo menos, 50% dos desencarnados na guerra atual para os nossos centros americanos. Aqui, no nosso campo de concentração, temos mais de quatrocentos espíritos nestas condições.

- Mas não há problemas para socorrer essa gente? – perguntou Aniceto, em tom sério. - Como fica a questão da linguagem?

- Os serviços de socorro, apesar de intensos na Europa, têm sido muito bem organizados – explicou Alfredo. – Para cada grupo de 50 espíritos, as colônias européias nos mandam um enfermeiro-instrutor, com quem podemos nos entender diretamente. Desse modo, o problema não atrapalha tanto, já que nossa parte é fornecer pessoal de serviço e material de assistência.

- Mas não seria mais justo – perguntou Vicente – manter esses desencarnados nas próprias regiões de conflito?

Alfredo sorriu e explicou:

- Nossos instrutores mais elevados acreditam que essas aglomerações seriam fatais para os encarnados. Seriam como focos de energias doentias, com resultados imprevisíveis, já que muitos dos desencarnados nas zonas atingidas não conseguem evitar a angústia. Mas todos os que se encontram em condições de ser transferidos para cá, desde que tenhamos espaço, são retirados dali, sem perda de tempo, para que seus pensamentos perturbados não pesem ainda mais sobre as regiões sacrificadas.

Nesse meio tempo, Aniceto falou, explicando:

- É inútil os países do mundo voltarem aos massacres recíprocos. O erro de uma nação atingirá todas, assim como o grito de um homem perturba o bem estar de muitos. A neutralidade é um mito e o isolamento, uma ficção do orgulho político. A humanidade encarnada é uma família de Deus, como bilhões de outras famílias planetárias no universo infinito. De nada valem os desencarnes em massa causados pela guerra. Esses mesmos mortos pesarão espiritualmente para a Terra. Enquanto houver discórdia entre nós, pagaremos caro em trabalho e sofrimento. A guerra fascina a mente de todos os povos, inclusive nos planos invisíveis. Quem não empunha armas, dificilmente consegue evitar as palavras e os pensamentos destruidores. E todos nós pagaremos por isso. A lei divina determina que nos entendamos e amemos uns aos outros. Todos sofreremos as consequências do esquecimento dessa lei, mas cada um será responsabilizado pessoalmente pelo desentendimento que tiver causado no mundo.

Alfredo, que parecia pensar muito no que ouvia, comentou:

- É justo.

Depois de longa pausa, Aniceto voltou a falar:

- Na semana passada, estive pessoalmente em “Alvorada Nova”, que fica em zonas mais altas, e soube que, desde as primeiras declarações desta guerra, avançados núcleos da espiritualidade superior dos planetas vizinhos tomaram providências para a vigilância de suas fronteiras vibratórias conosco. Com isso, nos ensinam que devemos arcar, nós mesmos, com todo o mal que criamos. Somos obrigados a lavar, em nossa própria casa, toda a roupa que sujamos.

Todos nós rimos com a comparação.

Ismália, que continuava em silêncio, apesar da expressão séria que tinha no rosto, comentou com delicadeza:

- Infelizmente, quando vistos como um grupo, ainda somos como a Jerusalém presa ao erro. Somos curados por Jesus todos os dias e todos os dias nós o crucificamos novamente. Quase todas as nossas oportunidades têm sido transformadas em recapitulações fracassadas. Ainda não saímos da fase das experiências. E, infelizmente, no mundo, continuamos a ensaiar a política com os Césares, a justiça com os Pilatos, a fé com os Fariseus, o sacerdócio com os rabinos do Sinédrio, a crença com os Jairos que acreditam e duvidam ao mesmo, os negócios com os Anáses e Caifases. Nesse passo, não há como prever o que ainda pode acontecer.

Encantando com o comentário, arrisquei:

- Mas como é triste a destruição causada pela guerra!

- No entanto, - observou Alfredo - é nessas horas que a prece se transforma em luz mais intensa no coração dos homens. Bem que se diz que a estrela brilha mais nas noites mais escuras. Imaginem que, para as primeiras providências para receber os desencarnados em desespero, já fui mais de uma vez aos serviços de assistência na Europa. Há alguns dias, eu e mais alguns companheiros fomos aos planos invisíveis de Bristol para uma dessas expedições. A nobre cidade inglesa estava sendo sobrevoada por alguns aviões pesados de bombardeio. As perspectivas de destruição eram assustadoras. Mas, no meio da noite, pela visão espiritual, notamos um farol de intensa luz. Seus raios faiscavam no céu, enquanto as bombas caíam no solo. A chefia da expedição recomendou que descêssemos até o ponto luminoso. Surpreso, notei que estávamos numa igreja, que poderia parecer sombria aos encarnados, mas era altamente luminosa aos nossos olhos. Notei, então, que alguns cristãos mais corajosos reuniam-se ali e cantavam hinos. O Ministro havia lido a passagem do Atos dos Apóstolos, em que Paulo e Silas cantavam à meia-noite, na prisão, e suas vozes se elevavam aos céus, cheias de confiança. Enquanto as bombas explodiam lá fora, aquelas pessoas cantavam, unidas, em luminosa vibração de fé viva. Nosso chefe pediu que ficássemos em pé, em sinal de respeito e reconhecimento, diante daqueles espíritos heróicos, que lembravam os primeiros cristãos perseguidos. Ele também cantou os hinos e depois nos disse que os políticos contruiriam os abrigos antiaéreos, mas os cristãos é que construiriam os abrigos antitrevas.

- Às vezes, - concluiu Alfredo - é preciso sofrer para compreender as bênçãos divinas.

19
O SOPRO

Depois de vários comentários interessantes a respeito da situação dos encarnados, Aniceto voltou a falar de nossos serviços.

Muito gentil, Alfredo argumentou:

- Em virtude da tempestade, vocês poderiam ficar algumas horas conosco, saindo amanhã bem cedo.

E, para minha surpresa, concluiu:

- Vocês podem ir com o meu carro até onde for possível. Providencio um bom motorista e, com isso, vocês ganham um bom tempo.

Meu espanto era enorme. Embora conhecesse o trabalho dos Samaritanos em “Nosso Lar”, usando veículos de tração animal nos serviços de resgate nas regiões inferiores, e considerando as enormes dificuldades que tivemos para chegar ao Posto de Socorro, não imaginei que pudesse existir esse tipo de condução naquele lugar.

Depois vim a saber que os sistemas de transportes nas zonas mais próximas da Terra são muito mais diversificados do que se imagina, com base na utilização do eletromagnetismo.

Nosso orientador, que parecia pensar seriamente na situação, comentou, preocupado:

- O problema é que temos serviços urgentes na Terra. E Vicente e André precisam começar o estágio de aprendizado.

Alfredo sorriu e garantiu:

- Quanto a isso, não precisamos nos preocupar. Sempre há o que fazer. Onde existe espírito de cooperação, existe também o serviço divino. Nossos amigos poderiam nos ajudar, hoje mesmo, nas atividades de assistência. Eles podem nos acompanhar, por exemplo, nos trabalhos da prece, em que há sempre muito o que fazer e aprender.

- Excelente sugestão! – disse Aniceto. – A oração, individual ou coletiva, é sempre rica em ensinamentos.

- Aliás, - falou Ismália – não podemos demorar. – Está quase na hora.

Nesse momento, como se tivesse se lembrado, de repente, de algo importante, Alfredo disse à esposa:

- Precisamos prevenir Olívia e Madalena sobre as providências para a noite. Vamos precisar de mais alguns técnicos do sopro. Temos alguns doentes em estado grave, com fortes impressões físicas.

- Técnicos do sopro? – perguntei, espantado, antes que Ismália pudesse dizer qualquer coisa.

- Sim, André, - respondeu Alfredo – o sopro de cura, mesmo na Terra, é privilégio sagrado do homem. No entanto, quando encarnados, demoramos muito para tomar posse dos dons que nos pertencem. Geralmente, vivemos lá perdendo tempo em fantasias, acreditando em futilidades ou alimentando desconfianças. Se o homem encarnado pudesse compreender toda a extensão deste assunto, poderia criar processos soproterápicos muito eficientes no mundo.

- Mas esse dom está à disposição de qualquer espírito encarnado? – perguntou Vicente, surpreso como eu.

Alfredo pensou um pouco e respondeu:

- Assim como o passe pode ser aplicado, com grandes benefícios, por quase todas as pessoas, o sopro de cura também poderia ser utilizado pela maioria delas, com grandes vantagens. Entretanto, precisamos dizer que, seja como for, o esforço pessoal é imprescindível. Toda conquista elevada requer base séria. O bem divino, para se manifestar em ação, exige uma boa dose de boa vontade humana. Nossos técnicos não se formaram da noite para o dia. Treinaram e se esforçaram muito para adquirir experiência. Para tudo há um começo. São trabalhadores com grandes conquistas, ganham boas remunerações e são muito respeitados, mas, para isso, precisam manter a boca pura e as intenções elevadas.

Percebendo o interesse que suas palavras despertavam, Alfredo continuou:

- Para que o sopro funcione efetivamente entre os encarnados, é preciso que o homem tenha estômago sadio, boca habituada a falar do bem, sem falar do mal, e mente firme, interessada em ajudar. Com esses requisitos, teremos o sopro calmante e revigorante, estimulante e curativo. E com ele, pode-se transmitir também a saúde, o conforto e a vida na Terra.

E, como Vicente e eu não conseguíamos esconder a surpresa, Alfredo comentou:

- Isto não é novo. Jesus, além de tocar naqueles que curava, algumas vezes também lhes aplicava o sopro divino, que percorre toda a Criação. Todo texto sagrado, comentando os princípios da vida, refere-se a isso. Nunca pensaram no vento como sopro criador da natureza? De minha parte, tenho aprendido muitas lições a esse respeito, desde que cheguei a “Campo da Paz” em péssimas condições espirituais. Tanto que, como chefe deste posto, tenho incentivado a formação de novos técnicos, oferecendo compensações aos que decidem se especializar nessa área, que nem sempre é fácil para todos.

A essa altura, Ismália recebia algumas senhoras que se preparavam para o serviço.

Impressionado com o que ouvia, acompanhei de perto as providências tomadas.

Quando fiquei a sós com Aniceto, falei de minha grande surpresa. Ao que ele respondeu, confidencialmente:

- Vocês se esquecem que a própria Bíblia, falando das origens do homem, conta como Deus assoprou na forma criada para dar-lhe vida. Em relação aos encarnados, André, é preciso reconhecer que, mesmo sendo imperfeitos, se houver boa vontade, todo sopro com intenção de aliviar ou curar pode ser benéfico, porque todos nós somos herdeiros diretos do poder de Deus. Aliás, note também que não estamos falando de nenhuma exclusividade. Pelo jeito, você passou muito depressa pelo Ministério do Auxílio. Lá temos grande instituto especializado nesse serviço, onde colegas se dedicam a esse tipo de trabalho. No plano físico, toda boca bem intencionada pode prestar grande ajuda, mas só a boca pura e generosa é capaz de distribuir auxílio divino, transmitindo fluidos vitais de saúde e alívio.

Esperava que Aniceto continuasse, falando-me das qualidades magnéticas do sopro, mas Alfredo veio até nós, dizendo:

- Está na hora dos trabalhos de assistência e oração.

- Iremos com você com prazer – respondeu o instrutor, sorrindo.

Precisávamos interromper a lição para atender a outros deveres.

20 DEFESAS CONTRA O MAL

Descemos as escadas e, em frente às muralhas, pude ver a extensão das defesas do edifício. Aquela construção enorme era muito mais importante que a de qualquer castelo antigo, transformado em fortaleza.

Saindo, pude observar mais detalhadamente. Notei que, na verdade, havíamos entrado por uma torre de vigilância, identificando a arquitetura da construção. Via as linhas gerais com nitidez.

Mas o que mais me impressionou foram as fortificações. Podia ver a torre de mensagem, provavelmente dedicada ao serviço de resistência; a guarita aguda, elevando-se acima dos fossos de água corrente; a torre de vigia, bonita e ativa. Observei o caminho da ronda, o poço, as aberturas nas muralhas e, em seguida, as cercas e antemuros, refletindo a complexidade de toda a estrutura de defesa. E as armas? Notei que estavam em maquinário instalado ao longo dos muros, copiando pequenos canhões da Terra. E, emocionado, vi, no alto da torre de vigia, a enorme bandeira de paz, muito branca, tremulando ao vento como penacho de neve...

Alfredo percebeu o nosso espanto.

- Já sei a impressão que a nossa defesa causa a vocês – disse ele, parando para nos explicar.

Olhando-nos com atenção, continuou:

- Vocês, naturalmente, não imaginavam que fossem necessárias tantas fortificações. Como podem ver, a nossa bandeira é de harmonia e paz. No entanto, é preciso lembrar que estamos em seviço, o qual precisamos defender de qualquer maneira. Enquanto a lei universal de amor não dominar, é indispensável que se faça justiça. Nosso Posto está localizado aqui como ovelha no meio de lobos e, embora não possamos eliminar as feras, precisamos defender a obra do bem contra os ataques indevidos. As organizações dos espíritos dedicados ao mal são imensas. Não pensem que eles são todos ignorantes ou inconscientes. Em sua maioria são criminosos perversos. São entidades realmente diabólicas. Não tenham dúvida disso.

- Nossa! – exclamou Vicente, admirado – Mas por que se organizam deliberadamente para o mal? Por acaso, não sabem que todos os bens universais pertencem a Deus? Não reconhecem a soberania divina?

- Ah, meu amigo – falou Alfredo sério – fiz as mesmas perguntas quando cheguei aqui pela primeira vez. E as respostas que tive foram incisivas e definitivas. Poderíamos perguntar a mesma coisa na Terra. Os criminosos que fazem vítimas na guerra, os exploradores da economia popular, os avarentos egoístas, os sedentos de domínio indevido e os vaidosos cheios de presunção sabem, tão bem quando os nossos adversários daqui, que tudo pertence a Deus, que o homem é simples usuário dos bens divinos. Sabem também que os antepassados foram cobrados no momento da morte e que irão pelo mesmo caminho. No entanto, atormentam-se feito loucos na Crosta, amontoando ruínas futuras e abusando de oportunidades sagradas. Aqui vemos a mesma coisa. Querem dominar os outros antes de dominarem a si mesmos, exigem receber antes de dar e entram em conflito eterno com o espírito da lei divina. Instalada a luta entre a sua fantasia e a verdade de Deus, resistem às correções do Criador e transformam-se em verdadeiros gênios das sombras, até que, um dia, decidam mudar de rumo.

Intrigado com as profundas observações, perguntei:

- Mas qual a causa dessa atitude? Na Terra, até podemos entender certos enganos, mas aqui...

Alfredo não me deixou terminar e continuou:

- Na Crosta, nossos irmãos menos felizes lutam pelo domínio financeiro, pelas paixões desvairadas, pela supremacia de falsos princípios. Nestas zonas próximas da Terra, temos a mesma situação. Entre as entidades perversas e ignorantes, há cooperativas organizadas para o mal, sistemas econômicos de natureza feudalista, exploração negativa de certas forças da natureza, vaidades obsessivas, difusão de mentiras, escravização dos que se enfraquecem por invigilância, triste cativo de espíritos fracassados e irresponsáveis, paixões talvez mais

desvairadas que as da Terra, inquietação emocional, graves desequilíbrios mentais, sérios desvios do sentimento. Em todo lugar, meu amigo, os fracassos espirituais são sempre os mesmos perante Deus, embora a intensidade e o tom possam variar.

- Mas... e as armas? – perguntei – São realmente utilizadas?

- Claro! – disse Alfredo apressado – Não temos balas de aço, mas temos projéteis elétricos. Claro que não atacamos ninguém. Nossa tarefa é de socorro e não de extermínio.

- Mas qual o efeito desses projéteis? – perguntei impressionado.

- Assustam muito – respondeu ele, sorrindo – e, acima de tudo, demonstram o quanto nossa defesa é superior à sua ofensiva.

- Mas só assustam? – continuei perguntando.

Alfredo sorriu novamente e acrescentou:

- Podem causar a impressão de morte.

- Como é que é? – exclamei espantado.

Alfredo pensou um pouco e, considerando a seriedade dos esclarecimentos, colocou:

- André, André, se não estamos mais na carne, vamos desencarnar também os nossos pensamentos. As criaturas que se agarram às impressões físicas aqui, estão sempre criando densidade para os seus veículos de manifestação, da mesma forma que os espíritos dedicados às vibrações superiores estão sempre sutilizando esses mesmos veículos. Nossos projéteis, portanto, expulsam os inimigos do bem com vibrações de medo, mas poderiam causar a ilusão de morte, atuando sobre o corpo denso desses espíritos mais atrasados. A morte física não é uma ilusão na Terra também? Ninguém desaparece. O fenômeno é apenas de invisibilidade ou, às vezes, de ausência. Quanto à responsabilidade dos que nos matam, é outra coisa, assunto de alçada divina. Além disso, temos que considerar também que, nesta esfera, o corpo denso modificado pode reaparecer todos os dias, pela matéria mental destinada à sua produção, enquanto que, para obter um corpo físico, há espíritos que trabalham durante séculos, muitas vezes...

Vicente e eu nos calamos, chocados.

Alfredo sorriu tranquilamente e perguntou, bem humorado:

- Vocês conhecem a lenda hindu da serpente e do santo?

Como dissemos que não, ele continuou:

- Contam as tradições populares da Índia que existia uma serpente venenosa em certo campo. Ninguém se arriscava a passar por lá, com medo de ser atacado. Mas um santo homem, a serviço de Deus, foi até lá, confiando mais no Senhor do que em si mesmo.

A serpente o atacou, sem respeito algum. Mas ele a dominou com um simples olhar sereno e falou: - Minha irmã, manda a lei que você não faça mal a ninguém. A víbora se recolheu envergonhada. O sábio continuou seu caminho e a serpente modificou-se completamente. Procurou lugares habitados pelo homem, querendo reparar seus antigos crimes. Mostrou-se pacífica, mas, desde então, começaram a abusar dela. Quando perceberam sua submissão absoluta, homens, mulheres e crianças lhe davam pedradas. A infeliz se escondeu na toca, muito decepcionada. Vivia aflita, medrosa, desanimada. Um dia, o santo voltou pelo mesmo caminho e decidiu visitá-la. Espantou-se ao ver tanta ruína. A serpente, então, contou-lhe a história com muita tristeza. Queria ser boa, doce e carinhosa, mas as criaturas a perseguiram e apedrejaram. O sábio pensou, pensou, e, depois de ouvi-la, respondeu: - Mas, minha irmã, você se enganou. Eu a aconselhei a não morder ninguém, a não matar, nem perseguir, mas não lhe disse para não assustar os maus. Não ataque as criaturas de Deus, nossas irmãs no mesmo caminho da vida, mas defenda a sua parte no trabalho divino. Não morda, nem fira, mas é preciso manter o perverso à distância, mostrando-lhe os dentes e emitindo silvos.

Nesse momento, Aniceto sorriu de maneira expressiva.

Alfredo fez longa pausa e concluiu:

- Creio que a fábula dispensa comentários.

21 ESPÍRITOS DEMENTADOS

Muitos colaboradores nos acompanhavam no serviço. Vários carregadores se movimentavam, levando grandes garrafas d'água, caldeirões de sopa, frascos com remédios, em vários carrinhos de mão.

Mais adiante notei que centenas de entidades estavam acomodadas em grandes dormitórios, com os olhos perdidos e o rosto pesado, parecendo uma reunião de loucos num hospício gigantesco.

Alfredo deu algumas instruções de serviço aos técnicos do sopro, os quais se afastaram de nós para trabalhar em outra área.

Ele nos explicava que os benfeitores de "Campo da Paz" colocaram ali um grande número de espíritos doentes, mais desequilibrados do que propriamente maus. Os enfermos que víamos estavam em melhores condições. Já andavam e alguns até conversavam, apesar do desequilíbrio que ainda apresentavam nos pensamentos e palavras.

Esclarecia-nos sobre as diversas obrigações de rotina, quando algumas entidades se aproximaram.

- Sr. Alfredo, – disse um velho de barbas muito brancas – estou aguardando resposta para o meu pedido. Como ficamos com relação às minhas terras e aos meus escravos? Paguei muito bem ao Carmo Garcia. O senhor sabe que venho sendo perseguido há vários anos e não posso perder mais tempo. Quando volto para casa? Creio que o senhor está ciente da necessidade de eu voltar para a minha família. Minha mulher e meus filhos me esperam.

Como excelente médico da alma, Alfredo prestou muita atenção e respondeu, como se estivesse falando com pessoa equilibrada:

- Sim, Malaquias, você tem razão em reclamar, mas sua saúde não permite que volte apressadamente ao lar. Você sabe que sua esposa, D. Sinhá, pediu que você recebesse tratamento adequado aqui. Creio que ela deve estar muito tranquila. Mas suas idéias, meu amigo, ainda não estão bem coordenadas. Ainda temos algumas coisas a fazer. Por que se preocupar tanto com as terras e os escravos? A saúde em primeiro lugar, Malaquias! Não se esqueça da saúde!

O velho sorriu, como o doente que confia na firmeza e no otimismo do médico.

- Reconheço que o senhor tem razão, mas meus filhos não fazem nada sozinhos, são preguiçosos e precisam de mim por perto.

E, doutrinando delicadamente o pobre velhinho, Alfredo argumentou:

- Mas de onde saíram os seus filhos? Não vieram das mãos de Deus?

- Sim, sim... – afirmava o velho, trêmulo e satisfeito.

- Pois então, Malaquias. Há momentos na vida em que precisamos devolver a Deus o que pertence a Ele. Além disso, seus filhos também são responsáveis e, se forem preguiçosos, terão que arcar com os problemas que criarem em seu próprio caminho. Por ora, é indispensável que você se recupere, aclare as idéias e sossegue o coração.

O velho sorriu satisfeito, e, antes que pudesse falar de novo, um homem de muito boa aparência se adiantou, dizendo:

- E a solução do meu caso, Sr. Alfredo? Sinto que estou sendo prejudicado pelos parentes de má fé. Meus primos querem ficar com a minha parte na herança dos meus avós. Como já lhe expliquei, minha parte é maior que a dos outros. E, no entanto, soube que o Visconde de Cairu está usando toda sua influência contra mim. Todos sabem que ele é um grande velhaco. O que não poderia fazer com artimanhas políticas? Está mal informado a meu respeito. O senhor enviou meu pedido ao Imperador?

- Já despachei a mensagem – esclareceu Alfredo, com carinho – Com certeza, o Imperador vai considerar a solicitação.

- Entretanto, está demorando demais!... – disse o homem, impaciente, como se estivesse falando com um subordinado qualquer.

- Mas, Aristarco, - respondeu Alfredo, muito calmo – acredito que você está sendo testado para conhecer a grandeza da herança divina. Quanto valem os bens terrestres, perante os bens eternos? Não pense no que está perdendo; reflita nos bens sublimes que poderá

alcançar, diante da vida eterna. Esqueça os primos ambiciosos e o Visconde que não o compreendeu. Eles terão que deixar tudo o que possuem na Terra, para prestarem contas a Deus. Nunca pensou nisso?

Aristarco pareceu perder, por instantes, a inquietação, sorriu com franqueza e respondeu:

- É verdade! Os tratantes vão morrer um dia...

Uma senhora, demonstrando muita aflição, colocou-se à nossa frente e questionou, com arrogância:

- Sr. Alfredo, peço que não me segure mais aqui. Meu marido é nosso inimigo. Prometeu que perseguiria as filhas, assim que eu saísse de casa. Ficando aqui, tenho certeza de que acabará com os nossos bens, desmoralizando nosso nome. Por favor, permita-me voltar. Meu coração diz que minhas filhas estão desesperadas. Estou cada vez mais convencida de que minha doença é consequência de todos esses problemas...

- Já sei, minha irmã, - respondeu nosso amigo com o mesmo carinho – No entanto, de que adiantaria voltar ainda tão perturbada? Não seria melhor curar-se primeiro e tranquilizar o espírito para depois ajudar as filhas com eficiência?

- Mas eu nem sei onde estou – reclamou a senhora, torcendo as mãos – Creio que me trouxeram para o fim do mundo só para tratar um simples desmaio!

- No entanto, ninguém a maltrata – disse Alfredo, com bondade – e seu caso não é tão simples como parece. Tenha calma. Os laços de sangue são importantes, mas, acima deles, está a família universal. Há criaturas enfrentando problemas muito mais sérios que o seu. Aprenda, o quanto puder, a se desapegar de bens passageiros, para receber os bens eternos.

A infeliz não sorriu como os outros. Com a expressão fechada, saiu pisando duro, com os olhos faiscando de raiva, como se sua mente estivesse presa a algo muito distante, incapaz de compreender qualquer coisa.

Outros doentes se aproximaram, mas Alfredo falou em voz alta:

- Não posso atender a todos agora. Depois de amanhã, serão todos recebidos para explicações.

E, virando-se para nós, esclareceu com um sorriso:

- Na Terra, seriam todos considerados absolutamente normais. No entanto, aqui, são verdadeiros loucos. São desencarnados que, por muito tempo, se agarraram aos seus problemas inferiores. Pedem providências, sem considerar a oportunidade que menosprezaram; acusam os outros, sem pensar nos próprios erros. Tentei ouvi-los para dar a vocês uma idéia do nosso trabalho com os que se desequilibram mentalmente por excesso de preocupação com objetivos inferiores. Não é crime alguém se interessar pelas terras, pela herança, pelo bem-estar da família, mas, no fundo, o velhinho que reclama terras e escravos só pensa em tirania; o homem que espera pela herança só quer prejudicar os primos; e a senhora que pareceu tão interessada na família, decepcionou-se quando pretendia envenenar o marido na surdina. Conheço todos os casos, um a um. Acordaram de longo sono na inconsciência e pensam que ainda estão encarnados, achando que podem esconder suas verdadeiras intenções.

Eu estava perplexo. Demonstrando toda minha surpresa, perguntei:

- E esses doentes ficam muito tempo por aqui? Como chegaram ao Posto?

Sempre gentil, Alfredo respondeu:

- Estavam em piores condições quando foram recolhidos. Ficaram muito tempo em sono pesado e vão readquirindo a memória aos poucos, até que possam ser encaminhados para os Institutos Magnéticos de “Campo da Paz”, onde terão maior assistência e receberão esclarecimentos necessários.

22 OS QUE DORMEM

Seguimos por um caminho agradável de árvores, em direção aos grandes edifícios com linhas arquitetônicas especiais.

Sem que eu pudesse entender o que acontecia, as luzes foram diminuindo aos poucos. O que teria acontecido? Vicente e eu nos olhamos, assustados. Alfredo, Aniceto e os outros, no entanto, caminhavam sem surpresa. A serenidade deles me tranquilizou, apesar do grande espanto.

Mais alguns passos e chegamos aos pavilhões estranhos, que, pelos meus cálculos, se estendiam por uma distância de mais de 3 km. Lá dentro, as sombras aumentaram ainda mais. Distinguia, vagamente, o que havia no interior. Pelo que pude perceber, eram enfermarias com teto fechado, abertas na parte mais alta das laterais, para a circulação livre do ar.

Dezenas de trabalhadores dedicados nos seguiam em absoluto silêncio.

Alfredo era o único que falava, notando-se que se esforçava para ser muito discreto com as palavras.

Tudo isso me dava a impressão de ter entrado num cemitério escuro, onde os visitantes eram obrigados a demonstrar total respeito aos mortos.

Admirado, notei que um dos trabalhadores entregou pequena máquina a Alfredo, que nos explicou com gentileza:

- Este é o nosso aparelho de sinalização luminosa. Estamos no centro dos pavilhões onde se localizam os espíritos que ainda estão adormecidos. Atualmente, temos quase dois mil aqui.

Os numerosos cooperadores se dirigiram em ordem para a sua área de serviço.

Depois de rápida pausa, falou com firmeza:

- Vamos começar o trabalho de assistência.

Ao primeiro sinal luminoso de Alfredo, várias lâmpadas elétricas foram acesas e, então, contendo, com muito custo, minha primeira impressão de horror, vi grandes filas de leitos na altura do chão, todos ocupados por pessoas mergulhadas em sono profundo. Muitos tinham uma aparência terrível. Eram muito poucos os que tinham os olhos fechados, parecendo mais tranquilos. A maioria tinha os olhos vitrificadas, cheios de pavor e desespero pela morte, e a face pálida como cadáveres.

Lembrando da literatura antiga, pensei nos velhos túmulos egípcios. Tínhamos, à nossa frente, centenas de múmias perfeitas. Muito poucos pareciam dormir um sono natural.

Aproximando-se de nós, Alfredo disse a Aniceto, em particular:

- Infelizmente, não podemos atender a todos.

- Por quê? – perguntou nosso orientador, comovido.

- Estamos esperando pessoal treinado. Temos aqui 80 auxiliares para esse serviço, mas cada um só pode atender cinco doentes de cada vez. Em vista disso, entre os 1900 abrigados que temos, separei os 400 mais suscetíveis de despertar em breve, a fim de submetê-los a tratamento intensivo.

- E os outros?

- Recebem comida e medicamentos mais densos uma vez por dia.

Aniceto calou-se, pensativo.

Profundamente impressionado com o que via, instintivamente me debrucei sobre o doente mais próximo, tentando verificar seu estado físico. Percebi calor corporal, pulsação regular e movimentos respiratórios, embora notasse extrema rigidez dos membros, como se sofresse de catalepsia.

Fiquei chocado e, assustado, levantei-me e pedi a Aniceto, com a máxima discrição:

- Pelo amor de Deus, explique-me o que vemos aqui! Será que estamos nos planos da morte depois da morte?

O instrutor sorriu, compreensivo, e explicou em voz muito baixa:

- Sim, André, este sono é mesmo uma espécie avançada de morte. Aqui se encontram abrigados milhões de espíritos que ainda dormem. São aquelas criaturas que nunca se dedicaram ao bem ativo e renovador e, principalmente, os que acreditaram piamente que a

morte é o nada, o fim de tudo, o sono eterno. A crença na vida espiritual é atividade permanente da alma. A ferrugem corrói a enxada parada. O entorpecimento invade o espírito que não tem ideais elevados. Aqueles espíritos que, enquanto encarnados, crêem na vida eterna, mesmo que não sejam cristãos, estão desenvolvendo capacidades espirituais e voltam para o plano espiritual em estado mais animador, pelo menos no que diz respeito à locomoção e ao equilíbrio mental. No entanto, as criaturas que insistem na negação deliberada e absoluta, que nada vêem além do corpo físico, que não querem qualquer conhecimento espiritual, mesmo que estejam ligadas a cultos religiosos exteriores, são realmente muito infelizes. Muitos entram em nossas instituições como embriões de vida, no útero da mãe natureza. Um amigo nosso costuma chamá-los de fetos da espiritualidade. Entretanto, eu acho que estariam muito felizes se estivessem realmente nessas condições. Temos certeza de que muitos repudiaram qualquer contato com a fé, por triste indiferença à vontade de Deus. Dormem, porque estão magnetizados pelas próprias idéias de negação. Permanecem paralíticos, porque preferiram a rigidez, em vez do entendimento. Mas chegará o dia em que terão de se levantar e pagar as dívidas contraídas. Por isso eu os considero sofrendores. Inicialmente, permanecem no sono em que acreditaram, para depois acordarem. No entanto, a maioria não consegue escapar da perturbação e da enfermidade, como acontece também com os espíritos desequilibrados que vimos agora há pouco.

Estava muito espantado. Como Vicente também se aproximou para ouvir, Aniceto falou, explicando aos dois:

- A fé sincera é como ginástica para o espírito. Quem não exercita na Terra, de alguma maneira, preferindo a negação deliberada, mais tarde se verá sem movimento. Criaturas assim precisam de muito sono e repouso, até que despertem para estudar as responsabilidades da vida.

Percebendo que o nosso instrutor evitava fazer comentários mais longos, não coloquei mais nenhuma das dúvidas que me atormentavam a mente, para poder acompanhar de perto os trabalhos de assistência.

Com exceção de algumas senhoras que permaneciam com Ismália, todos os colaboradores se mantinham em vigilância, próximos aos grupos de espíritos paralisados. A luz artificial iluminava os leitos, que se perdiam de vista, mas notei que nenhum dos doentes reagia à intensa claridade. Continuavam rígidos, cadavéricos, prostrados.

Percebi, então, que Alfredo começou a movimentar o aparelho de sinalização para dar as ordens de serviço. Cada sinal representava uma operação diferente.

Vi os trabalhadores distribuírem pequenas porções de alimento líquido e medicação oral em silêncio absoluto. Em seguida, serviram pequenas quantidades de água fluidificada aos doentes, com exceção, porém, de muitos que pareciam aptos a receber apenas sopa e remédios. Dois terços dos 400 doentes em tratamento receberam aplicações de sopro curativo.

Cuidando para que fosse mantido o máximo silêncio, Alfredo transmitia todos os procedimentos de trabalho com a sinalização luminosa. Impressionado com o que via, perguntei a Aniceto, em voz baixa, por que alguns doentes não eram tratados com água, passe e sopro.

Aniceto, muito gentil, como se fosse um pai querendo acalmar o filho assustado, falou em meu ouvido:

- Na vida, André, cada um tem as próprias necessidades. Aqui entendemos bem essa lei da natureza.

23 PESADELLOS

Enquanto Alfredo continuava dirigindo os trabalhos, Aniceto pediu a sua permissão para nos levar aos leitos mais distantes, onde se localizavam os enfermos que não recebiam tratamento magnético.

- Precisamos aproveitar experiências e oportunidades – afirmou ele, sorrindo.

Nós o acompanhamos, curiosos, observando as expressões dolorosas e terríveis daqueles rostos cadavéricos.

Quando já estávamos a alguma distância do centro dos pavilhões, Aniceto explicou, em tom sério.

- Gostaria de saber até onde vocês aproveitaram as aplicações do Gabinete de Auxílio Magnético às Percepções. Para ajudar efetivamente aos encarnados, é preciso saber ver com clareza e precisão.

Apontando os doentes imóveis, acrescentou:

- Todos, nestes pavilhões, dormem o mau sono.

- Mas existe alguém que durma o bom sono nos planos espirituais? – perguntou Vicente, de repente.

- Sem dúvida – respondeu Aniceto. – Temos os que repousam por períodos curtos, como trabalhadores esforçados que esperam o descanso noturno com a serenidade dos que sabem trabalhar e descansar de consciência tranquila.

Fez uma pausa, estudando a melhor forma de explicar sem perder tempo, e disse:

- Mas esses não precisam passar pelos atendimentos de emergência de um Posto de Socorro, como os mais perturbados.

Em seguida, retomou a explicação e continuou:

- Quem dorme em desequilíbrio, alimenta pesadelos. Todos esses espíritos aparentemente mortos que nos cercam são presas de horríveis visões íntimas. Vamos ver qual foi o aproveitamento de vocês. Façamos algumas observações rápidas. Na terra, vocês examinavam o corpo, as vísceras e as células, também aparentemente mortas. Agora, auscultam a alma, sondam os sentimentos, analisam o plano mental.

E, com decisão, concluiu:

- Mãos à obra!

Indicando-me o corpo envelhecido de uma mulher, recomendou:

- Você, André, examine atentamente esta irmã. Não se preocupe com os acontecimentos exteriores. Observe-a com todas as possibilidades e percepções ao seu alcance.

Sinceramente interessado em aprender, não prestei atenção às instruções que Aniceto deu a Vicente.

Procurei esquecer o que estava à minha volta, concentrando-me naquele rosto feminino com todos os meus recursos mentais. À medida que me despreocupava dos outros interesses, notava a sombra cinza escura que ía se condensando em torno de sua testa. A visão parecia me ajudar na concentração. Percebendo que o fenômeno se acentuava, ignorei tudo o que estava no exterior. Espantado, comecei a ver formas em movimento dentro da pequena tela escura. Surgiu uma casa modesta de cidade humilde. Tive a impressão de passar pela porta. Lá dentro, uma cena terrível. Uma senhora de idade madura, com o rosto cruel imperturbável, lutava com um homem bêbado.

- “Ana! Ana!, pelo amor de Deus!, não me mate!” – dizia ele, suplicando, incapaz de se defender.

- “Nunca! Nunca vou perdoá-lo!” – exclamava a mulher, acrescentando, com voz sinistra:

- “Você vai morrer esta noite!”

E vi o pobre homem cair, exausto.

- “Você me envenenou!” – reclamava ele, chorando – “Perdoe-me se causei algum mal a você! Sou pai, Ana! Preciso viver para os meus filhos! Não me mate, por piedade!”

Ela ouviu com frieza e respondeu duramente:

- “Vai morrer assim mesmo. Tive o azar de amar justamente você, que pertence a outra mulher! Você não quis ir comigo e agora quero vingança!”

Contorcendo-se no chão, ele continuava:

- “Deus sabe que estou arrependido do meu passado criminoso! Quero viver para o bem, Ana! Perdoe-me, pelo amor de Deus! Quem sabe posso ajudá-la como irmão! Ajude-me para que possa ajudá-la. Não me mate! Não me mate!”

A mulher, porém, como se tivesse ficado ainda mais alterada ao ouvir falar de virtude, pegou um pesado martelo e exclamou:

- “Deus não existe! Deus não existe! Você vai morrer, canalha!”

E, de repente, encheu sua cabeça de marteladas surdas. O homem morreu sem dar um grito sequer.

Logo depois, vi a criminosa, com um carrinho de mão, levando o cadáver por uma trilha abandonada. Acompanhava-a com interesse. A noite estava muito escura, mas pude vê-la parar junto à ferrovia. Olhou em volta, certificou-se de estar sozinha e colocou a estranha carga sobre os trilhos. Percebi que posicionou o cadáver, de modo que a cabeça fosse decepada com a passagem do trem, e saiu correndo, levando o carrinho de volta. Não esperei pelo trem. Segui a mulher que me pareceu agitada e pensativa. No entanto, antes que largasse o carrinho no quintal, vi que ela arregalou os olhos como louca, cercada de seres que me pareciam bandidos vestidos de negro. Era ela, agora, que estava embriagada de medo. Havia vencido um pobre homem irresponsável, mas, pelo que pude ver, seria vencida por seres ainda piores do que ela.

- “Socorro! Ajudem-me!” – gritava, apavorada. E a cena continuava com ela suplicando inutilmente.

Senti-me como um observador que precisava fazer alguma coisa. E, graças à bondade de Deus, não tive pela mulher infeliz nada além de pura compaixão. Ao primeiro impulso de revolta pelo crime cometido, lembrei-me das lições recebidas em “Nosso Lar” e pensei que aquela mulher poderia ser uma pessoa querida para mim. Se Ana estivesse encarnada, ao meu lado, como parente de sangue, não iria querer ajudá-la? Por que, então, iria acusá-la, se não conhecia completamente o seu passado? Será que teve a oportunidade de um lar, educação, afeto sincero? Quem sabe não estaria vindo de várias outras vidas de incompreensão e sofrimento? Que laços a uniam àquele homem, também necessitado de piedade? Como teria começado aquele drama? Não sabia. Via apenas a pobre mulher rodeada de sombras agressivas, implorando socorro. Não sabia como ajudá-la, mas lembrei-me que Ana era minha irmã, filha do mesmo Pai, irmã que ficou doente nos caminhos da vida, sem que eu pudesse, pelo menos por ora, questionar a causa. Pensava, comigo mesmo, num modo de ajudá-la, quando, de repente, alguém me chamou.

Era Aniceto, que exclamava, bondoso:

- Venha, André! Você e Vicente estão indo muito bem. Estou satisfeito. Seus pensamentos de fraternidade e paz ajudaram muito esta pobre mulher. Tenha certeza disso e continue buscando a compreensão para socorrer e ajudar com sucesso. Como puderam ver por si mesmos, cada um dos que dormem sono atormentado aqui vive estranhos pesadelos, dos quais não pode escapar de uma hora para outra. Não precisamos comentar nada a respeito dessas encarnações vividas em oposição às leis de Deus. Basta lembrarmos sempre que, em qualquer lugar, a dívida acompanha o dever.

E, com olhar sugestivo, acrescentou:

- Vamos voltar ao centro dos pavilhões. Temos que ajudar na oração.

A PRECE DE ISMÁLIA

Em pouco tempo, estávamos reunidos ao grupo novamente.

Alfredo fez um sinal luminoso triangular e notei que todos os colaboradores se puseram em pé, em atitude de respeito.

- É o momento da oração no Posto de Socorro – disse ele, gentil, esclarecendo-nos.

O Sol já havia se posto, mas todo o céu refletia ainda a sua claridade dourada. Os tons do crepúsculo encheram o lugar com efeitos de luz maravilhosos, muito visíveis a nós agora, porque Alfredo, sem que eu soubesse dizer por quê, havia mandado apagar todas as luzes artificiais antes da oração. No centro dos pavilhões, havia somente sombra agora, mas o novo aspecto do céu, banhado de claridades sublimes, dava-nos a impressão de estarmos em maravilhoso palácio, em virtude do imenso teto azul iluminado à distância.

Profundamente impressionado, procurei me aproximar mais do grupo.

Do quadro de trabalhadores do castelo, apenas algumas senhoras estavam conosco, como se estivessem acompanhando Ismália respeitosamente. Os outros, homens e mulheres, ficaram em seus lugares de serviço, não muito longe das entidades adormecidas.

Notei que, embora tivesse sido convidado, Aniceto se recusou a comandar a oração, alegando que, por direito, essa função cabia à dedicada esposa de Alfredo.

Ismália, então, num gesto muito delicado, começou a orar, acompanhada por todos nós, em silêncio, frase por frase, de acordo com as instruções de Aniceto, que nos aconselhou repetir, mentalmente, cada expressão, a fim de dar o máximo de ritmo e harmonia às palavras, ao som e às idéias, numa única vibração.

- Senhor!, - começou Ismália, comovida – auxilie nossos humildes protegidos, enviando-nos a luz de Suas bênçãos sagradas. Aqui estamos, prontos para fazer a Sua vontade, sinceramente dispostos a seguir os Seus desígnios. Conosco, Pai, estão aqueles que ainda dormem, anestesiados pela negação espiritual a que se entregaram enquanto encarnados. Desperte-os, Senhor, se esta for a Sua sábia vontade, desperte-os do sono doloroso e infeliz. Acorde-os para a responsabilidade, para a noção dos deveres justos!... Bondoso Rei, tenha piedade de seus súditos sofredores! Criador compassivo, levante Suas criaturas caídas! Pai justo, desculpe Seus filhos infelizes! Permita que o orvalho do Seu amor infinito caia sobre o nosso humilde Posto de Socorro!... Seja feita a Sua vontade acima da nossa, mas, se possível, Senhor, deixe que os nossos doentes recebam um raio de vida do sol da Sua bondade!...

A voz de Ismália penetrava meu coração profundamente.

Observando-a, por um momento, reparei que havia se transfigurado. Luzes brilhantes irradiavam de todo o seu corpo, mas, em especial, do peito, onde parecia haver misteriosa lâmpada acesa.

Aproveitando a rápida pausa, observei os outros, verificando que acontecia o mesmo conosco, embora com menos intensidade. Cada um parecia ter ali um tipo de luminosidade, em vários graus. As senhoras que acompanhavam Ismália estavam quase iguais a ela, como se usassem maravilhosos vestidos de luz, em que predominava a cor azul. Depois delas, em brilho, vinha a luz de Aniceto, de um lilás impressionante. Em seguida, tínhamos Alfredo, com uma luz verde suave e sugestiva, sem grande esplendor. Depois dele, vinham alguns servidores com claridades coloridas muito bonitas na testa. E, logo depois, Vicente e eu mostrávamos uma luz fraca, a qual, no entanto, nos enchia de brilho intenso, considerando que a maioria dos colaboradores em serviço tinha o corpo obscuro, como acontece com os encarnados.

Com a voz pausada e comovente, Ismália continuou:

- Temos, ao nosso lado, Senhor, mães infelizes que não entenderam o sentido sagrado da fé, caindo, imprudentemente, em irresponsabilidade criminosa; pais que não conseguiram vencer o materialismo durante a encarnação, incapazes de perceber a sublime missão que lhes foi confiada; cônjuges desventurados pela incompreensão de Suas leis justas e generosas; jovens que se entregaram, de corpo e alma, ao chamado das ilusões!... Muitos deles atolaram-se no pantanal do crime, agravando dívidas dolorosas! Agora dormem, Pai, esperando por Seus desígnios. No entanto, Senhor, sabemos que este sono não se reflete em repouso para o pensamento... Quase todos os nossos abrigados são vítimas de terríveis pesadelos, por terem

se esquecido dos Seus mandamentos de amor e sabedoria na Terra. Sob a aparente rigidez, seu espírito se movimenta entre angústias que, muitas vezes, não podemos imaginar. Eles são, Pai, Seus filhos desorientados e nossos companheiros de luta, necessitados de Sua mão paternal para a jornada! Quase todos se desviaram do caminho reto por causa da ignorância que, como uma aranha gigantesca do mundo, tece fios de miséria, envolvendo destinos e corações! Pedindo Sua misericórdia para eles, rogamos também para nós a verdadeira noção de fraternidade universal. Ensine-nos a transpor as fronteiras de separação para que vejamos, em cada infeliz, um irmão necessitado do nosso esclarecimento. Ajude-nos a compreender, para que possamos abandonar todo impulso de acusação nas estradas da vida! Ensine-nos a amar como Jesus nos amou! Senhor, nós que aqui oramos, também fomos leprosos espirituais, cegos do entendimento, paralíticos da vontade, filhos pródigos do Seu amor!... Nós também dormimos, no passado, nos Postos de Socorro da Sua bondade!... Somos simples devedores, ansiosos por resgatar dívidas imensas! Sabemos que Sua vontade nunca falha e esperamos, confiantes, Sua bênção de vida e luz!...

Ismália fez uma pausa mais longa dessa vez. Enxuguei os olhos e notei que suave calor tomava conta de meu espírito. E a nova sensação de conforto era tão intensa que interrompi minha concentração para olhar à minha volta. Prestando atenção no alto, notei, maravilhado, que grande quantidade de flocos brancos, de vários tamanhos, caíam fartamente só sobre os que oravam. Tive a impressão de que eram derramados do céu em nossa testa, caindo com a mesma abundância sobre todos, desde Ismália até o último colaborador. Ainda não tinha me recuperado de toda a admiração, quando novo fenômeno me surpreendeu. Os flocos leves desapareciam assim que nos tocavam e, ao mesmo tempo, saíam, de nosso peito e de nossa testa, grandes bolhas luminosas, na cor característica de cada um, flutuando no ar e atingindo vários doentes. Também aí, notei a questão dos graus espirituais. As luzes emitidas por Ismália eram mais brilhantes, intensas e rápidas, alcançando vários doentes de uma só vez. Em seguida, vinham as luzes criadas pelas senhoras que a acompanhavam. Depois, tínhamos as de Aniceto, Alfredo e os demais. Os trabalhadores de corpo obscuro emitiam vibrações fracas, mas visivelmente luminosas. Cada um, naquele instante de sintonia com os planos superiores, revelava o valor da colaboração que podia prestar.

Notando minha surpresa, Aniceto me disse no ouvido:

- Na prece, encontramos a produção avançada de elementos-força. Eles vêm de Deus em quantidades iguais para todos os que se dão ao trabalho divino de pedir, mas cada espírito tem uma capacidade diferente para receber. Essa capacidade é a conquista individual para o mais alto. E, como Deus ajuda o homem pelo homem e atende a alma pela alma, cada um de nós só pode ajudar os semelhantes e colaborar com Ele com as qualidades de elevação já conquistadas na vida.

25 EFEITOS DA ORAÇÃO

A luzes da prece inundaram o ambiente. Em tudo vibrava, agora, uma claridade serena, doce, irradiante, muito diferente da luz artificial. Os flocos brilhantes que saíam de nós multiplicavam-se no ar, como se obedecessem a misterioso processo de divisão, e caíam sempre sobre os corpos estáticos e rígidos, dando a impressão de penetrar em suas células mais íntimas.

Eu estava muito espantado. Não cheguei a ver fenômenos desse tipo em “Nosso Lar”. Aliás, só tinha recebido reforço magnético para a percepção algumas horas antes da viagem.

A claridade crescia e se estendia num espetáculo maravilhoso.

Já havíamos saído do recolhimento destinado à concentração e emissão de energias vibratórias. No entanto, nossos corpos continuavam envolvidos em grande círculo luminoso. Ainda em silêncio, notei que a luz da oração se fazia mais clara, mais penetrante. Comecei a ver, como no caso de Ana, que, além do rosto cadavérico, todos aqueles corpos, em condições miseráveis, apresentavam focos de sombra, das mais variadas formas.

As bolhas luminosas caíam sem parar, mas agora, como se tivessem inteligência própria, concentravam-se, quase todas, sobre a testa dos doentes. Então, observei algo novo para mim. As múmias, já que não encontro palavra melhor para descrevê-los, começaram a dar sinais de vida. Alguns deles gemiam angustiados, outros, falavam em voz alta, narrando os pesadelos que os atormentavam, como se fossem sonâmbulos prestes a acordar. Muitos moviam os pés e as mãos, como se se esforçassem para sair daquele sono doloroso.

Profundamente surpreso, reparei que dois deles se levantaram, mais à distância. Lembrei que ambos faziam parte do grupo que havia recebido todos os tipos de assistência, inclusive o sopro curativo. Como loucos que acordassem de repente, eles nos olharam de longe e saíram correndo, apavorados, apesar de parecerem mais cadáveres ambulantes.

Admirado, notei que ninguém fez qualquer menção de segui-los. E, quando eu mesmo quis fazê-lo, instintivamente, Alfredo me impediu, dizendo:

- Não se preocupe. Eles ficariam muito assustados se soubessem agora que estiveram por muito tempo entre verdadeiras múmias. Acreditam que estão sonhando e é melhor assim. Não podem fugir de nossa instituição e voltarão a pedir socorro em outros departamentos, onde serão recolhidos para tratamento adequado.

Continuamos em silêncio mais alguns minutos e notei que as luzes foram se apagando aos poucos, enquanto os doentes iam voltando à imobilidade anterior.

Ismália deu por encerradas as orações e Alfredo, após sinal luminoso avisando os trabalhadores do término dos serviços, aproximou-se de nós e disse:

- Muito obrigado pela ajuda fraterna. Realizamos belo trabalho de assistência. Fazia alguns dias que ninguém se levantava.

Aniceto, percebendo nosso espanto, falou:

- Como viram, o trabalho da prece é mais importante do que se pode imaginar entre os encarnados. Não há prece sem resposta. E a oração que nasce do amor, não é apenas uma súplica. É verdadeira ligação entre o Criador e a criatura, representando a mais poderosa influência magnética que conhecemos. E já que estamos falando disso, vale dizer que o pedido maldoso também conta com enorme potencial de influenciação. Toda vez que o espírito se coloca nessa atitude mental, estabelece um vínculo entre os planos invisíveis e si mesmo. Se a oração carrega intenções positivas, venha de onde vier, irá diretamente para o Alto, buscando as bênçãos da vida superior, enquanto que os que oram com intenções negativas se ligam mentalmente aos entes maldosos dos planos inferiores, entrelaçando-se uns aos outros. No entanto, devemos destacar que toda prece impessoal, dirigida aos planos superiores, recebe resposta imediata, em nome de Deus. Sempre que nos dedicamos a esse tipo de tarefa, recebemos, das esferas mais altas, os elementos-força que revitalizam nosso íntimo, renovam-nos as esperanças e, em seguida, são exteriorizados por nós, carregando nosso magnetismo pessoal, com o desejo sincero de auxiliar com Deus.

E, querendo garantir que tínhamos compreendido, acentuou:

- Vocês viram cair sobre nós os elementos a que me refiro e observaram sua exteriorização com as luzes próprias de cada um, em benefício dos doentes que dormem e sofrem. Deus nos deu, em porções iguais, a capacidade de ajudar, mas nós a distribuímos de acordo com nossas próprias possibilidades e características individuais. Ismália, que tem sentimentos mais amplos e universalistas que os nossos, pôde captar, com mais proveito, o auxílio divino e distribuí-lo de forma mais abundante e eficiente. Esta é uma profunda lição. Como já disse, Deus auxilia os que precisam com a ajuda dos que O compreendem. Não podemos abusar do Senhor, como não abusamos dos nossos pais terrenos no mundo. Deus não vive ao sabor de nossos caprichos pessoais. Nunca poderia vir, pessoalmente, ajudar aquele que chora, contrariando as leis universais. Cabe ao necessitado ir ao reencontro dEle. Mas Deus atende sempre a todos os homens de boa vontade, por intermédio dos homens bons, que procuram crescer espiritualmente. Todos os nossos desejos e impulsos justos são atendidos pelas bênçãos paternas do Senhor. Ainda que insistamos em chorar e sofrer, jamais somos desamparados. Devemos apenas destacar que as respostas de Deus vão sendo cada vez maiores e mais diretas à medida que temos mais merecimento, cabendo a nós reconhecer que, para respostas assim, são usados todos aqueles que já têm, em si, a luz da bondade, ou o mérito e a confiança para ajudar em nome de Deus.

As explicações de Aniceto mostravam-me novos pontos de vista. Mas o instrutor ainda não tinha terminado a lição e, depois de longa pausa, concluiu:

- Já que vocês estão comigo em aprendizado de serviço de assistência, espero que aproveitem bem esta lição. Reparem que, nestes pavilhões, temos 1900 abrigados que dormem. Todos recebem alimento e medicação comuns diariamente, mas só 400 são atendidos com recursos especializados, por já estarem em maiores condições de melhora. Desses 400, apenas dois terços puderam receber passes magnéticos. Muitos não podem receber, ainda, a água fluidificada. Poucos receberam o sopro curativo e somente dois se levantaram, ainda assim, profundamente perturbados. Já que estão começando trabalho de assistência, não se esqueçam desta lição. Vamos todos fazer o bem, sem qualquer expectativa. Vamos distribuir o bem sempre e em toda parte, mas sem ficar exigindo qualquer resultado. O lavrador pode espalhar sementes à vontade e onde estiver, mas precisa entender que a germinação e o resultado pertencem a Deus.

26

OUVINDO TRABALHADORES

Notei que o trabalho no Posto de Socorro se desenvolvia em ambiente de perfeita harmonia, sem desprezar as noções de hierarquia.

Enquanto conversávamos animados, como mãe, Ismália recebia várias senhoras, muitas com o rosto envelhecido, parecendo mais suas avós. Aniceto nos passava importantes lições, tiradas de acontecimentos corriqueiros, e Alfredo recebia trabalhadores de todos os níveis, não só com solidariedade, mas também com grande afeto. Sorria carinhosamente ou dava explicações, sem a menor impaciência ou irritação.

Aquele clima de harmonia me fazia muito bem. Tudo transpirava ordem e compreensão, bondade e entendimento. A atitude paterna de Alfredo, transmitida com energia e amizade, organização e compreensão, exercia forte atração sobre mim.

Pedi licença a Aniceto para ouvir as explicações dadas àqueles trabalhadores.

Aproximei-me, impressionado.

Nesse momento, um colaborador simpático lhe dirige a palavra com grande interesse. Era um velhinho humilde, que falava demonstrando grande respeito.

- E o senhor recebeu notícias?

- Sim, Alonso, - dizia Alfredo, sem vacilar – nossos mensageiros me informaram dos mínimos detalhes. Sua esposa continua muito triste. Seus filhos estão bem de saúde, mas continuam ansiosos por causa da sua ausência.

O velho, que parecia muito bondoso, fez um gesto de confirmação e disse:

- Tenho sentido tanto a falta deles!

Tinha uma tristeza resignada nos olhos, como quem deseja algo, sabendo das dificuldades.

- Mas você, Alonso, - continuou Alfredo – não deve se angustiar. Sei que tem trabalhado pelo futuro da família. Enquanto pais na Terra, conseguimos tomar algumas providências pelos nossos filhos, entretanto, aqui, podemos trabalhar por eles com maior segurança. Nem sempre temos a visão correta no mundo, mas aqui já é possível sentir, mais de perto, os interesses eternos daqueles que amamos. O sentimento elevado é sempre um caminho seguro para nossa alma, mas não podemos dizer o mesmo do sentimentalismo cultivado no mundo. Você precisa ter muito cuidado para não se desorganizar mentalmente. A saudade que machuca, impedindo-nos de seguir a vontade de Deus, não é aconselhável nem útil, pois é doença do coração, levando-nos a cair em abismos do pensamento.

Alonso deixou de sorrir e, com os olhos rasos d'água, falou, suplicante:

- Reconheço a verdade de suas palavras, Sr. Alfredo. Graças a Jesus, estou melhorando minha vida mental com as novas tarefas que me deu e, de fato, venho me sentindo renovado espiritualmente. Sei que o senhor não me advertiria sem razão, mas atrevo-me a pedir licença para visitar minha família. À noite, quando me concentro para as preces habituais, sinto os pensamentos deles à minha volta. Esses pensamentos me atingem em cheio, atraindo toda minha atenção para a Terra. Às vezes, consigo descansar um pouco, mas com muita dificuldade. Sei que minha esposa e meus filhos estão tristes, chamando por mim. Esta certeza me perturba. Não tenho sentido a mesma disposição para o trabalho diário e gostaria de resolver o problema. Entendo que, no momento, minhas obrigações são outras e devo me conformar, mas confesso que minha luta espiritual não tem sido pequena. Estou certo de que perdoará minha fraqueza. Que chefe de família não se sentiria atormentado, ouvindo chamados tristes de casa, sem meios de atender, como gostaria?

E, demonstrando enorme angústia, enxugou os olhos e continuou:

- Gostaria de pedir a eles que tivessem calma e coragem, esclarecendo que ainda estou frágil e necessito de sua ajuda. Queria pedir que me auxiliassem nisso para que eu possa atender aos meus deveres atuais, sem fraquejar. Quem sabe o senhor me daria a permissão necessária? Temos um grupo de amigos espíritas bem perto de casa... Talvez não me fosse difícil transmitir algumas palavras, ainda que breves, tentando tranquilizá-los!...

Alfredo, sem se alterar, não negou o pedido. Parecia entender todo o sofrimento do colaborador simpático e humilde. Notei que, em seu olhar muito lúcido, havia o desejo sincero de cooperar e, solidário à sua atitude generosa, ouvi-o dizer:

- Creio que podemos atendê-lo, Alonso. Nossos mensageiros poderão levá-lo em uma das viagens de rotina. Entretanto, saiba que, como amigo, preocupo-me com o seu equilíbrio. Não posso abusar da autoridade e sei que cada um tem a experiência que necessita, mas creio que seria interessante que antes você fortalecesse o coração. É indispensável aceitarmos a vontade de Deus. Você e sua mulher não ficariam separados se não precisassem dessa experiência. As dificuldades que ela vem enfrentando com a sua ausência, você também sente pela separação. Tenho a impressão, Alonso, de que, às vezes, Deus nos deixa sozinhos para que possamos refazer o aprendizado, melhorando os sentimentos. E a solidão, quando bem aproveitada pelo espírito, antecipa o feliz reencontro. Além disso, você sabe que os filhos pertencem a Deus, que cada um deles precisa assumir responsabilidades e cuidar do próprio crescimento. Por enquanto, eles vivem tristes, desolados. Deixam-se envolver pela revolta. Seu lar ficou em grande desordem depois de sua vinda. Entretanto, que se pode fazer além de pedir a Deus que nos abençoe a todos? Eles precisam se conformar com a realidade justa e você, que já lhes deu o que era razoável, também precisa evoluir e aperfeiçoar-se no novo caminho a que foi chamado. Como seria, Alonso, se você permitisse que seu pensamento fosse completamente invadido pelo sentimentalismo doentio? Você está tão preocupado com a família carnal que, por enquanto, não consigo imaginá-lo com preparo suficiente para olhar com clareza o antigo lar, sem sofrer muito. Há algum tempo, autorizei dois colegas nossos a visitarem a Crosta, para reverem as viúvas e abraçarem os filhos, mas tiveram surpresas tão violentas que não puderam voltar aos trabalhos aqui, ficando agarrados ao lar no plano físico. Não vigiaram o coração como deviam. Prestaram atenção demais ao choro da família terrestre, deixaram-se envolver pelos pesados fluidos do clima doméstico e, depois de uma semana de licença, não conseguiram fazer a viagem de volta. Estavam como pássaros presos pelas teias das tentações. Para minha surpresa, os mensageiros voltaram ao Posto sem eles. E, sinceramente, não sei quando vão poder reassumir suas funções aqui. O prejuízo deles é enorme.

Depois de pequena pausa, Alfredo concluiu:

- Para vôos de grande altura, são necessárias asas fortes.

Alonso, que ouvia de olhos arregalados, disse, resignado:

- Desisto do pedido. O senhor tem razão.

Alfredo abraçou-o e falou:

- Deus o ilumine.

Muito admirado, reparei que outros colaboradores se aproximavam, pedindo explicações e informações, enquanto eu aproveitava o exemplo do chefe amigo, que respondia com voz firme e carinhosa, demonstrando interesse fraternal.

27
O CALUNIADOR

Enquanto Alfredo conversava com outros trabalhadores, Aniceto nos chamou a outro prédio pequeno e falou:

- Vejamos outro ensinamento.

Fomos em direção a algumas câmaras pequenas.

Nosso instrutor abriu uma porta e vimos um louco, que parecia profundamente irritado. Olhou-nos sem qualquer expressão e gritou histericamente. Aniceto, entretanto, aproximou-se dele e cumprimentou-o, dizendo:

- Como vai, Paulo?

Pelo que senti, as palavras tiveram certo poder magnético e o doente modificou-se profundamente. Acalmou-se, de repente, e sentou-se mais tranqüilo, embora ainda tremesse e demonstrasse muito medo.

- Está se sentindo melhor, Paulo? – perguntou Aniceto, bondoso, tocando-o no ombro.

Ao toque do instrutor, o doente mostrou alguma lucidez e respondeu:

- Vou melhorando, graças...

Em vista das reticências, Aniceto falou com firmeza, como se quisesse ajudá-lo a ter mais vontade:

- Termine!

O doente fez enorme esforço e concluiu:

- G...r...a...ç...a...s a D...e...u...s...

Vendo o seu sofrimento e indecisão, lembrei dos doentes das Câmaras, aos quais Narcisa prestava serviço carinhoso. Percebendo meus pensamentos, Aniceto falou:

- Vocês percebem a diferença entre os que dormem, os que estão loucos e os que sofrem? Em “Nosso Lar” não temos dos primeiros, e os desequilibrados que se encontram na Regeneração sentem, na maioria, angústias enormes. É necessário reconhecer que os que gemem e sofrem, em qualquer lugar, estão melhorando. Toda lágrima sincera é sintoma bendito de renovação. Os gozadores, irônicos e perturbados que não sentem dor são mais dignos de piedade, por permanecerem alienados em estranha rigidez de raciocínio.

E, apontando o homem à nossa frente, afirmou:

- Paulo é um doente a caminho da melhora. Ainda não tem consciência exata de sua situação, mas já chora e sofre com as lembranças de seu passado triste.

Recebi a explicação com atenção. Lembrei-me que, de fato, os doentes levados diariamente a “Nosso Lar” pelos Samaritanos eram grandes sofredores. Os que não apresentavam dores enormes, revelevam estranho pavor das sombras. A única entidade que vi lá, totalmente inconsciente da própria situação, foi um pobre vampiro que não recebeu asilo nas Câmaras de Retificação. Nosso instrutor, sem se incomodar em transformar o doente em cobaia, recomendou, carinhoso:

- Concentrem a visão em Paulo!

Estimulado pela experiência anterior com Ana, fixei nele todo o meu potencial de observação.

Aos poucos, pude observar sua tela mental, que parecia ser feita de sombras espessas. Surpreso, notei diversas formas em movimento. Vários vultos de mulher iam surgindo, causando-me grande admiração. Entre eles, reparei que estava Ismália, parecendo doente, enfraquecida, ansiosa. Alguns homens passavam também, demonstrando irritação, e, nessas imagens, notei o próprio Alfredo aparentando cansaço e velhice precoce. Vozes misteriosas eram ouvidas. Uma chuva de maldições e blasfêmias caía sobre Paulo. As mulheres pareciam acusá-lo claramente; os homens davam a impressão de serem perseguidores ferozes, ocultos no mundo interior daquele estranho doente. E, notando que os vultos de Alfredo e Ismália se movimentavam naquele painel escuro, não pude deixar de ficar curioso e interrompi o exame, voltando a falar com Aniceto, para perguntar:

- Qual a explicação para este fenômeno? Estou chocado!

E, antes que pudesse expressar melhor o espanto que sentia, Aniceto disse:

- Já sei. Você está estranhando a presença de Ismália e Alfredo nas lembranças dele.

E, diante de minha perplexidade, continuou:

- Lembrem-se da história de Alfredo? Este é o falso amigo que arruinou seu lar. Mas Paulo não cometeu só ingratidão, como também envenenou o espírito de outras mulheres, traindo outros amigos e destruindo a alegria e a paz de outros lares. Observando Ismália aflita e Alfredo desesperado em suas recordações, vemos as imagens criadas pelo caluniador para seus próprios olhos. Nossos amigos deste Posto progrediram, transpuseram as fronteiras da mágoa, escaparam ao domínio do ódio e hoje vestem-se de luz. Paulo, no entanto, ainda os vê como imagina, para correção de suas culpas. O criminoso nunca consegue fugir da verdadeira justiça universal, porque carrega o crime cometido consigo, para qualquer lugar. Tanto no plano físico, como aqui, o cenário real do espírito é o do mundo interior. Viveremos, de fato, com as criações mais íntimas de nossa alma.

Percebendo minha dificuldade para entender, de imediato, Aniceto prosseguiu, depois de pequena pausa:

- Para esclarecer melhor, vamos nos lembrar da crucificação do Mestre. Sabemos que Jesus alcançou a glória maior logo após a suprema dor do Calvário. Entretanto, ainda o vemos frequentemente pendurado numa cruz, martirizado pelos nossos erros, flagelado pelos nossos chicotes, porque a visão interior a isso nos força. A condenação de Jesus foi um crime coletivo e esse crime estará conosco até o dia em que nos vestirmos da divina luz da redenção.

A explicação não poderia ser mais clara. Sentia-me diante de grande revelação.

- O dever nos dá a bênção da confiança, mas a dívida nos traz o fantasma da cobrança – disse ele, sério.

Recuperando a serenidade, perguntei:

- Mas Paulo veio parar aqui por acaso?

- Não, – respondeu Aniceto – foi trazido pelo próprio Alfredo, que sentiu necessidade de educar os sentimentos. Nosso amigo, que hoje dirige esta casa de amor, desencarnou sob intensa vibração de ódio e desespero. Sofreu muito nos primeiros tempos, embora nunca tivesse sido abandonado pela dedicação de Ismália. Mas ele não pôde vê-la enquanto não se libertou das baixas manifestações de rancor. Socorrido em “Campo da Paz”, reconheceu as próprias necessidades. Assim que alcançou algum mérito, pediu pelo amigo infiel, procurou-o no Umbral e dedicou-se de forma tão profunda ao próprio crescimento interior, que conquistou posição de administrador de um Posto de Socorro. Trouxe Paulo consigo e hoje cuida dele como irmão. Não pensem que Alfredo conseguiu essa vitória espiritual apenas por querê-la. Ele a quis, procurou, alimentou e, agora, encontra-se em plena realização. Há muitos anos conversa com Paulo todos os dias. No começo, aproximava-se dele querendo apenas a reconciliação. Depois, com sentimentos de caridade. Mais tarde, alcançou entendimento, fazendo comparações. Em seguida, teve compaixão. Depois, passou a ter simpatia e, hoje, já tem conquistada a verdadeira fraternidade, o sublime amor de irmão pelo ex-inimigo.

Fazendo rápida pausa, voltou a dizer:

- Como vêm, o ensinamento de Jesus, quanto ao “batei e abrir-se-vos-á”, é muito profundo. Quando encarnados, insistimos em bater na porta das coisas exteriores, procurando facilidades e vantagens. Mas aqui, temos de bater na nossa própria porta, para encontrar a virtude e a verdadeira luz interior.

Vicente, que havia ficado calado até ali, perguntou:

- Mas Paulo vai ficar aqui indefinidamente?

Aniceto fez um gesto expressivo e concluiu:

- Voltará, em breve, à Terra. Ismália tem trabalhado muito para isso, porque não quer que ele, ao recuperar a lucidez plena, se sinta humilhado com a ajuda que recebe das próprias vítimas. Uma das mulheres que ele caluniou no mundo, já reencarnou e Ismália pediu-lhe que recebesse Paulo como filho, assim que fosse possível.

28
VIDA SOCIAL

À noite, surpreendia-me com o céu maravilhoso do Posto de Socorro. O luar, com o brilho de uma safira, envolvia todas as coisas. O céu parecia uma colcha de azul cristalino, pontilhado de astros brilhantes. As nuvens da tarde haviam desaparecido.

Aproveitando a beleza da noite, Alfredo comentou:

- Felizmente, as perturbações magnéticas foram desviadas de nosso Posto. No entanto, os aparelhos continuam registrando enorme conflito de forças inferiores.

Á comentar a beleza do céu, diante de suas palavras, quando a campainha tocou.

Alguém chamava na entrada. Alfredo e Ismália sorriram.

Muito gentil, o chefe do Posto afirmou:

- Temos visita de amigos de “Campos da Paz”.

E, convidando-nos à recepção na torre de vigia avançada, acrescentou com alegria:

- Aqui também temos a nossa vida social. Por que não? É preciso saber viver.

Encantado com esse toque alegre, acompanhei os donos da casa, notando, com surpresa, que tínhamos, à nossa frente, um belo carro puxado por dois cavalos maravilhosos. Tratava-se de veículo confortável e interessante, quase idêntico aos antigos carros de serviço público do tempo de Luís XV, como os que vi, mais de uma vez, em livros antigos. Nesse carro vinha pequena família da colônia vizinha, que, pelas informações de Aniceto, ficava a, aproximadamente, 16 km do Posto.

Alfredo nos apresentou, muito gentil, com exceção de nosso instrutor que era velho conhecido dos recém-chegados.

Os visitantes eram o casal Bacelar e suas duas filhas. O chefe da família parecia mais velho, demonstrando, porém, excelente disposição. A senhora dava a impressão de estar na idade madura, aparentando, entretanto, muita vivacidade, assim como as duas moças.

A alegria era enorme. Não se via qualquer convencionalismo inferior como na Terra. Os gestos, a simplicidade, a descontração e as frases carinhosas de todos demonstravam pura sinceridade. Estávamos numa reunião social onde não havia lugar para o fingimento.

Voltando para dentro de casa, entre muitas alegrias, observei que os recém-chegados eram amigos de muito tempo, que vinham visitar Ismália. Ela parecia estar muito contente. Enviou recados a algumas famílias do Posto e, em pouco tempo, a casa recebia várias pessoas que participavam do agradável ambiente.

Sentindo-me muito insignificante ao lado dos novos amigos, limitava-me a ouvir e observar.

Logo no começo da conversa, ouvi Aniceto perguntar ao sr. Bacelar:

- E como vai o serviço?

O velho bondoso respondeu com um grande sorriso:

- Bem, sempre bem. Só não podemos dar muita atenção aos encarnados.

E acrescentou com graça:

- É indispensável aprender a ajudar e ir adiante.

Aniceto sorriu também e observou:

- Entendo... Aliás, é melhor que não nos iludamos, pois o progresso humano não é uma questão de dias.

E, percebendo que Vicente e eu poderíamos aproveitar a conversa, apontou o novo hóspede de Alfredo, explicando:

- Nosso amigo Bacelar é chefe de turmas de assistência a encarnados. Tem longa experiência com os homens e conhece-os como ninguém. Há muito o que aproveitar de seus comentários.

- Nem tanto, meus caros, - disse o sr. Bacelar, com bom humor - nem tanto. Sou apenas um companheiro de vocês, cumprindo deveres, graças à vontade de Deus. Não posso fazer muito, em virtude de meus próprios defeitos.

- Temos certeza de que podemos ganhar muito com as suas palavras - respondeu Vicente, calado até ali.

- Tudo o que nos disser sobre a questão da assistência será, para nós, importante lição – disse eu.

O novo amigo olhou-nos com inteligência e perguntou:

- Vocês eram médicos na Terra?

- Sim – respondemos juntos.

O sr. Bacelar pensou um pouco e acentuou:

- Sempre gostei de conversar com as pessoas, usando os símbolos que a Medicina nos oferece. Mas, no que diz respeito às minhas atividades, não teria muito o que dizer a médicos atuantes.

- Pelo contrário, – argumentei – seus esclarecimentos nos serão muito úteis.

O sr. Bacelar sorriu, otimista, e declarou:

- Não acredite nisso. Pense em seus doentes comuns. Raramente se lembram da medicina preventiva. Quase sempre esperam a confirmação de doenças para buscar o tratamento necessário. Precisam de anestésicos para as cirurgias. Fogem dos cuidados assim que há alguma melhora. Abandonam o tratamento assim que notam algum sinal de cura. Detestam a dor que ajuda a restabelecer o equilíbrio. Não querem saber de medicamentos purgativos. Preferem a medicação de sabor agradável. E, acima de tudo, quase sempre pretendem saber mais que os médicos. Em nossa área de trabalho, este resumo representa bem um programa de assistência a espíritos doentes, encarnados na Terra, com sérios agravantes, porque, nesses casos, não podemos manipular a alma, como o cirurgião que opera as amígdalas. Somos obrigados a preparar campo mental conveniente, semeando pensamentos novos, cuidando para que germinem e dêem bons brotos, aguardando o trabalho do tempo. Nossa luta não é simples, porque, se o médico encarnado encontra familiares amorosos, dispostos a ajudá-lo em benefício do doente, nós só encontramos elementos contrários ao nosso trabalho de cura e restabelecimento. Em geral, o médico do mundo ajuda a quem quer ser ajudado, pelo menos nas ocasiões mais perigosas. Mas nós, meus amigos, muitas vezes temos que dar assistência a quem não a quer, por viver em profunda ignorância.

- Tem razão – falei indeciso diante de colocações tão lógicas – Mas, o que nos consola é a certeza de que há muitos colaboradores encarnados dispostos a ajudar na tarefa.

O sr. Bacelar fez um gesto significativo e falou:

- Nem sempre. A colaboração é outro problema. A maioria dos companheiros que se dispõem ao serviço partem daqui prometendo muito, mas preferem viver descansados no mundo. Poucos fogem a essa regra. Raramente encontramos encarnados com bastante vontade para amar o trabalho pelo trabalho, sem pensar em recompensa. A maioria busca remuneração imediata. Nessas condições, não percebem que sua mente fica escura, abarrotada de coisas inúteis. Por insistirem em viciar o raciocínio, confundem também a visão. Enxergam tempestades onde só há céu tranquilo, montanhas de pedra onde o caminho é de luz. De pequenos enganos em pequenos enganos, vão se cercando de grandes fantasias. Daí em diante, a recapitulação das experiências físicas leva-os, com mais força, às satisfações materiais e, nesse ponto, muito poucos conseguem voltar ao dever, refletindo na grandeza das bênçãos divinas.

O sr. Bacelar fez uma pausa e concluiu:

- E o “desculpismo”? Nessa questão de assistência espiritual, vocês verão, um dia, quantos pretextos são inventados pelos encarnados para fugir ao trabalho da verdade divina, nas tarefas que lhes competem. Os que dirigem alegam excesso de responsabilidades e os que são dirigidos dizem faltar melhores oportunidades. Os que têm maiores possibilidades financeiras preocupam-se com a fortuna acumulada e os que receberam a bênção da pobreza recolhem-se na revolta. Os mais jovens dizem ser jovens demais para assumir tais compromissos e os mais velhos se dizem inúteis para o serviço. Os casados reclamam da família e os solteiros se queixam de não ter uma família. Os doentes dizem que não têm condições e os sãos acreditam que não precisam. Raros são aqueles encarnados que conseguem viver sem contradição.

O sr. Bacelar parecia disposto a continuar, mas as duas filhas foram buscar a ele e a Aniceto, a pedido de Alfredo, para tratar de problema pessoal de seu interesse.

NOTÍCIAS INTERESSANTES

Como Aniceto nos deixou com as jovens, fazendo uma apresentação mais direta, ficamos conversando com elas. Cecília tinha sido filha dos Bacelar quando encarnada e Aldonina era sobrinha dele e aguardava o desencarne da mãe para montar um lar em cidade ali perto.

As duas demonstravam grande inteligência, desenvolvimento mental e notável capacidade de expressão.

E, enquanto os nossos chefes estavam longe, tratando de assunto particular, Vicente e eu ouvíamos as jovens, encantados com sua educação e alegria.

Percebi que o ambiente era idêntico ao que encontramos na Terra, com diferença apenas nos sentimentos reais. Não havia qualquer falsidade ou hipocrisia. Em tudo se via a alegria pura, a simplicidade fiel e a sinceridade plena.

A certa altura da conversa, Cecília falou, com graça:

- Estou trabalhando, há muito tempo, para alcançar o prêmio de visitar “Nosso Lar”. Minhas instrutoras me prometeram esta alegria para o ano que vem...

E, sorrindo, concluiu:

- Mas, para conseguir, tenho que cumprir com certas obrigações importantes.

- Ah, é? – perguntou Vicente, espantado – É preciso tudo isso?!

- Sem dúvida – disse a jovem, bem humorada – Você talvez não esteja convencido de sua real posição. Viver em “Nosso Lar” é uma grande bênção. Será que você ainda não percebeu?

Sorrimos todos. E, reforçando o conceito, Cecília continuou:

- Segundo os instrutores que nos visitam em “Campo da Paz”, os seus Ministérios são verdadeiras universidades de preparação espiritual. As oportunidades de aprendizado neles são imensas. E acredito que, para terem uma idéia da extensão da bênção que receberam de Jesus, seria necessário viverem alguns anos em nossa colônia, onde o trabalho de vigilância e assistência é mais prioritário e exigente.

- Mas em “Nosso Lar” – argumentei – temos um grande número de sofredores. A Regeneração parece uma colméia onde se reúnem milhares de criaturas.

E Cecília, demonstrando ser muito observadora, comentou:

- Você disse bem: colméia, onde existem muitas possibilidades de trabalho. Acredite que os sofredores que atingem a sua colônia já estão a caminho de grandes conquistas. Os desequilibrados que vivem lá já se sentem incomodados pela demora no despertamento da consciência e pelos remorsos e arrependimentos que indicam renovação. São sofredores que melhoram aos poucos, porque o ambiente da cidade é elevado. Onde a maioria vive com bondade, a maldade da minoria tende sempre a desaparecer. Por isso, “Nosso Lar” tem grandes vantagens espirituais, mesmo para os que ainda choram.

Impressionado com o que ouvia, lembrei:

- Eu mesmo trabalhei algum tempo nas câmaras de Retificação.

- Já ouvi muito a respeito dessa instituição, – disse Cecília, que dominava o assunto – mas, baseada no que dizem vários instrutores, continuo com a mesma opinião.

E, como se já conhecesse nossos procedimentos de serviço, afirmou sorrindo:

- Lá vocês têm muitos espíritos sofredores, mas em “Campo da Paz” temos muitos espíritos obsessores. Vocês têm muita gente que chora, mas nós ainda temos muita gente que se revolta. É mais fácil cuidar dos que gemem, do que tratar dos revoltados. Nessas câmaras vocês consertam erros que já apareceram e dores que já se manifestaram, mas em “Campo da Paz”, André, somos forçados a lidar com entidades ignorantes e más, que se sentem absolutamente certas de suas fantasias perigosas, e somos obrigados a tratar de doentes que não acreditam na própria doença.

Começava a entender seus argumentos e, reconhecendo que tinha razão, ela continuou, segura de si:

- Aliás, é natural que seja assim. Estamos a pouca distância dos encarnados, nossos irmãos no mundo. E sabemos que a situação não é diferente entre eles. Quantos materialistas

se fantasiavam de filósofos por lá? Quantos demônios vestem capas de santos? Quanta má fé fingindo generosidade e boas intenções? A influência da humanidade encarnada em nossa colônia é muito forte e inevitável.

Vicente, que ouvia com atenção, disse:

- Então vocês devem ter um trabalho bem sacrificado. Mas acredito que o serviço em “Campo da Paz” seja muito bem reconhecido.

- Sem dúvida nenhuma – respondeu Cecília.

- A história da fundação é interessante. Alguns benfeitores, gratos a Jesus, resolveram organizar, em Seu nome, uma colônia em pleno Umbral, como pronto socorro imediato para os que são pegos de surpresa pela morte no plano físico, cheios de culpas ou em profunda ignorância. O projeto teve a bênção de Deus e o núcleo foi criado, há mais de dois séculos. No entanto, nem todos os espíritos evoluídos prestigiam o trabalho nesse posto de assistência constante. A maioria dos missionários vitoriosos precisam recuperar energias assim que desencarnam, por direito de trabalhadores fiéis, e os instrutores mais elevados têm seus programas de trabalho, os quais não devem ser interrompidos, atendendo à vontade divina. Assim, nosso serviço é intenso, mas nossas conquistas são lentas e temos sempre que esperar por novos trabalhadores que se formam na própria colônia, para benefício de todos. As compensações são muito boas, temos direito a grandes pedidos, mas, por isso mesmo, as responsabilidades não são pequenas. A utilidade de nossa colônia é muito reconhecida e, em razão disso, nunca ficamos sem bons instrutores, que vêm dos planos superiores para nos incentivar. Tudo o que pedimos, com razão, é atendido e, se, por acaso, as providências demoram, nossos orientadores sempre nos dão explicações, tirando-nos qualquer dúvida. Por isso, nosso grupo está sempre unido e muitos preferem adiar certas conquistas, para ficar ao lado de antigos colegas, aos quais se unem por laços de sincera amizade.

Os esclarecimentos de Cecília me encantavam. Em poucas palavras ela havia resumido lições de sacrifício e merecimento, compromisso fraterno e solidariedade gratificante.

- Sua família sempre viveu lá? – perguntei interessado.

A jovem sorriu e explicou:

- Meu pai foi socorrido há mais de 50 anos pelos assistentes de “Campo da Paz” e, com a saúde espiritual restabelecida, decidiu viver lá, movido por sentimentos de amizade e gratidão. Mais tarde, minha mãe se juntou a ele e faz exatamente 20 anos que Aldonina e eu fomos atraídas por seu amor, a fim de reconstruirmos ali nossa casa. Desse modo, trabalhamos ao lado deles, desde os primeiros momentos.

- E você tem muitos planos para o futuro? – perguntei.

Cecília fez um gesto de moça sonhadora e respondeu:

- Tenho muitos projetos e problemas a resolver, mas estou esperando a chegada de uma outra pessoa que ainda está encarnada.

EM CONVERSA CARINHOSA

Voltávamos a falar das belezas de “Nosso Lar”, quando Aldonina acrescentou:

- Alguns parentes nossos visitam a cidade de vocês, de vez em quando. Nossa irmã Isaura, que se casou em “Campo da Paz” há três anos, vive lá com o marido, que é funcionário dos Serviços de Investigação do Ministério do Esclarecimento.

Percebendo nossa curiosidade, continuou:

- Ele morava conosco, mas, há algum tempo, foi convocado a trabalhar lá, vindo buscar a noiva depois.

Vicente, que se mantinha sério, disse:

- Esse é um assunto que me interessa muito, desde que desencarnei. No mundo, não fazia idéia de que pudéssemos nos casar depois da morte. Quando assisti a cerimônias desse tipo, em “Nosso Lar”, confesso que fiquei muito surpreso.

Cecília, muito atenta, disse, sorrindo:

- Isso aconteceu conosco também. No entanto, precisamos admitir que essa reação se deve ao exclusivismo prejudicial a que nos acostumamos no plano físico, pois, se o casamento humano é um dos mais belos atos da encarnação, por que deixaria de existir aqui, onde a beleza é mais pura e sutil? Além disso, precisamos no lembrar de que não vivemos abandonados pelas leis sábias e justas de Deus.

- E como é feliz quem se casa em nossos planos! – acrescentou Vicente, demonstrando esperanças secretas no coração.

Aldonina fez um gesto expressivo e observou:

- Sim, para alcançarmos esta alegria, é preciso ter amado na Terra, manifestando as mais elevadas intenções do espírito. Para chegar a essa felicidade, é preciso ter amado com alma. Aqueles que se interessam apenas pelos desejos físicos, não sabem amar além do corpo, não conseguem sentir as vibrações espirituais profundas do amor que não morre.

Mas, querendo voltar ao assunto de Isaura, perguntei, curioso:

- Falem mais da irmã que se mudou para “Nosso Lar”. Gostaria muito de saber como foi o casamento. Se você, Cecília, está esperando uma visita à nossa cidade como prêmio, como ela se casou e foi viver lá definitivamente?

Cecília sorriu e respondeu:

- Este é outro caso. Isaura não poderia correr atrás do noivo, porque estava em situação inferior à dele, mas Antônio, como superior, poderia descer para buscá-la. Mas não pensem que o casamento não teve qualquer preparação ou exigência. O noivo poderia levá-la, sem qualquer formalidade, desde que tivesse a devida permissão, uma vez que já tinha obtido a permissão das autoridades de “Nosso Lar”, mas um dos chefes de serviço aconselhou a Isaura, nesse sentido, explicando que, como administrador de uma colônia em condições inferiores, não poderia se opor, mas pedia à noiva que se preparasse por seis anos em “Campo da Paz”, antes de seguir definitivamente, alegando que, num casamento de almas, é indispensável caprichar no enxoval dos sentimentos. Nossa irmã, que sempre foi muito responsável, aceitou o conselho e trabalhou todo esse tempo em nossa colônia, conquistando valores culturais e aprimorando o pensamento.

Ouvia tudo isso sem disfarçar a surpresa.

- Já fui visitar o casal uma vez, – disse Aldonina, feliz – quando ganhei o prêmio por assiduidade e bom comportamento. Estive em “Nosso Lar” durante 15 dias inesquecíveis. No entanto, embora tenha visitado instituições maravilhosas como o Bosque das Águas, o Salão da Arte Divina, o Campo da Prece Augusta, tenho que admitir que voltei sem conhecer muito da enorme cidade. Mas irei até lá depois, pois continuo trabalhando e nossos instrutores dizem sempre que quem sabe trabalhar pelo bem com esperança, pode sempre aguardar as melhores coisas do destino.

Admirado com a beleza de sentimentos daquelas moças, perguntei, emocionado:

- Mas, em “Campo da Paz”, vocês não têm instituições parecidas? Será que lá não existem templos de alegria abertos aos jovens?

- Ah, sim! – disse Cecília, como se não quisesse ser ingrata às bênçãos divinas – Deus nos dá muito em nossa colônia, mas vivemos muito próximos dos encarnados. As tempestades que nos atingem nos obrigam a trabalhar sem parar. A atmosfera inferior que nos cerca é muito triste. Nossa cidade não tem Ministérios da União Divina ou da Elevação. Não podemos receber influência superior com muita facilidade. Nossos trabalhos de comunicação e auxílio ainda precisam de muita gente educada com o Evangelho para funcionar com eficiência. Além disso, não podemos esquecer nossos objetivos. Nossa colônia foi criada para socorro urgente. A nosso ver, “Campo da Paz” é, acima de tudo, um avançado centro de enfermagem, cercado de perigos, porque os encarnados e desequilibrados estão em toda parte à nossa volta. De 10 em 10 km, nas nossas vizinhanças, existem Postos de Socorro como este, que funcionam como instituições de assistência fraternal e vigilância ativa, ao mesmo tempo.

A jovem fez uma pausa mais longa, observando o efeito de suas palavras nos outros, e concluiu:

- Quando os serviços ficam mais difíceis, nosso Governador costuma dizer que estamos num campo de batalha, com a paz de Jesus. Nenhuma outra imagem define tão bem nossa colônia. Fora de nós, o trabalho é intenso e incessante, mas, dentro de nós, há uma tranquilidade que nós mesmos temos dificuldade em entender.

- O serviço se limita à cidade? – perguntei.

- Não, o trabalho é variado. Eu e Aldonina, por exemplo, temos grandes tarefas de assistência junto aos recém-encarnados. Nossa cidade prepara, em média, 15 a 20 reencarnações diárias e é imprescindível ajudar os companheiros ou protegidos, pelo menos na primeira infância, até os sete anos de idade.

E, talvez porque percebesse nossa admiração, explicou:

- Mas, felizmente, somos bem treinadas na volitação. Raramente encontramos obstáculos vibratórios e, por isso mesmo, podemos agir com grande ganho de tempo. Além disso, só os nossos instrutores vão sozinhos ao serviço. Nós não saímos, a não ser em grupos. Precisamos da ajuda uns dos outros, não só no que diz respeito à eficiência, como também no que se refere ao amparo energético.

E, sorrindo de maneira especial, concluiu:

- No trabalho de assistência aos outros e defesa a nós mesmos, não podemos dispensar a cooperação sincera.

A CANÇÃO DE CECÍLIA

Poucas vezes, no plano físico, tive a oportunidade de participar de reunião tão agradável.

Todos os lustres estavam acesos e, lá fora, as grandes árvores, suavemente agitadas pelo vento manso, pareciam refletir o clarão da Lua. Algumas pessoas passeavam ao longo da varanda e das grandes escadarias. O castelo estava cheio de alegria, com a chegada de mais e mais convidados. Alfredo estava muito satisfeito em dividir com seus colaboradores diretos a tarefa de receber os amigos da colônia vizinha. A alegria transparecia de todos os rostos e eu, observando a beleza do cenário, pensava na bênção da vida social em ambientes em que já se compreende e pratica o “amai-vos uns aos outros”, longe da hipocrisia e das convenções inferiores.

Conversávamos animados, quando Alfredo nos chamou para o Salão da Música.

Houve alegria geral. A senhora Bacelar, de braços dados com Ismália, parecia encantada com a lembrança.

Dirigimo-nos para o grande salão, fartamente iluminado por luzes azuis doces e brilhantes. Música muito agradável nos embalava a alma. Observei, então, que um coro de pequenos músicos executava peça graciosa, ao lado de um grande órgão, um pouco diferente dos que vemos na Terra. 80 crianças, meninos e meninas, apareciam ali, num momento vivo encantador. 50 tocavam instrumentos de corda e 30 permaneciam em posição de canto. Executavam, com perfeição, uma linda cantiga que eu nunca havia ouvido na Terra.

Muito comovido, ouvi Alfredo explicar:

- As crianças do Posto são como flores vivas para nós. Dão-nos perfume, alegria e encantamento, tornando mais suaves todos os trabalhos.

Aproximamo-nos do órgão e sentamo-nos todos em confortáveis poltronas.

Quando as crianças terminaram, em meio a muitos aplausos, Ismália pediu que Cecília tocasse alguma coisa.

- Eu? – disse a jovem, vermelha – Se a senhora vem dos planos superiores, onde a harmonia é sagrada e pura, como posso tocar algo à altura de seus ouvidos?

- Não diga isso, Cecília, – respondeu, sorrindo, a esposa de Alfredo – a música elevada é sublime em toda parte. Vá, Cecília! Ajude-me a lembrar do lar na Terra, nos dias mais felizes.

E, antes que a jovem perguntasse o que preferia ouvir, Ismália continuou:

- Os eventos musicais do Posto me levam a recordar a velha fazenda, quando vinha do internato... Meus pais gostavam das canções européias e, quase todas as noites, eu ensaiava ao piano...

E, olhando Cecília com os olhos úmidos e brilhantes, concluiu:

- Sua mãe deve se lembrar também da música predileta de meu querido pai.

Notei que a senhora Bacelar disse algo a Cecília, em voz baixa, e a vimos ir até o órgão, sem vacilar. Com grande emoção, ouvimos a “Tocata e Fuga em Ré Maior”, de Bach, acompanhada pelas crianças entusiasmadas.

Olhei para Ismália e notei, pela luz de seu olhar, que seus pensamentos iam longe, talvez relembando o antigo lar na Terra. Vi-a enxugar lágrimas discretas e abraçar Cecília carinhosamente

- Agora, Cecília, cante alguma canção sua. – falou a senhora, com ternura de mãe – Mostre-nos o seu coração...

O casal Bacelar estava emocionado. Via-se, em seus gestos, o carinho que tinham pela filha.

A jovem sorriu e voltou ao teclado, mas agora parecia completamente transfigurada. Seu rosto bonito parecia refletir uma luz diferente, que vinha de mais alto. Começou a cantar, de maneira comovente. A música parecia sair do seu coração, mergulhando-nos todos em suave emoção. Tentei memorizar as palavras da linda canção, mas seria impossível repeti-las fielmente entre os encarnados, assim como a escuridão da meia noite não poderia representar as claridades do amanhecer. Mas lembro-me de algo, para registrar aqui, com a fidelidade de que sou capaz.

Como se estivesse rodeada de luzes diferentes daquelas que nos iluminavam, Cecília cantou com voz macia e carinhosa:

“Guardei para os teus olhos
As estrelas brilhantes do céu calmo...

Guardei para tua alma
Todos os lírios puros dos caminhos!...
Amado meu, amado meu,
Como é longa a viagem entre nós
Neste oceano imenso da saudade,
Ao sublime luar da eternidade!

Em vão, a fada Esperança
Acende a lua dentro de mim...
Por que te foste ao mundo, assim?!

Volta, amado!
Ainda mesmo que as tuas mãos estejam frias
E que teus pés sangrem de dor.

Trago comigo o bálsamo, a ternura,
Volta a mim,
Vem respirar, de novo, no jardim
Da imortal união!...

Curarei tuas chapas de amargura,
Dar-te-ei o roteiro para a estrada,
Amarei os que amas,
Para que me abençoes com o teu sorriso.
Volta, amado!

Esquece a dor e a sombra do passado,
Volta, de novo, ao nosso paraíso...”

Quando cantou as últimas notas, vi seu rosto molhado em lágrimas, como se estivesse banhado em pérolas de luz. Notei que a senhora Bacelar, muito comovida, tocou de leve a mão de Ismália e falou:

- Cecília não esquece dele.

A esposa de Alfredo, sensibilizada, perguntou:

- Vocês não têm novas notícias de Hermínio?

- O infeliz tem vivido de queda em queda – explicou a nobre senhora – e Cecília sabe que não poderá contar com ele, por muito tempo ainda, tendo, por isso mesmo, muita mágoa no coração. Entretanto, ela não desanima e trabalha, sem parar, cheia de esperança.

Nesse momento, a jovem voltava para junto da família, enxugando os olhos.

Ismália abraçou-a e falou:

- Meus parabéns, Cecília, não sabia que você havia progredido tanto na arte divina! E que bela canção!...

A jovem fez um gesto de timidez, beijou a mão da amiga e respondeu:

- Perdoe-me, Ismália, meu coração ainda está muito ligado à Terra!...

E Ismália, de olhos úmidos e compreendendo seu sofrimento, abraçou-a mais forte e falou:

- Não há crime em dedicar-se, Cecília. O amor é luz divina, ainda que brilhe no fundo do abismo.

32
MELODIA SUBLIME

Num gesto de gentileza, Aniceto pediu a Ismália que tocasse alguma coisa do plano onde vivia.

A esposa de Alfredo não hesitou. Com grande delicadeza, sentou-se ao órgão, dizendo:
- Ofereço esta canção ao nosso querido Aniceto.

E, diante de nossa admiração e emoção, começou a tocar maravilhosamente. Logo nas primeiras notas, alguma coisa mexeu comigo. Estávamos todos extasiados, em silêncio. A melodia, feita de misteriosa beleza, enchia-nos o espírito de harmonia divina. Um campo de vibrações muito suaves penetrava-me o coração, quando fui surpreendido por algo inesperado. Com grande espanto, notei que a esposa de Alfredo não cantava, mas que, na essência da música, havia uma prece sublime – oração que eu *não escutava com os ouvidos*, mas captava com a alma, em vibrações sutis, como se o som melodioso estivesse cheio de palavras divinas. As notas de louvor atingiam-me o espírito, fazendo-me chorar de emoção:

«O' Senhor Supremo de Todos os Mundos
E de Todos os Seres,
Recebe, Senhor.
O nosso agradecimento
De filhos devedores do teu amor!

Dá-nos tua bênção,
Ampara-nos a esperança,
Ajuda-nos o Ideal
Na estrada imensa da vida...

Seja para o teu coração,
Cada dia,
Nosso primeiro pensamento de amor!

Seja para tua bondade
Nossa alegria de viver!...

Pai de amor infinito
Dá-nos tua mão generosa e santa.

Longo é o caminho.
Grande o nosso débito,
Mas inesgotável é a nossa esperança.

Pai Amado,
Somos as tuas criaturas.
Raios divinos
De tua Divina Inteligência.

Ensina-nos a descobrir
Os tesouros imensos
Que guardaste
Nas profundezas de nossa vida,
Auxilia-nos a acender
A espada sublime
Da Sublime Procura!

Senhor,

**Caminhamos contigo
Na eternidade!...
Em Ti nos movemos para sempre.**

**Abençoa-nos a senda,
Indica-nos a Sagrada Realização.
E que a glória eterna
Seja em teu eterno trono!...**

**Resplandeça contigo a Infinita Luz.
Mane em teu coração misericordioso
A Soberana Fonte do Amor,
Cante em tua Criação Infinita
O sopro divino da eternidade.**

**Seja a tua bênção
Claridade aos nossos olhos,
Harmonia ao nosso ouvido,
Movimento às nossas mãos,
Impulso aos nossos pés.~**

**No amor sublime da Terra e dos Céus!...
Na beleza de todas as vidas,
Na progressão de todas as coisas,
Na voz de todos os seres,
Glorificado sejas para sempre,
Senhor. “**

Que melodia era aquela que se ouvia sem sons articulados? Não pude conter as lágrimas. Cecília nos comovera, lembrando-nos as músicas terrenas e os afetos humanos, mas Ismália tomava-nos o espírito, elevando-nos a Deus. Nunca havia ouvido oração de louvor como aquela! Além disso, Ismália glorificava o Senhor de maneira diferente, que não se pode exprimir na linguagem dos encarnados. A prece havia me tocado profundamente e percebi que nunca havia pensado na grandeza de Deus como naquele instante em que uma alma iluminada falava dEle, com a maravilha de suas riquezas espirituais.

E não era só eu que chorava como criança. Aniceto enxugava os olhos, de maneira discreta, e algumas senhoras passavam o lenço no rosto.

Percebi que a oração havia terminado, porque a música mudou de vibração. O caráter heróico cedeu lugar a um lirismo encantador. Em meio à profunda serenidade do ambiente, vi que luzes muito fortes jorravam do alto sobre a testa de Ismália, envolvendo-a num arco-íris de efeito maravilhoso e, com admiração, notei que belas flores azuis partiam de seu coração, espalhando-se sobre nós. Elas se desfaziam ao tocar-nos de leve, como se fossem feitas de bruma suave, enchendo-nos o coração de alegria. A maior parte caía sobre Aniceto, lembrando-nos da dedicatória. Fiquei muito impressionado com as pétalas fluídicas, de um azul celeste sublime, multiplicando-se, sem parar, no ambiente, e penetrando-nos o coração como flores feitas apenas de perfume colorido. Estava tão alegre e me sentia tão bem que não conseguiria descrever aqui as emoções do momento.

Mais alguns minutos e Ismália terminou a linda canção.

A esposa de Alfredo veio até nós, rodeada de intensa luz.

Ele foi até ela e beijou-a no rosto, ao mesmo tempo em que Aniceto a cumprimentava, agradecido.

- Há muito tempo não ouvia músicas tão sublimes como as desta noite – exclamou Aniceto, sorrindo. – Cecília nos falou do elevado amor terreno, Ismália nos elevou ao divino amor celestial. Foi muito boa a idéia de ficarmos aqui. Fomos também ajudados pela luz da amizade, que nos revigorou o bom ânimo!

A família Bacelar aproximou-se. Todos estavam muito comovidos.

- Que flores maravilhosas você nos deu, Ismália! – disse a mãe de Cecília, abraçando a esposa de Alfredo.

- Vamos voltar ao trabalho cheios de energia nova! – disse o senhor Bacelar, sorrindo.

A grande sala estava cheia de manifestações de alegria sincera. A melodia de Ismália havia sido como um presente especial do céu. A alegria e o entusiasmo transpiravam de todos os rostos.

Notando que Aniceto se afastava para um canto do salão, fui ao seu encontro, ansioso. Queria esclarecer o fenômeno da prece sem palavras, das harmonias, das luzes e das flores. Mas antes que eu pudesse fazer qualquer pergunta, ele sorriu, gentil, e explicou:

- Conheço a sua ansiedade, André. Nem precisa perguntar. Você se impressionou com a gradeza espiritual da esposa do nosso amigo. Não preciso dar maiores explicações. Você se lembra de Ana, a pobre mulher que dorme nos pavilhões, entre pesadelos terríveis? Lembra-se de Paulo, o caluniador? Você não os viu carregando pesados fardos mentais? Na vida, cada um de nós traz os arquivos de si mesmo. Enquanto os maus exibem o inferno que criaram dentro de si, os bons revelam o paraíso que construíram no próprio coração. Ismália já juntou muitos tesouros que as traças não roem. Ela já pode dar da harmonia infinita que conquistou pela bondade e amor divino a que se dedicou. A luz que vimos é a mesma que jorra dos planos superiores, sem parar, enchendo os caminhos da vida, mas a melodia, a prece e as flores são criações sublimes dessa alma iluminada. Ela repartiu conosco, neste momento, um pouco dos seus tesouros eternos! Vamos pedir ao Senhor, meu amigo, que não tenhamos recebido em vão estas dádivas sagradas!

A CAMINHO DA CROSTA

Logo pela manhã, depois de descansarmos e pensando na viagem longa que ainda tínhamos pela frente, despedimo-nos. De minha parte, podia afirmar que saía triste, depois de tão lindas lições recebidas.

Alfredo e Ismália nos abraçaram, comovidos, desejando-nos boa viagem e sucesso no trabalho.

Vários amigos do dia anterior estavam presentes, despedindo-se com alegria.

Pegamos o carro, alegres e surpresos.

Seria muito difícil para mim descrever a pequena máquina, que mais parecia um automóvel com asas, movido por fluidos elétricos acumulados.

Sempre atencioso, Aniceto explicou:

- Aceitei a gentileza do aparelho, não por comodismo, mas porque a estada no Posto, ainda que rápida, foi de grande proveito para vocês. Ambos receberam lições intensivas sobre os irmãos perturbados e sofredores, bem como sobre os efeitos da prece. Assim, temos o nosso trabalho bem adiantado, já que vocês estão em tarefa de observação e aprendizado, acima de tudo.

Depois de pausa rápida, continuou:

- Mas não pensem que podemos ir até a Crosta neste veículo. Calculo que só poderemos voar até o meio dia. Depois disso, seguiremos a pé.

Aniceto calou-se por instantes, sorriu diferente e disse:

- Mas isto só deve acontecer até que vocês tenham criado asas espirituais, de modo que possam vencer todas as resistências vibratórias. E isso pode não estar muito longe. Vai depender do esforço que estejam dispostos a fazer no trabalho de conquista. Todo aquele que trabalha e coopera em nome de Deus, pode esperar sempre o melhor. Não é promessa de amizade. É lei.

O pequeno aparelho nos levou por grandes distâncias, sempre no ar, a pequena altura do solo.

Quase que ao meio dia em ponto, estacionamos em lugar humilde, destinado ao abastecimento e reparação de veículos como o que estávamos usando.

O piloto despediu-se de nós, desejando-nos boa viagem e preparando-se para voltar.

A paisagem tornou-se, então, muito fria e diferente. Não estávamos em caminho de trevas, mas muito escuro e nevoento. A atmosfera havia se tornado densa, dificultando-nos a respiração.

Aniceto olhou, conosco, a imensidão escura e falou, em tom sério:

- Com 4h de caminhada, estaremos na Crosta. Reparem nas sombras que nos rodeiam, notem a mudança geral. Infelizmente, as emanções vibratórias da maior parte da humanidade encarnada são de natureza bastante inferior e estas regiões estão repletas de resíduos escuros, de matéria mental dos encarnados e desencarnados perturbados. Vamos passar por zonas não propriamente de trevas, mas muito escuras ao nosso olhar, mas daqui a 2h teremos sinais da luz do Sol.

Com sinceridade, nossa viagem foi muito difícil e triste, e, só então, percebi a enorme diferença entre a estrada comum, que liga “Nosso Lar” à Crosta, e aquela que percorríamos a pé naquele momento, vencendo grandes obstáculos. Comovido, imaginei o sacrifício dos grandes missionários espirituais que ajudam o homem, percebendo, então, o valor de seu serviço e como precisam de preparação especial e muito boa vontade para auxiliar, constantemente, as criaturas encarnadas.

Os monstros que fugiam de nós, escondendo-se nas sombras, eram indescritíveis e, por determinação de Aniceto, não tenho autorização para dar qualquer informação sobre esse assunto, a fim de não criar imagens mentais negativas no espírito dos que, por acaso, venham a ler este livro.

No horário previsto por Aniceto, começamos a ver, novamente, a luz do Sol, como se fosse madrugada clara. O espetáculo era magnífico e novo para mim. Um calor suave começou a nos renovar.

Aniceto olhou a paisagem maravilhosa dos raios de luz atravessando as sombras e falou, com os olhos úmidos:

- Vamos agradecer a Deus a bênção do Sol! Na natureza física, é a mais elevada imagem que temos dEle. Apresenta-se nas mais variadas combinações, conforme a matéria do mundo em que vivemos, e aparece na Terra com as qualidades magnéticas da Crosta. Em Júpiter, é visto de maneira diferente. E em Vênus, ilumina com outro tipo de luz. Em Saturno tem outro brilho. Entretanto, é sempre o mesmo, sempre a fonte radiante de nossas energias vitais!

Seguimos, comovidos, e, logo depois, vimos o Sol já se pondo.

De outras vezes, viajando sempre pela estrada mais luminosa, em vista de poder voitar, não havia notado tantos detalhes. Mas agora, depois de ter atravessado névoas muito densas, percebia diferenças profundas.

A certa distância, surgia a Terra, não como uma esfera, já que estávamos longe da Crosta, mas como uma paisagem mais ampla que interpenetrava os planos espirituais.

O Sol sumia, brilhando muito, como se fosse uma enorme lâmpada dourada.

Aniceto, que parecia muito alegre, falou:

- Entramos na zona de influência direta da Crosta. Daqui em diante, podemos usar a volitação, com os nossos conhecimentos de transformação da força centrípeta. A luz que nos alcança é resultado do contato magnético da energia positiva do Sol com a força negativa do planeta. Vamos em frente para não demorarmos a chegar ao Rio de Janeiro.

A essa altura tive curiosidade de saber algo a respeito da direção.

- Como vamos nos orientar? – perguntei.

- Antes de tudo, - respondeu Aniceto – é preciso não esquecer que nossas colônias estão localizadas no campo magnético da América do Sul. Qualquer bússola seria sensível a partir deste ponto, mas, no nosso caso, é preciso treinar o pensamento e nos orientar por sua energia característica.

Usamos, novamente, a volitação e, em pouco tempo, víamos as matas de Petrópolis. Mais alguns minutos e passávamos pelas avenidas cariocas. Por sugestão de Aniceto, aproximamo-nos do mar, para um exercício respiratório mais intenso.

Vicente e eu estávamos alegremente exaustos. Percebíamos que o esforço havia sido bem intenso para nossas forças limitadas.

Indiferentes à nossa presença, os pedestres passavam apressados, com a mente presa aos problemas de ordem material. Os ônibus lotados buzonavam. A grande baía parecia estar cheia de forças revitalizantes.

Quando as primeiras lâmpadas se acendiam, Aniceto nos disse, gentil:

- Vamos descansar! Vocês estão esgotados. Vou mostrar-lhes que “Nosso Lar” tem, também na Crosta, alguns refúgios.

OFICINA DE «NOSSO LAR»

Entre 18h e 19h, chegamos a uma casa simples de bairro modesto. No longo caminho por ruas movimentadas, ia me surpreendendo muito com as novas paisagens. Percebia a presença de muitos desencarnados perturbados, seguindo os encarnados que passavam, ou colados a eles, em um abraço estranho. Muitos penduravam-se nos carros, outros nos olhavam das sacadas distantes. Alguns, em grupos, vagavam pelas ruas, como nuvens escuras que tivessem descido de repente.

Assustei-me muito. Não havia notado isso nas outras vezes em que havia visitado o plano dos encarnados. E Aniceto explicou que o reforço na visão não havia sido em vão. Estávamos em tarefa de observação e aprendizado.

No entanto, não conseguia disfarçar minha surpresa. As sombras se seguiam umas às outras e posso garantir que o número de entidades perturbadas nas ruas, invisíveis ao homem comum, não era menor que o de pessoas encarnadas que passavam. Ali não havia a serenidade dos ambientes de “Nosso Lar”, nem a calma relativa do Posto de Socorro “Campo da Paz”. Começava a sentir medos imprevisíveis e desagradáveis choques íntimos, sem que eu pudesse perceber a origem. Tinha a impressão nítida de termos mergulados num oceano de vibrações muito diferentes, onde respirávamos com certa dificuldade. Aniceto explicava que as sensações ruins se deviam ao fato de ser nossa primeira visita de trabalho à Crosta e que, com o tempo, nossas resistências seriam aumentadas. Recomendou-nos força e, acima de tudo, firmeza mental ante qualquer quadro menos feliz que nos pegasse de surpresa. A eficiência da assistência, dizia ele, precisa de educação persistente. Não seria possível ajudar alguém se ficássemos presos a qualquer tipo de fraqueza.

Os conselhos de Aniceto nos acalmaram o espírito agitado e surpreso, e eu fazia de tudo para me ajustar às recomendações dele, mesmo porque ele afirmava que muitos companheiros perdiam grandes projetos por manifestações de receio sem razão.

Aquela casa de aspecto tão humilde, onde chegávamos agora, dava-nos suave sensação de conforto. Estava iluminada por clarões espirituais, que lembravam nossa colônia tão distante. Profundamente surpreso, reparei que Aniceto havia parado. Percebendo nossa admiração, ele apontou a casa pobre e disse:

- Aqui será o nosso refúgio. É uma oficina que representa “Nosso Lar”.

Fiquei muito espantado, mas não tive chance de perguntar nada. Tive que segui-lo, em direção à pequena casa. Aproximamo-nos do jardim que rodeava a construção muito simples e, surpreso, notei que vários companheiros espirituais vieram à janela, cumprimentando-nos alegremente.

O que queria dizer aquilo tudo? Em outras vezes, havia visitado minha cidade e minha antiga casa, mas nunca tinha visto nada parecido.

Aniceto compreendeu minha surpresa e explicou:

- Os companheiros que nos cumprimentam são trabalhadores espirituais que se hospedam neste recanto de amor.

Um senhor muito simpático e hospitaleiro abriu a porta.

Esta foi outra surpresa. Isso não acontecia quando ia à minha antiga casa terrena. As portas fechadas não me ofereciam qualquer resistência. Mas ali havia uma sistema de vigilância vibratória que eu parecia não conhecer ainda.

Aniceto abraçou o senhor com carinho, apresentando-nos, em seguida.

- Estes, Isidoro, - disse, apontando-nos – são nossos amigos Vicente e André, novos colaboradores dos serviços em “Nosso Lar”.

- Ótimo!, muito bom! – exclamou Isidoro, abraçando-nos – Nossas atividades precisam mesmo de novos trabalhadores de boa vontade. Entrem!

E disse ainda, com carinho:

- A casa pertence a todos os colaboradores dedicados ao serviço cristão!

Era a primeira vez que eu via uma entidade espiritual com direção tão segura numa casa terrestre.

Entramos no ambiente modesto.

Muito surpreso, observei o interior. Via alguns móveis simples, velhos quadros a óleo nas paredes brancas, antiga máquina de costura sendo usada por uma garota de uns 16 anos, um rapaz de seus 12 anos e, como figura central da família, uma senhora de seus 40 anos, mais ou menos, tricotando uma blusa. Percebi que, do peito, da testa, das mãos e do olhar dessa senhora, irradiava-se luz constante que não me permitiu esconder a admiração.

Aniceto apontou-a e disse:

- Esta é Isabel. Para os olhos humanos não passa da viúva de Isidoro, mas para nós é uma colaboradora leal em suas tarefas.

Reparei que D. Isabel parecia, de algum modo, perceber nossa presença, demonstrando certa surpresa no olhar, mas Aniceto se adiantou e explicou:

- Nossa amiga possui grande vidência psíquica, mas os mentores que nos orientam recomendam que não lhe seja permitido ver tudo o que se passa com sua mediunidade. O conhecimento exato do cenário espiritual, em quem vive, pode prejudicar a tranquilidade. Isabel, portanto, vê apenas 5% dos trabalhos espirituais em que colabora, de modo mais direto...

A essa altura, Isidoro nos indicou uma pequena sala ao lado e disse a Aniceto, em particular:

- Desculpem-me se não posso acompanhá-los agora, mas descansem à vontade. Tenho serviços urgentes com outros amigos.

Aniceto agradeceu a atenção e, com ele, chegamos a um modesto salão com mobília pobre, mas quase lotado de entidades em conversa elevada.

Luzes sublimes brilhavam em todos os cantos. Havia ali um relógio velho, uma mesa rústica muito grande, algumas cadeiras e alguns bancos simples.

No entanto, a claridade espiritual que imperava era maravilhosa. Muita gente esclarecida e generosa do plano espiritual se reunia ali. Aniceto cumprimentou os grupos que conhecia e apresentou-nos com a gentileza de sempre.

Quando estávamos mais a sós, sabendo de nossa admiração, explicou:

- Estamos numa oficina de “Nosso Lar”. Isidoro e Isabel a construíram num ato de heroísmo e fé, tendo saído de nossa colônia, com esta tarefa, há mais de 40 anos. Graças a Deus os dois têm vencido todos os obstáculos e mantêm seus compromissos na Crosta com coragem. Há três anos, ele desencarnou e, apesar disso, graças à dedicação da esposa e aos laços de amor que os une, acima de qualquer manifestação física, continuam muito próximos, como no primeiro dia do reencontro nesta vida. Dadas as circunstâncias especiais, as autoridades de “Nosso Lar” deram a ela permissão para continuar nesta casa com o esposo amigo, pai dedicado e trabalhador vigilante e fiel.

E, talvez notando nossa surpresa cada vez maior, acrescentou:

- Sim, amigos, o acaso não define responsabilidades nem contrói com seriedade. As realizações espirituais pedem esforço e dedicação. Assim como os navios no mundo precisam de âncoras fortes para seus trabalhos nos portos, nós também precisamos de irmãos corajosos e devotados que façam o papel de âncoras entre os encarnados, para que, por intermédio deles, os grandes amigos da Espiritualidade Superior possam se fazer sentir entre os homens mais animalizados, ignorantes e infelizes.

EVANGELHO NO LAR

Logo no início da noite, D. Isabel largou o tricô e chamou os filhos para o Evangelho no lar.

Notando minha curiosidade pelas crianças, Aniceto explicou:

- As meninas são entidades amigas de “Nosso Lar”, que vieram para serviço espiritual e resgate necessário na Terra. Já com o garoto, que vem de planos inferiores, a situação é diferente.

De fato, eu percebia com clareza a situação. O rapaz não tinha a mesma luz e atendia ao convite da mãe apenas por obediência e não com satisfação. Todos se sentaram ao redor da mesa com tanta naturalidade que logo compreendi que vinham mantendo aquele bom hábito há muito tempo. A filha mais velha, chamada Joaninha, trazia cadernos e recortes de jornais.

Assim que o evangelho começou, as luzes do ambiente se tornaram muito mais intensas.

Profunda sensação de paz envolvia-me o coração.

A pequena Neli, em voz emocionada, fez a prece:

- Senhor, seja feita a sua vontade, assim na Terra como nos céus. Se está em seus planos que recebamos mais luz, permita, Senhor, que tenhamos compreensão suficiente para o trabalho evangélico. Dê-nos o pão da alma e a água da vida eterna! Esteja sempre em nossos corações. Assim seja...

D. Isabel pediu à filha mais velha que lesse uma mensagem elevada e, em seguida, algum fato interessante das notícias. Joaninha leu pequeno capítulo sobre a falta de reflexão e um acontecimento triste do jornal comum. Cheia de doçura e amabilidade, ela parecia muito impressionada. Era o caso de uma jovem de bairro distante, vítima de triste suicídio. O repórter descrevia a cena com detalhes muito fortes e Joaninha estava tremendo, emocionada.

Assim que ela terminou, D. Isabel abriu o Novo Testamento, como se estivesse agindo ao acaso, mas, na verdade, percebi que Isidoro a influenciava, do nosso plano, ajudando-a a encontrar o assunto da noite. Em seguida, olhando a pequena página, falou:

- O versículo de hoje está no capítulo 13 do Evangelho de Mateus.,

E leu a passagem em voz alta:

- “Outra parábola lhes propôs, dizendo: - O Reino dos Céus é semelhante ao grão de mostarda que o homem tomou e semeou no seu campo.”

Notei, então, curioso fenômeno. Um amigo espiritual, que percebi ser de elevado grau pelas roupas brilhantes que usava, colocou a mão direita sobre a testa da viúva.

Esta sentou-se à ponta da mesa e, depois de pensar um pouco, pediu a Neli, de nove anos, que fizesse a oração inicial, pedindo a Jesus o esclarecimento espiritual.

Todos os trabalhadores espirituais sentaram-se, em respeito. Isidoro e alguns outros companheiros mais ligados ao casal ficaram ao lado de D. Isabel, sendo quase vistos e ouvidos por ela.

Antes que eu perguntasse, Aniceto explicou, em voz quase imperceptível:

- Aquele é o nosso irmão Fábio Aleto, que vai dar a explicação espiritual do texto lido. Aqueles que estiverem no mesmo grau dele poderão ouvir seus pensamentos, mas os que estiverem em posição inferior, receberão as explicações como os encarnados, isto é, pelas palavras de Isabel.

Aniceto não poderia ser mais claro. Em poucas palavras havia me dado um resumo de toda a lição.

Notei que a viúva havia entrado em profunda concentração por alguns momentos, como se estivesse absorvendo a luz que a rodeava. Em seguida, com grande firmeza no olhar, começou a explicar:

- Hoje lemos uma página sobre a falta de reflexão e a notícia de um suicídio muito triste. O jornal afirma que a jovem suicida se matou por excesso de amor. Entretanto, pelo que temos aprendido, temos certeza de que ninguém comete erros por amar de verdade. Os que amam, de fato, são incentivadores da vida e nunca espalham a morte. A pobre moça estava doente, perturbada, desorientada. Entregou-se à paixão que confunde o raciocínio e rebaixa o

sentimento. E nós sabemos que, da paixão ao sofrimento, ou à morte, não há muita distância. Vamos nos lembrar desta amiga desconhecida com um pensamento de solidariedade. Que Jesus a proteja nos seus novos caminhos. Não estamos analisando um ato, que a Deus cabe julgar, mas um fato, do qual devemos tirar a melhor lição.

- A mensagem evangélica desta noite afirma, nas palavras de Jesus, que o reino dos céus é também “semelhante ao grão de mostarda que o homem tomou e semeou no seu coração.” Nesse caso, devemos enxergar as mínimas lições. O mundo dos encarnados está cheio de falta de reflexão. Poucas são as criaturas que começam a pensar seriamente na vida e nos deveres antes da morte física. Ao tratarmos o assunto de hoje, não devemos fixar o pensamento só nessa jovem que se suicidou em condições tão tristes. Há homens e mulheres, com maiores responsabilidades, em todos os bairros, que manifestam paixões destruidoras nos sentimentos, nos negócios, nas relações sociais. As mentes desequilibradas pela falta de reflexão neste mundo estão por toda parte. Nós é que não temos cuidado das pequenas coisas. O oceano é grande e a gota é pequena, mas o oceano não passa de uma massa de gotas reunidas. O Mestre nos fala, simbolicamente, da semente de mostarda. Lembremo-nos de que os campos de nosso coração estão cheios de ervas daninhas, estando, talvez há muitos séculos, sem produzir nada de bom. É claro que não devemos esperar grandes colheiras. Mas é indispensável preparar a terra e cuidar do cultivo. A semente de mostarda, a que Jesus se refere, é o gesto, a palavra, o pensamento de cada criatura. Há muitas pessoas que falam muito em humildade, mas nunca demonstram um gesto de obediência. Jamais alcançaremos a bondade se não começarmos a ser bons. Alguma coisa pequena tem de ser feita para que possamos construir as grandes. Jesus nos ensinou, muitas vezes, que o reino dos céus está dentro de nós. Ora, então é em nós mesmos que devemos fazer o trabalho de realização divina, sem o qual não vamos passar de grandes irresponsáveis. A floresta também começou com sementes pequenas. E nós, espiritualmente falando, temos vivido em floresta densa de males, criados por nós mesmos, em função de nossa falta de cuidado ao escolher as sementes espirituais. A conversa de um momento, o pensamento de um dia, o gesto de um instante, podem representar muito em nossas vidas. Vamos ter cuidado com as pequenas coisas, selecionando os grãos de mostarda do reino dos céus. Lembremos que Jesus não ensinou nada de inútil. Toda vez que usarmos esses grãos, conforme o que Ele nos diz, plantando-os em nosso coração, receberemos de Deus toda a ajuda necessária. Ele nos dará a chuva das bênçãos, o sol do amor eterno, a vitalidade sublime dos planos superiores. Nossa planta crescerá e logo teremos construído muito. Vamos todos aprender a ciência de recomeçar, recordando a bondade de Jesus a cada instante. O Mestre não nos desampara, seguindo-nos com amor, inspirando-nos o coração. Acima de tudo, tenhamos confiança e alegria!”

Notei que Fábio retirou a mão da testa de D. Isabel, que permaneceu pensando, como quem tivesse sentido o afastamento das idéias em andamento.

Havia grande emoção nos presentes e as crianças também pareciam impressionadas.

D. Isabel olhou novamente os filhos e disse:

- Vamos conversar um pouco agora.

36
MÃE E FILHOS

No comentário de D. Isabel, eu recebia lições interessantes. Tal como no caso de Ismália, quando ouvíamos sua canção sublime, a interpretação de Fábio estava cheia de maravilhas espirituais que ultrapassavam a capacidade receptiva de D. Isabel. A viúva de Isidoro parecia reter apenas uma parte.

Assim, as crianças recebiam a lição de acordo com as possibilidades mediúnicas da mãe, enquanto nós aproveitávamos a beleza do momento elevado.

Sempre gentil, Aniceto explicou:

- Não se admirem com isso! Cada um recebe a luz espiritual de acordo com sua capacidade. Há muitos companheiros aqui reunidos, que absorvem os comentários de Fábio com mais dificuldade que as crianças, porque ainda têm muitas limitações.

Todos demonstravam grande respeito.

Fábio Aleto se acomodou em plano superior, enquanto Isidoro se colocava perto da esposa, como o pai carinhoso que se aproxima para ajudar na conversa com os filhos.

Nesse instante, a pequena Marieta, de sete anos, aproveitando a pausa e a conversa mais informal, perguntou à mãe:

- Mamãe, se Jesus é tão bom, por que estamos comendo só uma vez por dia aqui em casa? Na casa da D. Fausta eles comem duas vezes por dia: almoçam e jantam. Neli me disse que, quando papai era vivo, também fazíamos isso, mas agora não. Por que será?

A viúva deu um sorriso meio triste e disse:

- Ora, Marieta, você vive se preocupando com isso. Não devemos deixar que o estômago fale mais alto. Há quanto tempo estamos comendo só uma vez por dia e não ficamos doentes? Quantas coisas boas será que não estamos recebendo com essa comida reduzida?

Joaninha interrompeu, dizendo:

- Mamãe tem toda a razão. Tenho visto muita gente doente por comer demais.

- Além disso, – destacou D. Isabel – vocês podem ter certeza de que Jesus abençoa o pão e a água de quem sabe agradecer o que recebe de Deus. É verdade que Isidoro foi embora antes de nós, mas nunca nos faltou o mais necessário. Temos nossa casa, nossa união espiritual, nossos amigos. Acreditem que o papai ainda está trabalhando por nós.

A essa altura, devido à emoção do momento, Isidoro enxugou os olhos molhados.

Noemi, a caçula, falou, com vozinha de criança:

- É mesmo, é verdade! Eu vi papai ajudando a segurar o bolo que D. Cora nos trouxe domingo.

- Eu também vi, Noemi. – disse D. Isabel, com os olhos brilhando. – Papai continua nos ajudando.

E, virando-se para todos, acrescentou:

- Quando sabemos amar e esperar, crianças, não nos separamos das pessoas queridas que morrem na vida física. Vamos acreditar na proteção de Jesus!...

Marieta, parecendo mais tranquila, concordou:

- Quando a senhora fala, mamãe, eu acredito! Como Jesus é bom! E se nós não tivéssemos a senhora? Eu vejo vários pequenos mendigos abandonados. Vai ver não comem nada, não têm amigos como a gente! Ah, precisamos agradecer muito a Deus!...

A viúva, que se sentia visivelmente aliviada ouvindo aquelas palavras, disse, com muita emoção:

- Muito bem, filha! Nunca devemos reclamar e sempre louvar. E você provavelmente não poderia entender a situação se tivesse mesa farta.

Então, observei que o garoto não tinha a mesma disposição. Entre D. Isabel e as quatro filhas havia ternura constante e vibrações luminosas, como se estivessem sintonizadas num mesmo ideal e unidas num só sentimento, mas o rapaz permanecia espiritualmente distante, fechado em sombras próprias. Às vezes, sorria com ironia, insensível à beleza do momento. Aproveitando a pausa mais longa, ele perguntou à mãe, de uma forma mais agressiva:

- Mãe, o que a senhora acha que é pobreza?

D. Isabel respondeu, muito serena:

- Acho, meu filho, que a pobreza é uma das melhores oportunidades de crescimento que podemos ter. Tenho certeza de que os homens ricos têm uma grande missão na Terra, mas reconheço que os pobres, além da missão própria, são mais livres e felizes. Na pobreza, é mais fácil encontrar a amizade sincera, a visão da ajuda de Deus, os tesouros da natureza, a riqueza das alegrias simples e puras. É claro que não estou falando dos preguiçosos e ingratos do mundo. Falo dos pobres que trabalham e mantêm a fé. O homem rico dificilmente vai saber diferenciar o carinho sincero do interesse mesquinho; certo de que pode fazer tudo, nem sempre percebe a proteção divina; pelo excesso de conforto, na maioria das vezes se afasta da natureza; e, acostumado a ter todos os caprichos atendidos, limita a capacidade de alegrar-se e confiar no mundo.

Apesar da beleza profunda daquelas palavras, o rapaz não se alterou, respondendo meio contrariado:

- Infelizmente não concordo com a senhora. Até as crianças do jardim da infância pensam o contrário.

- Não estamos num jardim da infância, meu filho. Estamos no jardim do lar e precisamos entender que as flores são sempre muito bonitas, mas a vida não segue adiante sem a bênção dos frutos. Por onde andarmos no mundo, receberemos muitos conselhos mentirosos e venenosos. Precisamos vigiar o coração, Joãozinho, valorizando o que recebemos de Jesus.

O rapaz, no entanto, demonstrando muita rebeldia, respondeu:

- A senhora não acha certo alugar este salão para que possamos ter algum dinheiro a mais? Estive conversando ontem com o Sr. Maciel, quando vim da escola. Ele nos pagaria bem para ter um depósito de móveis aqui.

D. Isabel, decidida, respondeu com firmeza, sem se irritar:

- Você deve saber, Joãozinho, que, enquanto respeitarmos a memória de seu pai, este salão será dedicado às nossas atividades evangélicas. Eu já contei a vocês a história do nosso evangelho no lar e não quero que vocês fiquem cegos às bênçãos de Jesus. Mais tarde, Joãozinho, quando você cuidar da própria vida, se for o que quer, poderá contruir casas para alugar, mas agora, meu filho, é preciso que você pense neste lugar como algo sagrado para sua mãe.

- E se eu insistir? – perguntou ele, mal humorado e cheio de orgulho.

A viúva, muito calma, respondeu com firmeza:

- Se você insistir, será castigado, porque eu não sou mãe para deixar que meus filhos tenham ilusões perigosas no coração. Se amo muito vocês, preciso orientá-los para o caminho certo.

O rapaz quis responder, mas a luz emitida pelo peito de D. Isabel, pelo que percebi, confundiu-o em sua rebeldia e ele se calou, contrariado, triste e com raiva. Fiquei profundamente admirado com aquela mulher que se dirigia à filha mais velha como amiga, às filhas mais novas como mãe e ao filho orgulhoso como instrutora sensata e responsável.

Aniceto, que também estava satisfeito, disse-nos de forma especial:

- O Evangelho dá equilíbrio ao coração.

A pequena Neli, com medo, pediu:

- Mamãe, não deixe o Joãozinho alugar a sala!

A viúva sorriu, afagou o rosto da filha e afirmou:

- Joãozinho não vai fazer isso. Vai saber entender a mamãe. Não vamos mais falar disso agora, Neli.

E, olhando o relógio, disse à mais velha:

- Joaninha, faça uma prece de agradecimento. Nosso horário já terminou.

A jovem, com um rosto feliz e sereno, agradeceu a Deus, deixando-nos emocionados.

37
EM CASA

Terminado o Evangelho no lar, um dos companheiros fez também os agradecimentos.

- Espero que esses recantos de amor se multipliquem – disse Aniceto, emocionado. – O mundo pode criar novas indústrias, novos edifícios, erguer estátuas e cidades, mas, sem o lar, nunca haverá felicidade verdadeira.

- Bem-aventurados os que cultivam a paz em casa – disse uma senhora simpática, que ficou ao nosso lado durante a reunião.

Dois cooperadores de “Nosso Lar” nos serviram uma refeição simples e leve, que não tenho como descrever aqui, por falta de termos adequados.

- Em oficinas como esta – explicou Aniceto – é possível manter a pureza de nossos alimentos. Aqui, os elementos inferiores não conseguem proliferar. Temos bastante luz para neutralizar qualquer manifestação das trevas.

E, enquanto a família encarnada de Isidoro fazia sua refeição à base de chá com torradas, numa sala próxima, nós comíamos algo leve e aproveitávamos para falar de coisas elevadas.

O ambiente continuou animado, cheio de alegria.

Depois das 23h, a viúva foi se deitar com os filhos, num quarto muito simples.

A sensação de paz era indescritível.

Aniceto, Vicente e eu, em companhia de outros amigos, fomos ao pequeno jardim que rodeava a casa.

As flores aveludadas exalavam perfume. A claridade espiritual do ambiente parecia espantar as sombras da noite.

Respirando as brisas que vinham da Guanabara, notei, pela primeira vez, algo que ainda não havia observado. Enquanto a mãe conversava despreocupada com um amigo, uma garotinha muito meiga colheu um cravo perfumado, num grito de alegria. Notei que, ao mesmo tempo em que a menina colhia a flor, a sua parte material murchava quase que imediatamente. A mãe a repreendeu com energia:

- O que é isso, Regina? Não temos o direito de perturbar a natureza. Não faça mais isso, minha filha! A mamãe não gostou do que você fez.

Aniceto, sorrindo, explicou discretamente:

- Esta é Emília, colaboradora em “Nosso Lar”, que vem para encontrar o marido ainda encarnado.

- E ele virá até aqui? – perguntou Vicente, curioso.

- Sim, pelo desprendimento do sono físico – disse Aniceto, sorridente. – Estes fenômenos acontecem milhares de vezes na Terra, todas as noites. Para a maioria dos encarnados, o sono apenas reflete as perturbações físicas ou emocionais a que se entregam. Entretanto, existe um grande número de pessoas que, com maior ou menor precisão, são capazes de realizar este intercâmbio espiritual.

Estava surpreso. Aquele trabalho interessante, cheio de novidades, a que Aniceto havia nos trazido, deixava-me muito feliz. Em cada canto percebia novas atividades.

Apesar das luzes que nos rodeavam, notei que o céu prometia chuvas fortes. As brisas leves transformaram-se, de repente, em ventania. Ainda assim, as sensações de paz continuavam muito agradáveis.

- Na Crosta, o vento é sempre uma bênção dos céus – disse Aniceto, sério. – Podemos perceber seu caráter divino pela nossa condição atual. A pressão atmosférica sobre os encarnados é de, aproximadamente, 15 ton.

- No entanto, é interessante notar – ajuntou Vicente – que não sentimos todo esse peso nos ombros.

- É a diferença nos veículos de manifestação – explicou Aniceto, atencioso. – Nossos corpos e os dos encarnados apresentam diferenças essenciais. Imaginemos o círculo da Crosta como um mar de oxigênio. Os encarnados são seres pesados que se movimentam no fundo, enquanto nós somos gotas de óleo que podem flutuar na superfície, sem maior dificuldade, pelas características do material de que são feitas.

A essa altura, notei que formas sombrias, algumas monstruosas, arrastavam-se nas ruas, à procura de abrigo. Espantado, reparei que muitas vinham em nossa direção, para, logo em seguida, recuarem assustadas. Causavam medo. Muitas pareciam verdadeiros animais perambulando pelas ruas. Confesso que senti muito medo.

Calmo, como sempre, Aniceto nos tranquilizou:

- Não tenham medo – disse. – Sempre que há ameaça de tempestade, os seres inferiores das sombras se movimentam procurando abrigo. São os ignorantes que vagueiam pelas ruas, escravizados às sensações mais fortes dos sentidos físicos. Estão ainda presos às expressões inferiores da experiência humana e as chuvas fortes os incomodam tanto quanto ao homem encarnado que está longe de casa. Buscam, de preferência, as casas de diversão noturna, onde a ociosidade se manifesta em desregramento. Quando não conseguem isso facilmente, entram nas casas abertas, considerando que, para eles, a matéria física ainda tem a mesma densidade de antes.

E, demonstrando interesse em aproveitar a lição, acrescentou:

- Observem como são atraídos para cá e fogem em seguida, espantados e agitados. Estamos vendo mais um ensinamento sobre os efeitos da prece. Nunca poderemos enumerar todos os benefícios da oração. Toda vez que se ora num lar, prepara-se a melhoria do ambiente familiar. Cada prece sincera representa emissão eletromagnética de considerável poder. Por isso mesmo, o Evangelho no lar não é só um recurso de crescimento interior, mas também processo avançado de defesa exterior, pelas luzes espirituais que acende em torno. O homem que ora traz consigo escudo intransferível. O lar que cultiva a prece se transforma em fortaleza, entendem? Em contato com as vibrações luminosas desta casa, as entidades das sombras recebem um forte choque e é por isso que se mantêm à distância, procurando outros rumos...

Logo em seguida, entramos novamente no salão abençoado da casa modesta.

Como se estivesse visitando uma terra de surpresas, outro fato me causou profunda admiração.

Isidoro e Isabel vieram até nós, de braços dados, cheios de alegria. Aquela viúva pobre do bairro humilde estava lindamente vestida agora, sem perder a graciosa simplicidade que a caracterizava. Sorria contente, ao lado do esposo, via todos nós, cumprimentava-nos com gentileza.

- Meus amigos, - disse ela, serena – meu marido e eu temos uma excursão de aprendizado esta noite. Deixo as crianças com vocês por algumas horas e, desde já, agradeço o cuidado e o carinho.

- Vá, minha filha! – respondeu uma senhora idosa. – Aproveite o descanso do corpo. Deixe os meninos conosco. Vá tranquila.

Aniceto inclinou-se para nós e falou:

- Vocês estão vendo como a felicidade divina se manifesta no sono dos justos? Sei de poucos encarnados com a alegria desta mulher admirável, que tem sabido aprender a ciência do sacrifício individual.

EM PLENA ATIVIDADE

Continuamos em plena atividade no agradável salão de D. Isabel. Lá fora, a chuva forte começava a cair, mas nós parecíamos estar muito longe dela.

Logo no início da madrugada, o movimento aumentou. Muita gente ía e vinha.

- Muitas dessas pessoas – explicou Aniceto – vivem aqui aquilo que os encarnados chamam de sonho. Não é fácil transmitir instruções em locais comuns, contaminados de pensamentos inferiores, mas nas oficinas onde conseguimos acumular mais energias positivas da espiritualidade superior, é possível prestar grandes serviços aos que se encontram encarnados na Terra.

Prestando um pouco mais de atenção, notei que muitas das pessoas recém-chegadas pareciam convalescentes e frágeis. Algumas precisavam de ajuda para se manterem de pé. Eram os encarnados que aproveitavam o desprendimento parcial do sono físico para obter auxílio junto a nós e outras entidades generosas e dedicadas. No entanto, percebia que a maioria deles não entendia completamente o que ouvia. Muitos pareciam doentes, incapazes de compreender. Sorriam como crianças, demonstrando boa vontade para receber os conselhos, mas com pouca capacidade para retê-los. Eu observava o cenário, estranhando muito. Sempre cuidadoso, Aniceto deu-me algumas explicações.

- Os espíritos encarnados, – disse – assim que se vêem presos ao corpo físico, ficam submetidos a leis muito fortes na Crosta. Entre eles e nós existe um véu muito grosso e a muralha das vibrações. Sem a extinção temporária da memória, as oportunidades não se renovariam. Se pudessem perceber completamente os nossos planos, esqueceriam suas obrigações imediatas, tornando-se parasitas e prejudicando a própria evolução. É por isso que raramente estão lúcidos ao nosso lado. Na maioria das vezes em que estão conosco, ficam vacilantes e enfraquecidos... Vejam aquela jovem senhora encarnada, conversando com a avó que trabalha conosco em “Nosso Lar”.

Aniceto apontou um grupo mais próximo.

A senhora mais velha, de olhos brilhantes e gestos decididos, abraçava a neta pálida e sem forças.

- Nieta – dizia a velhinha, em tom firme – não dê tanta importância às dificuldades. Esqueça quem a persegue e não odeie ninguém. Conserve a paz espiritual, acima de tudo. Sua mãe não pode ajudá-la agora, mas creia na continuidade da vida. Eu não vou esquecê-la. A calúnia, Nieta, é uma serpente que ameaça o coração. Entretanto, se a encararmos de frente, com força e tranquilidade, em pouco tempo veremos que esta serpente não tem vida própria. É uma víbora de brinquedo que se quebra como vidro em nossas mãos. E, vencido o inimigo, teremos a flor da virtude em lugar da serpente. Não tenha medo, querida! Não perca a sagrada oportunidade de testemunhar a compreensão das lições de Jesus!...

A jovem senhora não respondia, mas seus olhos meio lúcidos estavam cheios de lágrimas. Debruçada no colo da avó, fazia gestos vagos, dando a entender que recebia o consolo divino.

- Ela vai se lembrar de tudo quando acordar no físico? – perguntei, intrigado, a Aniceto.

Ele sorriu e esclareceu:

- Como a avó é superior à neta e considerando os planos de vida diferentes em que estão, a jovem encarnada está sob o domínio espiritual da velha senhora. Entre ambas, portanto, há uma corrente magnética recíproca, com que a avó exerce influência positiva sobre a neta. A jovem não vê o ambiente com clareza, nem ouve todas as palavras. Não podemos esquecer que o desprendimento do sono físico comum é parcial e que a audição e a visão típicas do encarnado estão restritas aqui também. Assim, o fenômeno é mais de união espiritual que de percepção sensorial, propriamente dita. A jovem está recebendo sugestões positivas, de espírito a espírito. Quando acordar no corpo físico, não se lembrará de todos os detalhes deste encontro maravilhoso que acabamos de presenciar, mas despertará encorajada e bem disposta, sem poder identificar a causa de sua alegria e bem estar. Vai dizer que sonhou com a avó num lugar cheio de gente, sem lembrar-se dos detalhes do fato, acrescentando que viu, no sonho, uma cobra ameaçadora que logo se transformou em serpente de vidro, quebrando-se em suas

mãos, para transformar-se em flor perfumada, da qual ainda tem a lembrança agradável. Dirá que um grande conforto a invadiu e, no fundo, compreenderá a mensagem de consolo que lhe foi concedida.

- Mas não vai se lembrar do que ouviu? – perguntou Vicente, curioso.

- Ela precisaria ter profunda lucidez no físico para isso, – continuou Aniceto, explicando – mas se lembrará das imagens simbólicas da serpente e da flor, porque está em ligação magnética com a avó, recebendo dela a emanção de pensamentos positivos. A senhora não está apenas falando, mas pensando fortemente também. E a neta não está ouvindo ou vendo pelo processo comum, mas percebendo claramente a criação mental da avó amiga, e registrará com precisão os símbolos vistos e arquivados na memória real e profunda. Assim, não terá dificuldade em entender a essência do que a avó deseja transmitir-lhe ao coração angustiado, compreendendo que a calúnia não passa de serpente mentirosa quando ataca uma consciência tranquila, logo se transformando em nova virtude, quando encarada com serenidade e fé.

A lição tinha profundo significado para mim. Começava a entender os mecanismos de comunicação entre os dois planos. Pensei no grande esforço dos que pesquisam os sonhos. Quanta riqueza psíquica a ser conquistada, se os pesquisadores conseguissem deslocar o foco de estudo do campo fisiológico para o campo espiritual. Lembrei-me da psicanálise, da tese freudiana, das manifestações instintivas e inferiores.

Percebendo meus pensamentos, Aniceto me olhou e disse:

- Freud – afirmou ele – foi um grande missionário da Ciência. No entanto, manteve-se sob certas limitações, como qualquer outro encarnado. Em matéria de psiquismo, fez muito, mas não tudo.

Pela pausa do nosso instrutor, percebi que não queria entrar em detalhes sobre a famosa teoria. Mas, lembrando-me da grande importância atribuída por Freud às tendências inferiores, perguntei, meio sem jeito:

- Mas existem locais de reunião de espíritos desequilibrados no mal, assim como acontece aqui, com os espíritos interessados no bem?

Aniceto sorriu, bondoso, e falou:

- Não tenha dúvida disso. Quando os encarnados dormem, acontecem obsessões inferiores, perseguições, explorações psíquicas negativas, vampirismo, tentações, por meio de correntes magnéticas passíveis de serem manipuladas. Ainda são poucos os encarnados que sabem adormecer no bem...

E fazendo um gesto expressivo, concluiu:

- Que Deus nos livre de falhar novamente...

TRABALHO INCESSANTE

Quando amanhecia, notei que Aniceto recebeu vários amigos, com os quais conversou em particular. Por educação, ele nos informou que tinha várias tarefas, de acordo com instruções de Telésforo, das quais precisava tratar em sigilo. No entanto, não nos omitiu o objetivo essencial do trabalho, que era o combate ativo a uma grande organização de desencarnados ignorantes, reunidos para o mal.

Enquanto ele se mantinha em reunião particular, nós aproveitamos para ouvir outros amigos de tarefas espirituais.

Agora o dia nascia com grande brilho. Tínhamos a impressão de que a chuva da noite havia varrido todas as sombras do céu.

Pelo número de trabalhadores espirituais que passaram a noite na casa humilde, percebi a importância daquele local de serviço, de aparência tão apagada para os encarnados.

Uma senhora que se aproximou de nós disse, comovida:

- Que Deus recompense Isabel, dando-lhe forças para vencer as tentações do caminho.

Foi por haver passado a noite aqui que pude encontrar minha filha.

Incapaz de conter a curiosidade, perguntei:

- Mas como a encontrou?

- Em sonho – respondeu a velhinha simpática. – Dalva ficou viúva há três anos e há onze meses eu desencarnei, deixando-a sozinha. A infeliz não tem suportado o sofrimento como deveria e deixou-se influenciar por entidades negativas que planejam prejudicá-la. Em vão tenho tentado me aproximar dela durante o dia, mas, com a mente cheia de preocupações materiais, não consegue captar minhas sugestões. Precisava encontrar-me com ela à noite e isso não vinha sendo fácil, já que não tenho muita elevação espiritual para agir sozinha e o grupo com quem trabalho não tem tempo para permanecer aqui uma noite inteira por minha causa. Foi então que uma amiga me trouxe a este posto de serviço de “Nosso Lar”. Aqui descansei e pude trabalhar com os grupos de tarefa permanente, ajudada por trabalhadores incansáveis.

- E consegui o que pretendia com facilidade? – perguntou Vicente, interessado.

- Graças a Deus! – respondeu ela, demonstrando grande satisfação. – Agora sei que minha filha recebeu meus conselhos de mãe e tenho certeza de que atenderá meus pedidos.

- Mas há muitos postos de “Nosso Lar” como este? – perguntei.

- Pelo que me informaram, há um bom número deles, não só aqui, mas também em outras cidades do país, além de várias oficinas que representam outras colônias espirituais entre os encarnados da Terra. Nesses núcleos, há sempre grandes possibilidades, imprevisíveis aos nossos trabalhos.

Nesse instante, dois companheiros com quem havíamos conversado durante a noite, com muita simpatia, cumprimentaram-nos.

- Mas, como? Já estão de saída? – perguntei.

- Vamos ao trabalho. – respondeu um deles. – Hoje à noite teremos o estudo do Evangelho e precisamos ajudar os espíritos ignorantes e sofredores que tenham condições de vir até aqui.

- Temos também esse tipo de trabalho? – perguntei espantado.

- Claro, meu caro! Jesus mesmo já dizia, há muitos séculos, que a seara é grande. Há trabalho para todos e devemos nos lembrar que esta oficina de assistência cristã funciona há quase 20 anos, sem parar.

- Mas vocês estão aqui desde o início? – perguntei.

O outro explicou:

- Não. Muitos como nós fazem estágios de serviço aqui. Só alguns colaboradores de Isidoro e Isabel estão na casa desde a fundação. Nós não ficamos mais do que dois anos consecutivos. Um posto como este é sempre uma escola ativa e abençoada, e os que têm boa vontade precisam ter a oportunidade de aprender.

- Desculpem-me tantas perguntas, – falei – mas gostaria de saber se vocês são os únicos com tarefa de recolher os ignorantes e sofredores para esclarecimento e auxílio.

- Não. Hildegardo e eu somos auxiliares para alguns quarteirões no centro da cidade apenas. Nessa tarefa, temos muitos colaboradores.

A essa altura, um outro companheiro, que parecia fazer parte do grupo de orientação da casa, aproximou-se e falou aos colegas, de maneira especial:

- Vieira, recomendo a você e ao Hildegardo mais atenção ao nosso critério doutrinário. É inútil trazerem aqui entidades preguiçosas ou de má fé, apenas por simpatia. Não podemos perder tempo com espíritos teimosos e ociosos, nem com aqueles que se aproximam da casa com segundas intenções. Não faltará ajuda de Jesus para eles. Lembrem-se disso.

- Não é falta de caridade, é compreensão do dever. Temos um programa de trabalho muito sério, no que diz respeito à evangelização e o socorro. Não podemos abusar da concessão da Espiritualidade Superior. Quem aceita um compromisso, não vive sem prestar contas. Por mais que vocês amem alguma entidade preguiçosa ou irônica, não facilitem seus abusos. Ajudem-na individualmente quando tiverem tempo e possibilidades para isso. Não tragam dificuldades para o grupo. Não se esqueçam de que existem alguns núcleos de tarefa específicos para os cegos e surdos voluntários.

Vieira e o colega ficaram muito pálidos, sem responder nada.

Quando o orientador se afastou, Vieira explicou, sem jeito:

- Recebemos uma advertência justa.

E, percebendo o nosso interesse em aprender, continuou, prestativo:

- Infelizmente, eu e Hildegardo temos alguns parentes desencarnados em tristes condições espirituais. Na reunião passada, trouxemos o meu tio Hilário e o primo Carlos, embora soubéssemos que ambos não estavam preparados para as reflexões sérias, pela forma como desrespeitam as leis divinas nos ambientes inferiores. Os dois pareciam tão motivados para a renovação interior que nos deixamos levar pela simpatia pessoal, esquecendo a necessidade de preparação prévia. Eles vieram conosco e sentaram-se entre os vários assistidos, mas, no meio dos estudos evangélicos, tentaram tomar, à força, a mediunidade de Isabel, para transmitir mensagem pessoal de teor duvidoso. Percebendo a nossa vigilância e surpreendidos pelos cooperadores da casa, ficaram revoltados, causando grande perturbação. Se não fossem as barreiras magnéticas do serviço de guarda, eles teriam causado problemas muito sérios. Assim, a reunião foi menos produtiva, pela grande perda de tempo. É claro que fomos responsabilizados...

- Meu Deus! – exclamou Vicente, admirado. – Quantas lições!

- Ah, sim, meu amigo... – voltou a falar Vieira, conformado – Aqui não podemos abusar do amor, como fazemos no mundo físico. Ninguém está proibido de ajudar, querer bem, interceder. Todos podemos ajudar a quem amamos com os próprios recursos, mas a palavra “dever” tem um significado especial aqui para quem deseja realmente caminhar para Deus.

40 RUMO AO CAMPO

Quase todos os trabalhadores espirituais saíram para suas tarefas. Só alguns amigos permaneceram na casa de D. Isabel, em trabalho de auxílio e vigilância.

Notei que Aniceto continuava dando instruções variadas, falando, em caráter confidencial, com alguns colegas, a respeito do trabalho que Telésforo lhe havia pedido.

No entanto, antes mesmo do meio-dia, pediu que o acompanhássemos.

- Na oficina – disse ele – encontramos o descanso necessário ao trabalho. Recebemos energias novas e alimentos convenientes que nos permitem continuar com os esforços, mas temos que convir que, para muitos de nós, a noite foi de atividades longas e exaustivas. Precisamos descansar. Voltaremos ao anoitecer.

Para onde estávamos indo? Não sabia. Lembrei-me que, de fato, se alguns haviam descansado, durante a noite, a maioria havia trabalhado muito, e concluí que, se muitos, pela manhã, haviam saído para as suas tarefas, outros haviam ido procurar o descanso necessário.

- Para onde vão? – perguntou um colega da vigilância, que se tornara nosso amigo.

Antes que pudéssemos responder, Aniceto explicou:

- Vamos ao campo.

E falando especialmente comigo e com Vicente, acrescentou:

- Vamos voitar, mesmo porque não temos nenhum compromisso imediato no centro da cidade.

Notei que estava cada vez mais fácil para mim usar a volitação. A viagem de estudo, com escala no Posto de Socorro de “Campos da Paz” havia me feito bem. Estava mais preparado, sentia-me mais forte antes as vibrações inferiores, movimentava meus próprios recursos com mais facilidade. Reparei também que meus potenciais visuais aumentavam consideravelmente. Volitando, via agora, surpreso, coisas que não havia notado antes, quando só percebia os homens, animais, veículos e edifícios chumbados ao chão. Tinha a visão bem mais dilatada agora. Reconhecia, de longe, o peso considerável do ar que se agarrava à superfície. Tive a impressão de que nadávamos em alto mar de oxigênio, vendo, abaixo, em águas turvas, enorme quantidade de pessoas arrastando-se com dificuldade, usando escafandros muito densos, no fundo de um oceano cheio de lodo.

- Estão vendo aquelas manchas escuras na rua? – perguntou Aniceto, percebendo nossa estranheza e curiosidade.

Como não sabíamos definir exatamente, continuou explicando:

- São nuvens de vários tipos de bactérias. Quase sempre, flutuam também em grupos compactos, obedecendo à lei de afinidade. Reparem aqueles ambientes sombrios...

E apontava certos edifícios e certas áreas urbanas.

- Observem os grandes núcleos sombrios ou completamente escuros!... São zonas de matéria mental inferior, matéria que é expelida incessantemente por determinado tipo de pessoas. Se examinarmos mais a fundo, veremos também os monstros que se arrastam atrás das pessoas, atraídos por elas mesmas...

Falando de forma muito séria, comentou:

- O homem é atacado tanto pelas bactérias físicas, quanto pelas que existem nas sombras e ameaçam-lhe o equilíbrio mental. Como vêem, o “vigiai e orai” do Evangelho tem profunda importância em qualquer situação e a qualquer momento. Só os homens de mentalidade positiva, voltada para a espiritualidade superior, conseguem vencer as influências negativas dos mais variados tipos.

Interessado em aprender mais, perguntei:

- Mas a matéria mental emitida pelo homem inferior tem vida própria como os microorganismos que causam as doenças físicas?

Aniceto sorriu com bondade e acrescentou:

- Claro! Hoje vocês sabem que o homem encarnado vive num aparelho psicobiofísico. No que diz respeito às doenças, não podemos considerar apenas os aspectos fisiológicos propriamente ditos, mas também o quadro psíquico da personalidade encarnada. Ora, do mesmo modo que temos a nuvem de bactérias produzidas pelo corpo doente, temos também a

nuvem de larvas mentais produzidas pela mente doente. Assim, entre os homens desprovidos de recursos espirituais, adoce tanto o corpo como a mente. Por isso mesmo é que, no futuro, a medicina da alma incorporará a medicina do corpo. No momento, podemos oferecer tratamento ao corpo de carne, sendo esta uma tarefa nobre de auxílio, orientação e alívio. No entanto, em se tratando da cura real, temos que reconhecer que depende exclusivamente do homem-espírito.

- Nossa! – exclamou Vicente, espantado – Quantos perigos o homem tem de enfrentar!

- Por isso, - continuou Aniceto – a existência terrena é uma gloriosa oportunidade para que os que se interessam pelo conhecimento e a elevação de si mesmos. E é por esta razão que destacamos a necessidade da fé religiosa entre os encarnados. Com esta campanha, não pretendemos incentivar o fanatismo ou o sectarismo, mas criar um estado positivo de confiança, otimismo e ânimo sadio na mente de cada homem encarnado. Até agora, só a fé pode conseguir isso. As ciências e as filosofias preparam o caminho, mas a semente vital vem da fé que vence a morte. Compreendendo seu valor eterno, o homem encontra bastante dinamismo para lutar até alcançar a vitória completa em si mesmo.

Percebendo que precisava terminar o raciocínio, disse, depois de longa pausa:

- Todos precisamos saber emitir e receber. Os homens encarnados estão empenhados em alcançar este equilíbrio tanto quanto nós mesmos, em luta constante. E já que sabemos algo da eternidade, precisamos lembrar que toda falha prejudica o sucesso e todo esforço nobre ajuda sempre.

As explicações recebidas não poderiam ser mais claras. Mas aquela imagem, cheia de pontos escuros, deslocando-se devagar, atingindo homens e máquinas nas ruas, me assustava.

Querendo aprender mais, voltei ao assunto:

- A lição é muito valiosa para mim. E quando penso na capacidade de reprodução da flora bacteriana...

Aniceto não me deixou terminar. Sabendo, de antemão, o que eu ia perguntar, interrompeu-me, dizendo:

- Sim, André, se não fosse o poder muito maior da luz solar, conjugada ao magnetismo terrestre, luz esta que destrói intensivamente para selecionar as manifestações da vida na Terra, a flora bacteriana negativa não teria permitido a existência de um único homem na superfície do planeta. É por isso que o solo e as plantas estão cheios de princípios de cura e transformação.

E, balançando a cabeça, concluiu:

- Mas, mesmo com o poder imenso desse recurso divino, enquanto os homens, herdeiros de Deus, cultivarem os aspectos inferiores da vida, haverá também criações inferiores em número bastante grande para uma batalha sem tréguas em que devem vencer os verdadeiros valores evolutivos.

41
ENTRE ÁRVORES

Passados alguns minutos, chegávamos a uma pequena propriedade rural, cheia de árvores graciosas.

Laranjeiras, bananeiras e goiabeiras estendiam-se por todo o campo, enchendo de verde a paisagem. A relva macia nos convidava ao descanso. E o vento calmo passava de leve, sussurrando algo nas folhagens.

Aniceto respirou fundo e disse:

- Embora os desencarnados não se cansem como os encarnados, também precisam descansar. Em geral, nossas atividades, à noite, são muito ativas e trabalhosas. Só um terço dos companheiros espirituais, que trabalham na Terra, consegue continuar em atividade durante o dia.

E, percebendo nossa curiosidade, falou:

- Aliás, isso é bem natural. O dia terrestre é mais apropriado ao espírito encarnado. O homem deve aprender a agir, demonstrando compreensão das leis divinas. Pelo menos durante algumas horas, deve estar mais só com as experiências que lhe dizem respeito.

Aniceto sorriu e comentou:

- Para o homem encarnado, o dia e a noite são como uma folha no livro da vida. A maior parte das vezes, ele escreve sozinho a página diária, com os sentimentos, as palavras, os pensamentos, as intenções e os atos que lhe são próprios. E, no verso, isto é, na página noturna, nós o ajudamos a corrigir as lições e acertar as experiências, quando Deus nos permite fazê-lo.

Quando Aniceto se calou, nossa atenção se concentrou apenas na beleza que havia à nossa volta. Aquele campo agradável e hospitaleiro tinha uma atmosfera muito diferente. Não havia emanações pesadas da cidade grande, só o vento leve, suavemente perfumado. Estava pensando na bondade de Deus, que sempre nos oferecia novos recursos, quando Aniceto voltou a dizer:

- A natureza nunca é a mesma em todos os lugares. Não há dois pedaços de terra com climas absolutamente iguais. Cada colina, cada vale, tem características climáticas diferentes. No entanto, temos que reconhecer que, entre os encarnados, o campo é sempre o melhor reservatório de princípios vitais. Em geral, todos nós, os trabalhadores espirituais, gostamos do ar da manhã, quando a atmosfera ainda está em repouso, isenta das partículas de poeira que carregam bacilos e outros agentes inferiores. Entretanto, com os trabalhos de hoje, não podemos descansar mais cedo...

Recostamo-nos no gramado macio e, percebendo nossa curiosidade, Aniceto continuou:

- Digo isso porque, na floresta, a densidade é forte, em consequência da falta de emanações, causada pela escassez de vento. Ali, o ar costuma ser asfíxiante, pelo excesso de emanações dos reinos inferiores da natureza. Na cidade, a atmosfera é compacta e o ar também sufoca, pela densidade mental das aglomerações humanas inferiores. Assim, no campo temos o ambiente ideal...

Apontando, contente, a copa das árvores balançando, acrescentou:

- Aqui reina a paz equilibrada que é possível encontrar na Terra. Nem a selvageria da mata virgem, nem a sufocação dos fluidos humanos. O campo é nosso caminho do meio, a harmonia possível, o repouso ideal.

Embalados ao som de alguns pássaros próximos, descansamos por algumas horas, confortavelmente abrigados no templo da natureza.

Quando começava a escurecer, Aniceto nos chamou para um passeio rápido pelas redondezas.

Percebi que estávamos muito mais dispostos.

Só depois de andarmos um pouco foi que notei que havia grande quantidade de trabalhadores espirituais na vizinhança.

Diante de minhas dúvidas, Aniceto explicou:

- O campo também é uma grande oficina para os nossos serviços.

E apontando alguns trabalhadores que iam e vinham, comentou:

- O reino vegetal tem vários colaboradores. Vocês provavelmente não sabem que muitos companheiros prepararam-se para nova encarnação no mundo, prestando serviços aos reinos inferiores. O trabalho com Deus é uma escola viva, em toda parte.

Nesse momento, nossa atenção foi atraída por grande movimento na estrada próxima.

Fomos para lá, seguindo Aniceto, que parecia adivinhar o que estava acontecendo.

Notei, então, algo interessante: um homem estava caído no chão, em uma poça de sangue, ao lado de uma pequena carroça puxada por um jumento impaciente e agitado. Dois encarnados socorriam o ferido, apressadamente. 'Precisamos levá-lo à fazenda depressa.' dizia um deles, aflito. 'Receio que tenha fraturado o crânio.' No entanto, o número de desencarnados que ajudava o pequeno grupo era muito grande.

Em meio àquela agitação, um dos desencarnados, que me pareceu ser o chefe, recebeu-nos com muita gentileza, explicando, rapidamente, o que havia acontecido. O carroceiro havia recebido uma patada do burro e precisava ser socorrido.

Quando as coisas ficaram mais calmas, vi o chefe chamar um guarda do caminho, questionando:

- Glicério, como é que você deixou isso acontecer? Este trecho da estrada está sob sua responsabilidade direta.

O outro, com respeito, disse, com bom senso:

- Fiz o possível para salvar este homem, que, aliás, é um pobre pai de família. Meus esforços foram em vão, por sua própria imprudência. Faz tempo que estou tentando cercá-lo de cuidados, sempre que passa por aqui. Entretanto, o infeliz não tem o mínimo respeito pelos dons naturais de Deus. É muito grosso com os animais que o ajudam a ganhar o próprio sustento. Só sabe gritar, irritar-se, bater e ferir. Tem a mente fechada para as idéias de agradecimento. Não pensa em outra coisa a não ser o chicote e praguejar. Hoje, tanto perturbou o pobre burro, tanto o surrou, que parecia até mais animalizado... Quando já estava quase ficando irracional, pelo excesso de cólera e ingratidão, meus esforços se tornaram inúteis. Atormentado pelas descargas de fúria do carroceiro, o animal humilde o atacou com a pata. Que se pode fazer? Minha obrigação foi cumprida...

O superior, que ouvia atentamente as explicações, respondeu, sem vacilar:

- Tem razão.

E como olhou para Aniceto, pedindo aprovação, nosso orientador afirmou:

- Vamos ajudar o homem no que estiver ao nosso alcance, cumprindo nossas obrigações, sem esquecer as lições. Esse trabalhador irresponsável foi punido por si mesmo. A cólera é punida com suas próprias consequências. Atrás do mal, vem sempre o mal. Se os seres inferiores, nossos irmãos no grande lar da vida, nos ensinam os valores do serviço, de nossa parte, devemos ensinar-lhes os valores da educação. Mas ninguém pode educar odiando, nem construir algo útil com fúria e brutalidade.

E apontando o grupo encarnado que levava o ferido a uma casa próxima, concluiu, sereno:

- Como homem encarnado, nosso amigo sofrerá vários dias na cama. Em meio à preocupação da família, levará um bom tempo para se recuperar fisicamente. No entanto, como espírito eterno, recebeu hoje uma lição útil e necessária.

Muito surpreso, reparei na profunda serenidade de Aniceto e comeci a compreender que ninguém desrespeita a natureza, sem receber o devido troco amargo.

EVANGELHO NO CAMPO

Quando já não se ouviam mais comentários sobre o acidente, o chefe daquele grupo de trabalhadores perguntou ao nosso orientador, com gentileza:

- Aniceto, aproveitando a oportunidade, seria possível você interpretar para nós, ainda hoje, alguma passagem evangélica?

Aniceto concordou, prestativo.

Notei que o interesse pelo assunto era enorme.

Muito surpreso, vi um dos trabalhadores trazer ao nosso instrutor um livro, que não tive dificuldades para identificar. Era um exemplar do Evangelho, o qual Aniceto abriu com segurança, como se soubesse onde estava a lição para o momento.

Olhando a página escolhida, começou a meditar, enquanto uma luz sublime envolvia sua testa. Houve profundo silêncio. Todos os trabalhadores demonstravam grande interesse pela palestra. Tudo parecia imponente e calmo na natureza. Um rebanho bovino aproximou-se de nós, atraído por forças magnéticas que não pude compreender. Alguns jumentos humildes vieram também. E as aves tranquilizaram-se nas copas fartas, em silêncio. A única voz que se ouvia, leve e suave, era a do vento, sussurrando harmonia e frescor. A paisagem não podia ser mais bela, tingida pelo dourado do pôr-do-sol. Tirando o aspecto rústico do cenário vivo, o ambiente se parecia muito com os salões verdes de “Nosso Lar”.

Aniceto, olhando para o livro sagrado, leu em voz alta os versículos 19, 20 e 21 do capítulo 8 da Epístola aos Romanos:

- “Porque a ardente expectativa da criatura espera a manifestação dos filhos de Deus. Porque a criação ficou sujeita à vaidade, não por sua vontade, mas por causa do que a sujeitou, na esperança de que também a mesma criatura será libertada da servidão da corrupção, para a liberdade da glória dos filhos de Deus.”

Em seguida, pensou um pouco e comentou, com evidente inspiração:

- Irmãos, recebamos a bênção do campo, louvando o amor e a sabedoria de nosso Pai! Exaltemos o Senhor da Vida, que sopra em nós a força eterna da renovação incessante! Reflitamos nas palavras de Paulo, tirando delas o conteúdo divino!... Há milênios a natureza espera pela compreensão dos homens, não só vivendo em esperança, mas também em ardente expectativa, aguardando o entendimento e o auxílio dos encarnados, considerados mais propriamente filhos de Deus. Entretanto, as forças naturais continuam sendo atacadas pela vaidade humana. E isto só ocorre, amigos, porque também Deus tem esperança na libertação dos seres escravizados na Terra, para que eles também possam ser espíritos livres. Conheço o sacrifício de vocês, dedicados trabalhadores espirituais da natureza terrestre. Muitos permanecem aqui, como em várias regiões do planeta, ajudando companheiros encarnados, acorrentados às ilusões da ganância de ordem material.

- Quantas vezes a ajuda de vocês não é convertida em explorações excusas nos negócios terrestres? A maioria dos agricultores tudo exige da terra, sem nada oferecer. Ao mesmo tempo em que zelam, cuidadosamente, pela manutenção das bases da vida, vocês assistem a civilização funcionar como gigantesca máquina trituradora, transformando os homens, nossos irmãos, em pequenos devoradores de pão, carne e vinho, absolutamente mergulhados na viciação dos sentimentos e nos excessos da alimentação, despreocupados do imenso débito para com a natureza amável e generosa. Eles oprimem as criaturas inferiores, ferem as forças benéficas da vida, são ingratos para com as fontes do bem, atendem às indústrias ruralistas mais pela vaidade e ambição de ganhar, que lhes são próprias, que pelo espírito de amor e utilidade, mas também não passam de infelizes escravos das paixões desvairadas. Traçam programas de riqueza mentirosa, que os leva à ruína; escrevem tratados de política econômica, que acabam em guerra e destruição; praticam o comércio de ganho indevido, colhendo as complicações internacionais que causam a miséria; dominam e exploram os mais fracos, acordando depois entre os monstros do ódio! É para eles, nossos semelhantes encarnados na Terra, que devemos olhar também, com espírito de tolerância e fraternidade. Vamos ajudá-los agora e sempre! Não podemos esquecer que Deus espera pelo futuro deles! Escutemos os gemidos da criação, pedindo a luz do raciocínio humano, mas não esqueçamos

também a lágrima desses escravos da corrupção, em cujas fileiras também estávamos até ontem, ajudando-os a despertar a consciência divina para a vida eterna! Ainda que cerquem o campo com vaidade e insolência, vamos ajudá-los. Deus reserva acréscimos de valores evolutivos para aqueles que se sacrificaram. Ele não se esquecerá da árvore útil, do animal exterminado, do ser humilde que se consumiu em benefício de outro ser!

- Ajudemos a despertar os homens para o débito que temos com a mãe natureza. Sempre que reencarnamos, levamos muito longe o consumo de nitrogênio. Convertemos em tragédia mundial o que poderia ser uma procura serena e edificante. Como sabemos, nenhum organismo poderá viver na Terra sem esta substância e, mesmo mergulhado num oceano dela, respirando, mais ou menos, mil litros por dia, nem o homem, nem qualquer outro ser vivo do planeta, pode se apoderar do nitrogênio do ar. Por enquanto, Deus não permite que os seres vivos tenham células capazes de absorver espontaneamente este elemento de importância primordial para a manutenção da vida, como acontece com o oxigênio comum. Somente as plantas, operárias incansáveis do planeta, são capazes de retirá-lo do solo, fixando-o para abastecimento de outros seres. Cada grão de trigo é uma bênção nitrogenada para o sustento das criaturas, cada fruto da terra é uma bolsa de açúcar e albumina, repleta de nitrogênio indispensável ao equilíbrio orgânico dos seres vivos. As indústrias agropecuárias, em essência, não passam de um modo organizado e metódico de conseguir o precioso elemento da vida. Se o homem conseguisse fixar, pelo menos, 10 gramas dos mil litros de nitrogênio que respira todos os dias, a Terra já teria se transformado num paraíso espiritual. Mas, se por um lado, Deus muito nos dá, de outro, é justo que exija a nossa colaboração na construção da nossa própria felicidade. Mesmo em “Nosso Lar”, ainda estamos longe da grande conquista de absorver espontaneamente o alimento da atmosfera. E o homem, meus amigos, transforma a procura de nitrogênio em paixão desvairada, ferindo e sendo ferido, ofendendo e sendo ofendido, escravizando e tornando-se escravo, isolado em trevas densas!

- Vamos ajudá-lo a compreender, para que uma nova era se organize. Vamos auxiliá-lo a amar a terra, antes de explorá-la negativamente, valendo-se da cooperação dos animais sem precisar exterminá-los. Nessa época, o matadouro será convertido em local de cooperação, onde o homem e os seres inferiores se ajudarão mutuamente, e as árvores úteis serão respeitadas como merecem. Nesse tempo sublime, a indústria glorificará o bem e, percebendo nosso entendimento, nossa boa vontade e nossa veneração às leis divinas, Deus nos permitirá, pelo menos em parte, solucionar o problema técnico de fixação do nitrogênio da atmosfera. Ensinemos aos nossos irmãos que a vida não é um roubo incessante, em que a planta lesa o solo, o animal extermina a planta e o homem mata o animal, mas um movimento de troca divina, de cooperação generosa, que nunca poderá ser perturbado sem grave dano à própria condição de criaturas responsáveis e evolutivas! Não vamos condenar! Ajudemos sempre!

O grupo, tanto quanto nós mesmos, estava profundamente impressionado.

Aniceto calou-se, olhou os animais e aves próximas com simpatia, como se estivesse enviando-lhes profundos pensamentos de amor e, em seguida, fechou o livro sagrado, com estas palavras:

- Com o Evangelho vemos que a criação espera ansiosamente a manifestação dos filhos de Deus encarnados! Concordamos que as criaturas inferiores têm suportado o peso de imensa irresponsabilidade! Vamos continuar trabalhando por elas, mas não nos deixemos levar por polêmicas inúteis. Os homens também esperam pela nossa manifestação espiritual! Desse modo, vamos ajudar a todos, no trabalho do grande entendimento.

ANTES DA REUNIÃO

Os preparativos para a reunião estavam em pleno andamento.

Chegamos à casa de D. Isabel quando faltavam poucos minutos para as 18h e o salão já estava cheio de companheiros trabalhando.

Como estranhei algumas atividades, fiz algumas perguntas a Aniceto, que me esclareceu com bondade:

- Realizar uma sessão de trabalhos espirituais eficientes não é coisa tão simples. Quando encontramos encarnados dedicados e de boa vontade, sem preocupações, experiências mal sucedidas e inquietações sem razão, podemos realizar grandes coisas. Claro que, nessa área, não podemos colaborar em atividades infantis. Quem não quer trabalhar com esse tipo de obrigações, com a devida seriedade, só poderá contar com espíritos menos sérios, já que a morte física não representa modificação para quem não quis se modificar. Onde se reunirem almas levianas, estará também a leviandade. Só que, neste caso, temos que auxiliar Isabel em seu esforço. Em todos os setores evolutivos, é natural que o trabalhador sincero e eficiente receba sempre mais recursos. Onde quer que haja atividades no bem, haverá também ajuda da espiritualidade superior.

Aniceto se calou.

Continuei observando as atividades de alguns companheiros que dividiam a sala de modo especial, utilizando longas faixas fluídicas. Aniceto me explicou:

- Estes amigos estão cuidando da manutenção e segurança. Serão trazidos hoje ao trabalho vários sofredores e é necessário que se limite seu poder de influência nesta casa. Para isso, nossos companheiros preparam as necessárias divisões magnéticas.

Admirado, notei que eles magnetizavam até o ar.

Aniceto, sempre gentil, comentou:

- Não se espante, André. Em nossos serviços, o magnetismo é força preponderante. Somos forçados a trabalhar com ele em grande escala.

E, sorrindo, concluiu:

- Os sacerdotes do antigo Egito já sabiam que, para conseguir determinados efeitos, é indispensável carregar a atmosfera de elementos espirituais, saturando-a de emanções positivas da nossa vontade. Para distribuir as luzes evangélicas aos desencarnados, são necessárias várias providências complexas, sem as quais tudo resultaria em aumento das perturbações. Esta casa é pequena, do ponto de vista material, mas tem grande valor para nós. Não podemos esquecer que é sempre preciso vigiar.

Enquanto as atividades de preparação espiritual prosseguiam, D. Isabel e Joaquina tomaram várias providências para o salão. Varreram, tiraram o pó, puseram uma toalha muito branca na mesa e trouxeram pequenos vasilhames de água pura.

A um sinal dos dirigentes do grupo, os vigilantes se espalharam em volta da casa simples. Percebia-se a supervisão espiritual até nos menores detalhes. Em tudo via-se ordem, serviço e simplicidade.

Logo depois das 18h, começaram a chegar os desencarnados necessitados.

Se o homem comum pudesse ver, ainda que de relance, o grupo de espíritos desencarnados, perturbados e sofredores ali reunidos, modificaria muito as atitudes da vida normal, incluindo aí os próprios espíritos, que frequentam reuniões doutrinárias, indiferentes ao esforço para a educação de si mesmos, tendo apenas uma vaga idéia da espiritualidade, preocupados em atender apenas ao egoísmo de sempre. O quadro de modificação interior, depois da morte física, é tão grande e variado que não temos palavras para descrever a imensa surpresa.

Aqueles rostos esqueléticos inspiravam compaixão. Aquelas entidades perturbadas chegavam ao salão, em pequenos grupos, seguidas de orientadores amigos. Pareciam cadáveres erguidos do túmulo. Alguns se locomoviam com grande dificuldade. Tínhamos, diante de nós, uma verdadeira reunião de “coxos e estropiados”, como diz o Evangelho.

- Na maioria, - explicou Aniceto - são irmãos abatidos e amargurados, que desejam renovar-se sem saber por onde começar. Aqui, só poderemos ver esse tipo de necessitados,

porque a casa de Isabel e Isidoro não está preparada para receber entidades deliberadamente más. Cada grupo tem uma finalidade.

Realmente, os recém-chegados traziam profunda angústia estampada no rosto. Muitas mulheres choravam. O quadro era arrasador. Algumas entidades mantinham a mão na barriga, pressionando regiões feridas. Não eram poucas as que traziam curativos e faixas.

- Muitos – disse-nos Aniceto – ainda não aceitam a realidade da morte física. E toda essa gente, de modo geral, está presa à idéia de doença. Existem pessoas, e vocês, como médicos, sabem disso muito bem, que cultivam as doenças com verdadeiro prazer. Apaixonam-se pelos diagnósticos exatos, acompanham, com ansiedade, a manifestação de qualquer sintoma, estudam a teoria da doença que têm, como nunca fariam no estudo das próprias obrigações, e quando não conseguem as informações em livros, gostam de ficar muito tempo conversando com os médicos, recebendo a atenção de enfermeiros ou ouvindo longas explicações sobre a doença de que são prisioneiras voluntárias. Quando desencarnam, é muito difícil entenderem a verdade, já que continuam mantendo a idéia dominante. Às vezes, no fundo, são boas pessoas, dedicadas à família e úteis em seu meio, mas estão carregadas de viciação mental por muitos séculos seguidos.

E, com um gesto diferente, Aniceto considerou:

- Levamos muito tempo para escapar da velha redoma do individualismo. A visão da universalidade custa muito caro e nem sempre estamos dispostos a pagar por ela. Não queremos renunciar aos antigos gostos, fugimos dos sacrifícios nobres. Nessas circunstâncias, o mundo que prevalece para o desencarnado, por muito tempo, é o reino pessoal das criações inferiores. Assim, quem idolatrou a doença, colocou-se sob o seu domínio. É lógico que, quando encarnados, devemos ter todo o cuidado para com o corpo físico, que, para nós, funciona como um recipiente sagrado, mas cuidar da saúde e viciar a mente são duas atitudes completamente diferentes e contraditórias.

44 ASSISTÊNCIA

O cenário de sofrimento, diante de nós, lembrou-me o ambiente das Câmaras de Retificação.

Depois de conversar com Isidoro, Aniceto voltou e nos disse, decidido:

- Mãos à obra! Vamos aplicar alguns passes de reconforto!

- Mas – argumentei – será que estou preparado para um trabalho desses?

- Por que não? – perguntou o instrutor, com voz firme – Toda competência e especialização, em qualquer setor de serviço do mundo, nascem da boa vontade. Bastam o desejo sincero de ajudar e a noção de responsabilidade para que possamos iniciar, com êxito, qualquer trabalho novo.

Suas afirmativas serviram-me de incentivo.

Lembrei-me de Narcisa, a dedicada companheira dos sofredores, que permanecia em “Nosso Lar”, quase sem descanso, sacrificando-se. Parecia ouvir ainda sua voz fraterna e carinhosa: -“André, meu amigo, sempre que possível, não se negue a ajudar os que sofrem. Em trabalho com os doentes, não se esqueça que o melhor remédio é a renovação da esperança. E se encontrar os falidos e os derrotados, fale a eles sobre o futuro divino. Se for procurado, algum dia, pelos espíritos desviados e criminosos, não diga palavras de condenação. Anime, eleve, eduque, desperte, sem ferir os que ainda dormem. Deus faz maravilhas por intermédio do trabalho de boa vontade!”

Sem vacilar, mergulhei no serviço.

Aniceto indicou-me um grupo de seis entidades, dizendo:

- Aplique seus recursos, André. Com a nossa ajuda, os trabalhadores da casa poderão cuidar de outros casos também importantes.

Que os mais humildes trabalhadores do bem se alegrem com a oportunidade de dar o exemplo nas tarefas mais comuns, inspirando-se em Jesus, porque nenhum de seus gestos fica perdido no espaço e no tempo. Naquele instante, em que fui chamado a ajudar de verdade, não recorria aos meus conhecimentos científicos, nem à técnica da medicina oficial, à qual havia me filiado quando encarnado, mas recordava aquela Narcisa humilde e simples, das Câmaras de Retificação, enfermeira dedicada e carinhosa, que conseguia muito mais com amor do que com medicamentos.

Aproximei-me de uma senhora profundamente abatida, tendo em mente o exemplo da boa amiga de “Nosso Lar”, entendendo que não deveria socorrer apenas com firmeza e energia, mas também com ternura e compreensão.

- Minha irmã, - disse, procurando conquistar sua confiança – vamos ao passe.

- Ai, ai! – respondeu ela – Não vejo nada, não vejo nada! Ah, o tracoma! Como eu sou infeliz! E me falam em morte, em vida diferente... Como recuperar a visão?! Quero ver, quero ver!...

- Calma! – respondi, com coragem – Não confia no poder de Jesus? Ele continua curando cegos, iluminando seu caminho, guiando seus passos!

Só mais tarde me lembrei que, naquele instante, havia abandonado a curiosidade doentia. Não pensei nas sequelas deixadas pelo tracoma naquele organismo espiritual, nem me preocupei com os aspectos científicos do fenômeno, vendo, diante de mim, apenas uma mulher necessitada sofrendo. E, à medida que me concentrava em praticar o amor fraternal, uma luz diferente começou a me envolver e aquecer minha testa.

Lembrando da influência divina de Jesus, comecei o passe de alívio sobre os olhos da pobre mulher, notando que uma placa enorme de sombra pesava sobre sua testa. Dizendo palavras de ânimo, nas quais colocava também o melhor da minha essência, concentrei minhas energias de auxílio nesta área perturbada. Em poucos minutos, a mulher deu um grito de espanto.

- Estou vendo, estou vendo! – exclamou, assustada e feliz – Deus é grande! Deus é grande!

E ajoelhando-se, instintivamente, para agradecer, dizia-me, comovida:

- Quem é você, mensageiro do bem?

Uma emoção irresistível me dominou. A bondade de Deus me confundia. Quem era eu para curar alguém? Mas a alegria daquela mulher, tirada da escuridão, confirmava o fato, no qual eu não acreditava. A luz daquela bênção parecia deixar mais claros meus defeitos individuais e, sem poder evitar, comecei a chorar. Enquanto a doente também chorava agradecendo, eu me deixava envolver numa onda de novos pensamentos. O acontecimento me surpreendia. Queria socorrer o próximo doente, no entanto sentia-me preso a estranho deslumbramento íntimo. Aniceto, porém, aproximou-se e falou delicadamente:

- André, a admiração exagerada dos resultados pode prejudicar o trabalhador. É em situações como esta que a vaidade costuma despertar dentro de nós, fazendo-nos esquecer de Deus. Lembre-se que todo bem vem dele, que é a luz de nossos corações. Somos seus instrumentos nas tarefas de amor. O trabalhador fiel não é aquele que fica ansioso pelos resultados, nem o que se deixa deslumbrar na contemplação deles, mas justamente o que cumpre a vontade divina e segue adiante.

Aquelas palavras não poderiam vir em melhor hora. O bondoso instrutor voltou ao trabalho que fazia com outras entidades, e eu, aproveitando o alerta amoroso, disse à senhora agradecida:

- Minha amiga, agradeça a Jesus e não a mim, que sou apenas um trabalhador qualquer. Quanto ao resto, não se espante tanto com a visão dos aspectos exteriores. Procure voltar os olhos para dentro de si mesma, para que possa agradecer a Deus o sublime dom da visão.

Notei que a doente se surpreendia com minhas palavras, como se parecessem inoportunas e filosóficas demais, talvez, mas, novamente compenetrado do meu dever, passei para o próximo necessitado. Tratava-se de um pobre homem que havia desencarnado em Gamboa de câncer. Todo o rosto tinha péssimo aspecto. Apliquei passes de reconforto, aliados a pensamentos e palavras de ânimo, e notei que o doente apresentava considerável melhora. Prometi que me interessaria pelo seu caso, para que pudesse internar-se em alguma casa espiritual de tratamento, recomendando que se preparasse mentalmente para alcançar aquela dádiva, no momento oportuno. Em seguida, atendi a dois ex-tuberculosos do Encantado, a uma senhora desencarnada em Piedade, em consequência de um tumor maligno, e a um rapaz de Olaria, que havia desencarnado durante uma cirurgia. No entanto, nenhum destes últimos teve qualquer melhora. Os sintomas físicos e psíquicos de sofrimento persistiam.

Quando terminei a tarefa designada a mim, juntei-me a Aniceto e Vicente, que me esperavam do outro lado da sala.

- As atividades de assistência – disse o instrutor, cuidadoso – processam-se sempre como vimos aqui. Alguns se sentem curados, outros apenas melhoram e a maioria parece continuar insensível ao trabalho de auxílio. Para nós, o que interessa, no entanto, é plantar o bem. As folhas, as flores e os frutos pertencem a Deus.

Vicente, que parecia muito impressionado, comentou:

- Estou espantado com o número de entidades perturbadas, nos mais variados graus de desequilíbrio, desde “Nosso Lar” até aqui.

Aniceto sorriu e falou, sério:

- A grande maioria desses casos é consequência da falta de educação religiosa. Não a que vem dos padres ou parte da boca de um para os ouvidos de outro, mas a educação religiosa íntima e profunda, que o homem rejeita e repele sistematicamente.

45 MENTE DOENTE

Sempre trabalhando e ensinando, Aniceto comentou:

- Não temos aqui apenas os desencarnados doentes. Reparem os encarnados. Entre os que estão no plano espiritual e os que ainda se encontram no plano físico, a proporção de trabalhadores, em relação ao número de necessitados, é quase a mesma.

Apontando um senhor de boa aparência, que conversava com Bentes, doutrinador naquele grupo, acrescentou:

- Vejam este amigo rodeado de sombra, conversando com o colaborador de Isabel. Ouçam o que diz e depois me digam o que pensam.

Realmente, o senhor indicado estava cercado de pequenas nuvens, principalmente na região do cérebro.

Concentrando-me melhor, pude ouvi-lo claramente:

- Há muito tempo, - dizia, categórico – frequente as reuniões espíritas à procura de algo que me convença. No entanto, - e sorriu, irônico – ou eu tenho menos sorte que os outros ou estamos diante de uma fraude mundial.

Atento à atitude de respeito do orientador encarnado, continuou, orgulhoso:

- Tenho estudado muito, sem deixar de analisar tudo com muito critério. Já devorei uma lista enorme de livros relativos à sobrevivência do espírito e, no entanto, nunca tive qualquer prova. O Espiritismo está cheio de teses bonitas, mas o assunto parece cercado por dúvidas. A obra de Kardec representa grande conquista filosófica, sem dúvida, no entanto, Richet nos traz uma série de novas perspectivas. A metapsíquica conteve os abusos da imaginação, trazendo a público observações mais profundas a respeito dos poderes desconhecidos do homem. Diante dessas verdades científicas, a mediunidade ficou reduzida em suas proporções. Precisamos racionalizar as coisas, ajustando os fenômenos ao critério adequado. Entretanto, Bentes, vivemos em um cenário de mistificações sutis, longe das demonstrações verdadeiras.

A essa altura, Bentes, muito calmo e seguro de sua fé, argumentou:

- Concordo, Dr. Fidélis, que o Espiritismo não deve fugir a qualquer tipo de análise séria. No entanto, creio que a doutrina é um conjunto de verdades sublimes, que se dirigem, de preferência, ao coração do homem. É impossível captar sua grandeza divina com a nossa limitada capacidade de observação, ou beneficiar-se de seus ensinamentos tendo o raciocínio viciado nos erros de muitos milênios. Além disso, temos aprendido que a revelação divina não é conquista mecânica, que se alcança sem esforço. A missão do Evangelho, com Jesus, foi precedida por um esforço humano de muitos séculos. Quantos precursores de Jesus foram sacrificados antes de os cristãos serem levados aos circos romanos? Em primeiro lugar, devemos construir o recipiente, para, depois, receber a bênção. A Bíblia, livro sagrado dos cristãos, é o encontro da experiência humana do Velho Testamento, cheia de suor e lágrimas, com a resposta divina, pura e sublime, no Evangelho de Jesus.

Dr. Fidélis deu um sorriso amarelo, entre a ironia e a vaidade ofendida.

Mas Bentes não perdeu a oportunidade e continuou:

- Se todo serviço sério da humanidade tem algo de sagrado aos nossos olhos, que dizer, então, das realizações divinas no planeta? E considerando a finalidade do trabalho na organização do mundo, que seria de nós se alguns amigos espirituais mais sábios nos revelassem a existência de mundos superiores, empurrando-nos para eles, precipitadamente, apenas por gostarem muito de nós? Estaríamos preparados para uma mudança tão radical? Sabemos o que é a vida num mundo superior? Já trabalhamos bastante para entender a vontade de Deus? E a Terra? E as nossas dívidas de milênios para com o planeta que tem suportado nossas imperfeições? Como viver nos andares de cima, sem limpar os andares de baixo, onde temos vivido? Estas considerações são imprescindíveis em argumentações como a sua, uma vez que não podemos calcular o tamanho de um rio, observando apenas as gotas que nos molham na margem.

O pesquisador teimoso tornou-se ainda mais irônico e revidou:

- Você fala como homem de fé, esquecendo que meu esforço se destina à razão e à ciência. Estou falando das conclusões inevitáveis que vêm da livre pesquisa, das farsas

mediúnicas de todos os tempos. Você sabe que vários cientistas examinaram as fraudes do mais famosos médiuns, na Europa e na América. Ora, o que podemos esperar de uma doutrina confiada a mistificadores mundiais?

Bentes respondeu, muito sereno:

- Você está enganado, Dr. Fidélis. Seria um erro grave de nossa parte colocar toda a responsabilidade pela doutrina nas costas dos médiuns. Eles são simples colaboradores do trabalho de espiritualização. Cada um vai responder pelo que fez dos recursos recebidos, assim como nós também seremos forçados a prestar contas, um dia. Não poderíamos cometer o absurdo de atribuir a convergência de todas as verdades divinas para a cabeça de apenas alguns homens, candidatos a novos cultos de adoração. A doutrina, Dr. Fidélis, é uma fonte sublime e pura, inacessível aos ataques de individualismo de qualquer um de nós, fonte onde cada um deve beber para a renovação de si mesmo. Quanto às fraudes mediúnicas a que se refere, é preciso reconhecer que a suposta infalibilidade científica tem transformado os melhores colaboradores dos desencarnados em grandes desequilibrados ou em simples cobaias de laboratório. Os pesquisadores, que se auto-intitulam metapsiquistas atualmente, são como estranhos lavradores que lotam o campo de plantio, sem nada produzirem de realmente útil. Examinam a terra, contam os grãos e vermes que a atacam, medem a temperatura e o tamanho, observam as condições climáticas e registram variações atmosféricas, mas desprezam a semente, para grande surpresa dos trabalhadores sérios.

Fidélis deixou de sorrir e comentou:

- Vamos ver... Vamos ver... Ainda estou esperando pela mensagem dos meus entes queridos desencarnados, com os sinais inconfundíveis da vida após a morte...

Aniceto nos tocou de leve e falou:

- Notaram como este homem tem a mente enferma? É um dos curiosos doentes, encarnados. Tem grande cultura e, no entanto, como tem os sentimentos envenenados, tudo o que chega ao seu raciocínio acaba sendo contaminado. É pesquisador de superfície, como muita gente. Espera tudo dos outros, analisa os outros, mas não examina a si mesmo. Quer a glória divina, sem esforço humano; reclama a graça celeste, fazendo exigências; quer colher a verdade, sem participar do plantio; espera a tranquilidade da fé, sem trabalhar por ela; gosta da ciência, mas não consulta a consciência; prefere facilidades do que aliar-se à responsabilidade. E, vivendo na agitação de saber cada vez mais, agarrado aos interesses inferiores e à satisfação dos sentidos físicos, em caráter absoluto, espera a mensagem dos desencarnados...

Estávamos admirados com as conclusões de Aniceto.

Vicente, que parecia muito impressionado, perguntou:

- Afinal, o que é que ele quer?

Aniceto sorriu e respondeu:

- Nem ele sabe. Para nós, Vicente, o Dr. Fidélis é um desses doentes que não querem procurar a cura, por terem apego demais aos próprios sintomas.

APRENDENDO SEMPRE

Segundo Aniceto, faltava ainda mais de uma hora para a palestra evangélica de Bentes no plano físico, mas em nosso plano o trabalho já era bem intenso.

Estavam reunidas ali 35 pessoas encarnadas. No entanto, do nosso lado tínhamos mais de 200 necessitados, uma vez que as entidades que acompanhavam os encarnados haviam se juntado às já presentes. Para elas, havia um espaço especialmente preparado, com mais vigilância, já que chegavam, quase sempre, com os encarnados que procuravam ajuda, sem terem sido indicadas pelos colegas que trabalhavam nas ruas.

O movimento era enorme e havia pouco tempo para observações improdutivas. Todos os colaboradores da casa mantinham-se atentos, prontos para o trabalho.

Reparei que, num canto da grande mesa, havia diversas indicações de receituário e assistência. Vários nomes estavam colocados ali. Muitas pessoas pediam conselhos médicos, orientação, assistência e passes. Quatro médicos espirituais se movimentavam com rapidez, enquanto 40 assistentes diretos iam e vinham, recolhendo informações e detalhes sobre os casos.

Aproximamo-nos da pilha de papéis e, enquanto eu os examinava, curioso, Aniceto explicou:

- Aqui temos a orientação às pessoas que dizem precisar de ajuda e socorro imediato.
- Mas elas recebem tudo o que pedem? – perguntou Vicente, interessado.

Aniceto sorriu e respondeu:

- Recebem o que precisam. Muitos pedem a cura do corpo, mas somos forçados a avaliar até onde podemos ser úteis, naquilo que desejam. Outros pedem as mais variadas orientações, obrigando-nos a equilibrar nossa ajuda, de forma a não tolher o seu livre-arbítrio. A existência terrestre é um curso ativo de preparação espiritual e, quase sempre, temos na escola os alunos preguiçosos, que perdem tempo, em vez de aproveitá-lo, querendo as conquistas mentirosas do menor esforço. Assim, no que diz respeito às orientações, a maior parte dos pedidos é injustificada. O pedido de tratamento físico dos que realmente se interessam pela ajuda espiritual, é sempre justo. No entanto, em se tratando de conselhos para a vida cotidiana, é preciso muito cuidado de nossa parte, perante os pedidos daqueles que se recusam voluntariamente aos testemunhos cristãos. O Evangelho está cheio de exemplos espirituais e aquele que o estuda deve considerar-se obrigado a conhecê-los, pelo menos perante a própria consciência.

O instrutor fez uma pausa, mudou o tom de voz, como se quisesse acentuar as palavras, e comentou:

- Vocês, provavelmente, são da opinião de que toda pergunta exige resposta e todo pedido merece solução. No entanto, no caso de determinadas solicitações e orientações aos encarnados, muitas vezes precisamos recorrer ao silêncio. Como recomendar humildade àqueles que a pregam para os outros? Como ensinar a paciência aos que a aconselham ao próximo? Não seria contraditório? Ler os ensinamentos da vida para os cegos e para os ignorantes é muito válido, mas repeti-los aos que já têm informação suficiente não seria desperdício de tempo? Ninguém, em qualquer religião, ouve falar de Jesus por acaso. Ora, se todo trabalho edificante representa compromisso da criatura, todo conhecimento do Cristo implica em responsabilidade. Cada aprendiz de Jesus, portanto, tem o dever de vigiar a própria consciência, comparando os conselhos mais profundos que recebe dela com os ensinamentos evangélicos.

Vicente, que escutava com grande interesse, arriscou:

- Sim, mas eu me atreveria a lembrar os que fazem pedidos como esses...

- Sim, – disse Aniceto, sorrindo – mas nós não podemos imitar o impulso deles. Os encarnados e desencarnados que ainda abusam das possibilidades do intercâmbio entre os dois mundos pagarão muito caro pela irresponsabilidade.

- Neste caso, - perguntei – como atender os pedidos de orientação?

- Alguns poucos casos – esclareceu nosso instrutor – merecem nossa ajuda e orientação verbal, quando possível, desde que estejam buscando os interesses eternos do

espírito. Entretanto, quase sempre é preciso responder de maneira indireta, ajudando os interessados de acordo com nossos recursos, em silêncio. Até porque, não temos muito tempo para ficar relembando aos encarnados certas obrigações que não deveriam ser esquecidas, para sua própria felicidade.

Aniceto calou-se por alguns minutos, dizendo em seguida, para não deixar qualquer dúvida:

- Muitas entidades desencarnadas gostam de dar palpites nas diversas situações e dificuldades dos encarnados, mas, sem a visão mais ampla da perspectiva espiritual, esses pobres amigos infelizmente se prendem a questões menores, transformando-se em meros escravos de mentalidades inferiores encarnadas na Terra. Esquecem que o nosso interesse imediato, aqui, acima de todos, deve ser o que se relaciona à espiritualidade superior. Nossos companheiros agitados, que quiserem dar palpites a encarnados preguiçosos, sobre assuntos de responsabilidade justa e necessária do homem, que o façam por sua conta e risco.

- E aí, o que acontece? – perguntou Vicente, curioso.

Aniceto, entretanto, respondeu com outra pergunta:

- O que acontece com o homem com responsabilidades que resolve brincar?

Nesse instante, um dos médicos espirituais aproximou-se e cumprimentou Aniceto, que lhe disse, depois de nos apresentar:

- Estamos aqui à sua disposição. Somos médicos de passagem. No que pudermos ajudar, conte conosco.

- Vocês vêm de “Nosso Lar”? – perguntou o novo amigo.

- Sim. – respondeu Aniceto gentil.

- Então, - disse ele – se possível, gostaria que, depois da reunião, me ajudassem com dois casos urgentes. Trata-se de uma jovem que desencarnou hoje e um rapaz agonizante.

- Sem dúvida, – disse Aniceto, prestativo – aguardamos suas instruções.

NO TRABALHO ATIVO

Os comentários de Bentes, inspirado por um companheiro bastante elevado, também presente à reunião, eram muito bem recebidos pelos desencarnados.

Entre os encarnados, no entanto, a harmonia não era a mesma. Observávamos grande instabilidade de pensamentos. A ansiedade dos presentes perturbava a corrente vibratória. De vez em quando, notávamos alguns desequilíbrios que afetavam, em especial, a mediunidade de D. Isabel e a postura receptiva do expositor, que parecia perder o “fio do raciocínio”, como se diz popularmente. Colaboradores atentos restabeleciam a sintonia, o mais possível. Reparamos que alguns encarnados estavam agitados demais. Os que tinham menos tempo de doutrina eram os que agiam com maior irresponsabilidade. Tinham a mente vagando muito longe dos comentários elevados. Era possível ver, claramente, suas imagens mentais. Alguns se prendiam às atividades do dia a dia, outros ficavam impacientes por não alcançar o que haviam ido buscar ali.

Aniceto, que não perdia nenhuma ocasião de nos dar novos esclarecimentos, comentou, discreto:

- Muitos estudiosos do Espiritismo se preocupam com a questão da concentração nos trabalhos espirituais. Não são poucos os que determinam padrões exteriores para as pessoas concentradas, os que exigem determinada postura corporal e os que esperam resultados rápidos nas atividades desse tipo. Entretanto, quem fala em concentração, fala em congregar alguma coisa. Ora, se os encarnados não levam a sério as próprias responsabilidades fora das casas espíritas, se, por acaso, cultivam a leviandade, a indiferença, o erro deliberado e incessante, a teimosia, a incoerência entre o que falam e o que fazem, vão concentrar o quê, nos rápidos momentos de serviço espiritual? Boa concentração exige vida equilibrada. Para que os nossos pensamentos se congreguem uns aos outros, propiciando potencial de união para o bem, é indispensável o trabalho de preparação mental na meditação superior. A atitude íntima de negligência com as lições evangélicas recebidas não pode dar ao praticante, ou ao trabalhador, a concentração de forças espirituais no serviço de elevação, só porque eles se entregam, apenas alguns minutos por semana, a pensamentos obrigatórios de amor cristão. Como vêem, o assunto é bem complicado e pede muitas considerações e análises.

Reparei, com mais atenção, os encarnados à minha volta. Se não fosse a dedicação dos colaboradores espirituais, seria impossível qualquer proveito concreto.

Isidoro e outros amigos trabalhavam intensamente, despertando alguns dorminhocos e corrigindo o pensamento dos descuidados, para neutralizar algumas influências negativas.

Tinha que reconhecer que os benefícios mais imediatos da palestra de Bentes eram muito mais visíveis entre os desencarnados. Todos, sem exceção, recebiam conforto e consolo direto.

Quando a palestra terminou, um pouco antes de D. Isabel começar o trabalho de receituário, notei que uma senhora desencarnada se aproximou de Isidoro, pedindo:

- Meu amigo, será que você poderia falar com os nossos orientadores por mim, para saber se seria possível que me comunicasse diretamente com minha filha, que está aqui hoje? Tenho certeza de que, com a devida permissão, Isabel me ajudaria.

Isidoro mostrou desejo de atendê-la, mas, depois de falar rapidamente com a entidade mais elevada da reunião, que trabalhava entre a médium e o doutrinador, voltou, para minha surpresa, meio constrangido com a resposta:

- Irmã, - disse ele - Anselmo acredita que não podemos atender o seu pedido. Ele nos garantiu que sua filha ainda não está em condições de receber essa bênção. Ela agora precisa testemunhar o que aprendeu com você, no mundo, aproveitando a oportunidade sem se acomodar com o seu socorro.

E como a senhora parecia ter ficado triste, Isidoro continuou, com carinho:

- Mas não é só por isso que ele não pode atendê-la, minha amiga. Esse contato seria prejudicial também para você, como mãe. No seu atual estágio, com o velho hábito adquirido, sua filha se apegaria demais ao seu auxílio. Ficaria presa à mãe carinhosa e sensível e você, talvez, se perturbasse nessa sua nova fase de vida. Ela precisa ficar mais à vontade para

testemunhar, enquanto você deve ter o coração livre, por merecimento conquistado às custas de muito sofrimento, quando encarnada. Mesmo reconhecendo o caráter sagrado de seu carinho, nossos orientadores não podem permitir que você a perturbe, entende? Não se atormente com esse impedimento passageiro. Lembre-se de que todos somos filhos de Deus e Ele saberá como atender a cada um, em seu lugar. No mais, tenhamos alegria em nosso trabalho. Não se esqueça de que o auxílio não vem de modo direto, mas sempre podemos recorrer ao método indireto. Quem sabe, amanhã você se encontra com ela em sonho?

A mulher sorriu conformada e respondeu:

- É verdade. Preciso entender a nova situação.

Nesse instante, uma entidade amiga se aproximou de Isidoro e solicitou:

- Meu amigo, preciso que fale com os receitistas para que dêem novas orientações a Amaro. Meu sobrinho precisa de reforço para a saúde física.

O esposo de Isabel fez um gesto significativo e respondeu:

- Não posso, meu caro, não posso. Se Amaro pedir e os receitistas cederem, tudo bem, mas você sabe que o nosso paciente é muito rebelde. Já providenciei orientação médica espiritual cinco vezes, sem que ele fizesse a sua parte. Não vai atrás do remédios indicados e, quando os obtém, de favor, dos amigos, despreza os horários e acha que as recomendações são inúteis. Critica muito as orientações recebidas e trata delas com pouco caso. Claro que não estou aborrecido com isso, como o adulto que não se aborrece com as travessuras de uma criança, mas você sabe que estamos lidando com algo sagrado e não temos tempo para cuidar de quem só quer brincar. Além disso, dar a quem não quer receber, não é caridade.

Isidoro falava com tanto carinho, que afastava qualquer possibilidade de ofensa. Compreendi que, para atender a tanta gente e trabalhar em meio a tantos objetivos diferentes, era preciso agir daquela forma.

O serviço prosseguia com grandes ensinamentos para Vicente e para mim. O esforço dos médicos espirituais, aliado à dedicação da médium, nos emocionava. Era mesmo necessária muita renúncia para realizar o trabalho pesado e numeroso de assistência aos encarnados, já que poucos frequentadores do grupo pareciam manter atitude coerente com a sublime dedicação em nome do Mestre.

Aniceto, adivinhando meus pensamentos, disse com bondade:

- Um dia, André, você vai entender, com Jesus, que é melhor servir que ser servido e mais bonito dar que receber.

PAVOR DA MORTE

Aniceto esclarecia várias de minhas dúvidas. No entanto, havia sempre algo mais para aprender. Por que havia tantos desencarnados ali? Se o que recebiam era assistência espiritual, eles não poderiam se reunir no plano espiritual?

Com delicadeza, questionei Aniceto.

- De fato, André, - respondeu ele - a maioria dos desencarnados recebe esclarecimentos razoáveis em nosso plano. Você mesmo, logo que voltou da Terra, não foi levado às reuniões mediúnicas para o esclarecimento necessário. No entanto, na passagem para cá, há um grande número de entidades que sentem uma saudade doentia do plano físico, mais ou menos como acontece com os animais quando são separados do rebanho. Para ajudar na adaptação dessas entidades ao seu novo "habitat", o socorro é mais eficiente no contato com as energias dos encarnados. Em momentos como este, esta sala funciona como uma grande incubadora de energias psíquicas destinadas à aclimatação de determinadas estruturas espirituais à vida nova.

E, apontando os necessitados reunidos, continuou:

- Nessas condições, esses desencarnados ouvem nossa voz, consolam-se com a nossa ajuda, mas o magnetismo humano tem um teor mais significativo para eles, despertando-lhes novas forças nesse contato. Por isso, o trabalho de ajuda em casas como esta tem proporções que, por enquanto, você não tem condições de avaliar. Não notou os preguiçosos, os dorminhocos e invigilantes que vieram buscar benefícios nesta casa? Pois eles também deram algo de si... Deram energia magnética, irradiações vitais úteis aos colaboradores da casa que manipulam esse tipo de elementos, distribuindo-os em combinações fluidicas aos desencarnados que ainda não se adaptaram.

E, sorrindo, concluiu:

- Tudo tem algum proveito, André. Deus não faz nada em vão.

Quando a reunião terminou, com benefícios gerais que não me cabe descrever aqui, Aniceto foi atender ao médico que desejava sua ajuda em alguns casos.

- Muitas vezes, - explicou o colega do grupo de D. Isabel - não só ministramos medicação aos corpos doentes, como também damos orientações aos desencarnados de quem cuidamos enquanto estavam doentes.

- E são muitos? - perguntei.

- Um número cada vez maior - disse ele. - Há ocasiões em que contamos com a ajuda de amigos ou parentes espirituais, mas, na maioria dos casos, somos forçados a trabalhar sozinhos. Felizmente, quase sempre temos assistentes devotados e ativos. Há companheiros que se dedicam a cuidar de tuberculosos, cegos, aleijados, leprosos, perturbados e moribundos, isoladamente. São o nosso maior socorro em todas as situações.

Saímos e, em alguns minutos, estávamos em frente a um edifício muito grande.

O colega nos levou ao interior de um espaçoso necrotério, onde vimos algo interessante. O corpo de uma jovem, de menos de 30 anos de idade, estava ali gelado e rígido, com um espírito masculino ao seu lado, vigiando. Surpreso, notei que a desencarnada estava agarrada ao cadáver, com os olhos fechados, com medo de ver o que estava à sua volta.

- O processo de desligamento físico já terminou, - disse o colega atento - mas a infeliz está aqui há seis horas, dominada por imenso pavor.

E, apontando o homem desencarnado que estava junto dela, explicou:

- Aquele é o noivo que a espera há muito tempo.

Aproximamo-nos um pouco e ouvimos que dizia, carinhosamente:

- Cremilda, Cremilda! Venha, abandone o corpo sem vida. Fiz de tudo para que não sofresse mais... Nossa casa a espera, cheia de amor e luz.

A moça, no entanto, fechava os olhos, dando a entender que não queria vê-lo. Notávamos, claramente, que seu perispírito estava completamente desligado do corpo físico, mas a pobre moça continuava estendida, imitando a posição do cadáver, paralisada de medo.

Aniceto, que pareceu entender tudo num instante, fez um leve sinal ao noivo, que se aproximou, comovido.

- Precisamos tratá-la de outro jeito – disse o instrutor, decidido. – Vejo que ela não dormiu no momento do desencarne e agora está apavorada por falta de preparo espiritual. É melhor que ela não o veja agora. Apesar do amor que sente, não vai aguentar reencontrá-lo sem ficar profundamente chocada.

- É verdade... – disse ele, triste. – Há seis horas que estou chamando continuamente, deixando-a ainda mais assustada.

Aniceto respondeu, aconselhando:

- Falta de preparo religioso, meu amigo. Mas ela vai dormir e, assim que tiver repousado um pouco, deixo-a aos seus cuidados. Por enquanto, mantenha-se à distância.

E, acompanhado do médico espiritual que havia tratado dela nos seus últimos dias de vida, aproximou-se, falando carinhosamente:

- Cremilda, vamos ao novo tratamento.

Ao ouvir isso, a moça abriu os olhos assustados e exclamou:

- Ah, doutor, graças a Deus! Que pesadelo horrível! Pensei que estava no mundo dos mortos, ouvindo meu noivo, que faleceu há anos, me chamar para a Eternidade!...

- A morte não existe, minha filha! – disse Aniceto, com carinho – Acredite na vida, na vida eterna, profunda, vitoriosa!

- O senhor é o novo médico? – perguntou, aliviada.

- Sim, fui chamado para lhe dar um tratamento magnético. Você precisa dormir e descansar...

- É verdade... – disse ela – Estou muito cansada, precisando relaxar...

Em voz baixa, Aniceto nos recomendou que ajudássemos orando e, depois de ficar alguns minutos em silêncio, aplicou-lhe o passe tranquilizante. A jovem adormeceu quase imediatamente.

O instrutor afastou-a do cadáver, com carinho de pai, e entregou-a ao noivo aliviado.

- Agora você pode levá-la.

O rapaz agradeceu com lágrimas de alegria e saiu flutuando, com o rosto iluminado, carregando o objeto do seu amor.

Aniceto fez um gesto expressivo e falou:

- Como era uma pessoa boa e virtuosa, não precisará passar pelo Umbral. No entanto, é lastimável que não tenha se preparado adequadamente. Mas logo estará adaptada à nova vida. Os bons não encontram grandes dificuldades.

E querendo enfatizar a lição, concluiu:

- Como vêem, a idéia de morte não serve para aliviar, curar ou contruir de verdade. É necessário difundir a idéia de vida, vida vitoriosa. Aliás, o Evangelho já nos ensina, há séculos, que Deus não é Deus de mortos, mas Pai das criaturas que vivem para sempre.

49
MÁQUINA DIVINA

Não demorou muito e estávamos ao lado do agonizante, em situação que preocupava o clínico espiritual.

Era um homem de, mais ou menos, 60 anos, que a leucemia consumia aos poucos.

- Está há vários dias em coma, - explicou o médico – mas precisamos de auxílio magnético mais forte para facilitar o desprendimento.

No quarto, além de duas senhoras desencarnadas – a mãe e uma parente próxima do doente – víamos parentes encarnados, demonstrando grande aflição.

Aniceto examinou o paciente cuidadosamente e afirmou:

- Não há mais nada a fazer a não ser ajudar no desligamento final.

Em seguida, ele nos recomendou que observássemos o paciente com atenção.

Concentrando todo meu potencial, observei o doente prestes a desencarnar. Notei, em detalhes, que a alma saía, lentamente, por pontos isolados do corpo. Surpreso, notei que, bem no centro do crânio, havia um foco de luz fraca, como uma vela oscilando ao vento brando. Tomava toda a cabeça, deixando-me bastante admirado.

- A luz que você vê – disse Aniceto – é a mente, para a qual não temos ainda definição adequada pelos conceitos humanos.

Notando meu espanto, ele colocou a mão na minha testa, transmitindo-me grande quantidade de energia, e afirmou:

- Repare a máquina divina do homem, o templo sagrado que Deus permitiu que se formasse na Terra para servir de habitação temporária do espírito. Neste instante, André, você não está examinando um cadáver, numa demonstração da anatomia humana. Olhe bem. O olho físico não pode captar o que você vê neste momento. E o microscópio é muito pobre ainda, apesar de representar grande conquista para a limitada visão humana.

O reforço magnético do querido instrutor havia modificado a cena e fui obrigado a concentrar todas as minhas forças para não me agitar demais e perder a oportunidade.

A luz mental, embora fosse fosca, estava mais nítida agora e o corpo do paciente parecia ter crescido muito, oferecendo-me um espetáculo surpreendente, como se fosse uma incrível usina, nos mínimos detalhes. O quadro científico era simplesmente magnífico. Podia identificar, de forma aumentada, os nove sistemas orgânicos do corpo humano, o esqueleto, a musculatura, a circulação sanguínea, o processo de purificação do sangue realizado nos pulmões e nos rins, o sistema linfático, as funções digestivas, o sistema nervoso, as glândulas hormonais e os órgãos dos sentidos. Essa demonstração era diferente de tudo o que poderia sonhar em meus trabalhos de medicina. A circulação parecia um sistema de canais de vitalização daquele mundo de ossos, carne, água e resíduos. Milhões de organismos microscópicos iam e vinham na corrente enfraquecida de glóbulos vermelhos. Via a passagem de formas estranhas, que pareciam barcos minúsculos carregando bactérias mortais. Outros organismos maiores da flora bacteriana transformavam-se em pequenos veículos transportando centenas de feras minúsculas, invadindo todos os sistemas. Órgãos como os pulmões, o fígado e os rins, eram atacados, sem chance, por incalculável quantidade de sabotadores microscópicos. E, à medida que a invasão se consolidava em algumas zonas celulares, alguma coisa se desprendia, lentamente da região atacada, como se um molde novo fosse expelido, a cada vez, da forma velha e desgastada. Notei, assim, que o desencarne se dava em etapas, propiciando excelentes observações. Reparei que algumas glândulas faziam esforço desesperado para enviar hormônios a algumas regiões invadidas, os quais eram imediatamente absorvidos pelos organismos letais. O plasma sanguíneo parecia líquido estranho em decomposição.

Pela movimentação excessiva da onda mental, notei que o paciente tentava recuperar, em vão, o comando do corpo. Todos os complexos celulares se desorganizavam e as bactérias pareciam gozar de plena liberdade para se multiplicar e agir.

- Está vendo a máquina divina, formada pelo molde espiritual preexistente? – perguntou Aniceto, percebendo meu espanto. – O corpo do homem encarnado é um templo e uma bênção.

Neste momento de falência total de uma existência, você pode notar que todos os movimentos do corpo estão subordinados ao comando da mente. O organismo vivo, André, é uma conquista trabalhosa da humanidade terrena, no quadro de dádivas divinas. Agora, você pode identificar os movimentos da matéria viva. Cada órgão é um departamento autônomo no mundo celular, subordinado ao pensamento do homem. Cada glândula é uma central de serviços. Há muita semelhança entre o corpo físico e as máquinas modernas. Ambos são acionados pela carga de combustível. A diferença é que, no homem, a combustão química obedece ao comando espiritual que dirige a vida organizada. É na mente que temos o governo dessa usina maravilhosa. Não temos nela apenas o caráter, a razão, a memória, a direção, o equilíbrio, o entendimento, mas também o controle de todos os fenômenos orgânicos. Na sede mental e, portanto, no cérebro, temos todos os registros de distribuição dos princípios vitais para os núcleos celulares, inclusive de água e açúcar. Os centros metabólicos são como grandes oficinas de trabalho incessante. A mente humana, ainda sem definição na ciência humana limitada, é o centro de toda manifestação de vida no planeta. Cada órgão, cada glândula, meu caro, faz parte do quadro de serviços da máquina sagrada, construída sobre o molde sutil do corpo espiritual preexistente. Por esta razão, chegará o dia em que a ciência reconhecerá qualquer abuso do homem como agressão a si mesmo. A usina humana é armazém de forças elétricas de alto teor construtivo ou destrutivo. Cada célula é um motor minúsculo, trabalhando ao impulso da mente.

Aniceto calou-se por alguns momentos e, enquanto eu observava, assombrado, os mais estranhos fenômenos no corpo do paciente, ele voltou a falar:

- Aqui temos um companheiro no momento da retirada. Repare na incapacidade dele para governar as células em conflito. A corrente sangüínea se transformou em veículo de invasores mortais que não encontraram qualquer resistência defensiva. Preste atenção e verá milhões de agentes da tuberculose, da lepra, da difteria, do câncer, que, até agora, estavam detidos nos porões fisiológicos, pela defesa orgânica, e que se multiplicam rapidamente, em conjunto com outros microorganismos mortais. A nutrição está interrompida. Não há mais possibilidade de novos suprimentos hormonais. O paciente se retrai aos poucos e só não abandonou totalmente a carne por falta de educação mental. Pelo total descontrole sobre as células, percebe-se que este homem viveu bem distante da autodisciplina. Seu metabolismo é muito impulsivo, reagindo mais ao instinto que ao comando da mente concentrada. Para falar a verdade, este nosso amigo não está desencarnando. Está sendo expulso da máquina divina, onde, pelo que se pode ver, não parece ter cuidado muito bem das dádivas divinas que recebeu.

O DESENCARNE DE FERNANDO

Quando Aniceto retirou a mão da minha testa, não pude mais continuar com as observações microscópicas. Minha visão alcançava detalhes muito importantes para todos, mas estava longe daquele poder de percepção que o mentor me transmitia, ao contato com suas energias.

Concentrando minha capacidade visual, ainda via o esqueleto, o sangue, os tecidos, os tumores, mas aquelas batalhas minúsculas haviam desaparecido como que por encanto. De qualquer modo, minha surpresa era enorme, porque agora percebia, em mim mesmo, o potencial do Raio X.

Aniceto, depois de proporcionar a Vicente o mesmo estudo, tomava novas providências.

No quarto, permaneciam ainda alguns parentes aflitos. Um médico encarnado examinava o paciente, com atenção.

Nesse momento, as duas entidades que se mantinham no quarto, e que apenas nos cumprimentaram, se aproximaram de Aniceto, pedindo-lhe uma colaboração mais direta.

- Por favor, amigo, - disse a mãe do paciente – ajude-nos a retirar meu filho do corpo esgotado. Há várias horas que estamos à espera de alguém que possa nos ajudar nesse processo. Tenho tentado acalmá-lo, mas é em vão! – disse a senhora, com tristeza – Ele continua em estado de profunda incompreensão. Está absolutamente preso às sensações de sofrimento físico, como foi ligado às satisfações do corpo durante a encarnação.

Aniceto concordou, acrescentando:

- Realmente, notam-se grandes falhas na força mental do paciente. Percebe-se que levou a vida atendendo mais ao instinto que à razão. Em suas células, observamos várias manifestações de indisciplina. Mas poderemos ajudá-lo a se libertar dos laços mais fortes da carne.

- Será uma caridade... – respondeu a mãe, aflita.

- Você está encarregada de levá-lo? – perguntou Aniceto, compreendendo a responsabilidade da tarefa. – Precisamos saber, porque o desprendimento completo acontecerá em alguns minutos.

Ela fez um gesto triste e respondeu:

- Eu bem que gostaria de fazer algo mais pelo meu pobre Fernando, mas tenho permissão apenas para ampará-lo em seus últimos momentos de vida. Meus superiores prometeram ajudá-lo, mas me aconselharam a deixá-lo por conta própria durante algum tempo. Fernando precisa rever o passado, retomando os valores que, infelizmente, desprezou. As lágrimas e os remorsos, na solidão do arrependimento, trarão calma ao seu espírito irresponsável. Gostaria muito de abraçá-lo, voltando aos dias que já se foram, mas não posso prejudicar seu caminho com meu amor de mãe. Na verdade, Fernando é meu filho do coração, mas ambos temos contas a prestar. De minha parte, estou cansada de só complicar minha situação. Não devo contrariar a vontade de Deus.

A essa altura, o médico espiritual que havia nos levado até ali interrompeu a conversa, informando:

- Ela tem razão. Fernando não poderá ir com ela, mas os seus pedidos têm sido tão profundos, que recebi instruções para levá-lo a uma casa de socorro, onde poderá aproveitar melhor as lições do sofrimento, já que estará isolado de influências inferiores e criminosas, mesmo estando recolhido a zonas mais baixas.

- Entendo... – murmurou Aniceto, sério – Acho isso bem razoável.

Em seguida, falou, como quem não tinha tempo a perder:

- A aflição da família encarnada presente poderá dificultar nosso trabalho. Vejam como todos emitem recursos energéticos em favor do doente.

De fato, uma rede de fios cinzentos e levemente iluminados parecia ligar os parentes ao doente quase morto.

- Esse tipo de recurso – continuou ele – é inútil agora para restabelecer sua saúde. Precisamos anular essas forças emitidas pelo desespero, começando por proporcionar a possível tranquilidade à família.

E, aproximando-se mais do doente, preparou-se para um passe, dizendo:

- Vamos alterar o quadro do coma.

Depois de algum tempo em que Aniceto trabalhava, observado por nós em profundo silêncio, ouvimos o médico encarnado dizer aos parentes do paciente:

- O quadro melhorou. A pulsação está, inexplicavelmente, quase normal e a respiração parece estar se acalmando.

Três senhoras suspiraram aliviadas.

- D. Amanda, - disse o médico à esposa do doente – é melhor a senhora ir descansar com suas cunhadas. O Sr. Fernando está muito tranquilo e a situação é bem favorável. Januário e eu ficaremos aqui tomando conta dele.

As senhoras e mais dois homens, que se preparavam para sair, agradeceram satisfeitos. Ficaram no quarto apenas o médico e um irmão do paciente. A melhora repentina havia tranquilizado a todos. E, aos poucos, os fios cinzentos, que se ligavam ao doente, desapareceram sem deixar qualquer vestígio.

- Vamos abrir a janela – disse o médico, satisfeito. – O ar talvez ajude na melhora do nosso amigo.

Profundamente espantando, notei que três rostos horríveis surgiram, de repente, na janela, perguntando, em voz alta:

- Como é? O Fernando vem ou não vem?

Ninguém respondeu, mas notei que Aniceto olhou-os de modo significativo, forçando-os a desaparecer. Mais meia hora se passou, com o médico e o sr. Januário conversando animadamente sobre banalidades, quase completamente despreocupados do doente, em virtude das melhoras observadas.

Aniceto aproveitou o momento de serenidade no ambiente e começou a retirar o corpo espiritual de Fernando, separando-o do cadáver, começando pelos calcanhares e terminando na cabeça, à qual o paciente parecia estar preso por extenso cordão, tal como acontece com os recém-nascidos. Aniceto cortou-o com esforço. O corpo físico de Fernando sofreu um solavanco, atraindo a atenção do médico. A operação não foi fácil e rápida. Levou vários minutos, em que Aniceto precisou concentrar toda a sua atenção e usar grande cota de suas energias.

A família do paciente, informada pelo Sr. Januário, entrou aflita no quarto.

Mas a mãe do desencarnado, ajudada por Aniceto e pelo médico espiritual que nos acompanhava, já prestava, ao filho, os socorros necessários. Em seguida, enquanto a família encarnada se debruçava chorando sobre o cadáver, vi o pequeno grupo, constituído pelas duas senhoras e o médico, sair, levando Fernando ao instituto de assistência, notando que não saíam volitando, mas caminhando como qualquer encarnado.

Estava profundamente impressionado, mas o que mais me espantava era o surgimento daqueles rostos diabólicos, quando a janela foi aberta. Por que tanto desprezo por um agonizante?

Saindo da casa deles, Aniceto me olhou com atenção e, antes que eu pudesse perguntar qualquer coisa, explicou:

- André, não se preocupe tanto com os vagabundos que esperavam Fernando. Eles só não entraram no quarto porque a presença da mãe impedia tal assédio.

E, depois de ligeira pausa, acrescentou:

- Na vida, cada um cultiva as afeições que prefere. Fernando gostava dos companheiros desequilibrados. Não é de se estranhar, portanto, que eles tenham vindo esperá-lo no momento de retorno à verdadeira vida. Paulo de Tarso, no capítulo 12 da Epístola aos Hebreus, disse que o homem está cercado de grande “nuvem de testemunhas”. Ora, isso foi dito à humanidade há quase dois mil anos. Desse modo, cada um tem as companhias invisíveis a que se afeiçoa na Terra. Mais tarde, quando a humanidade compreender a importância das lições evangélicas, todo homem terá mais cuidado ao escolher suas testemunhas.

51 DESPEDIDAS

Depois de mais algumas atividades espirituais, a semana de serviço ao lado de Aniceto terminou.

Acompanhamos o instrutor nas mais diferentes e complexas tarefas. Hospedados na casa de Isabel, atendemos a vários doentes, bem como a outros companheiros perturbados, abatidos, desorientados e agonizantes. Para todos os casos, o nosso orientador tinha recursos maravilhosos de improvisação, sempre atencioso e otimista.

Aqueles poucos dias de trabalho novo proporcionaram-me novas idéias e sentimentos, que até então não conhecia.

Ao contato com as revelações de Aniceto sobre eletricidade e magnetismo, revia todos os meus conhecimentos de medicina. A autoridade da mente sobre o funcionamento do organismo, as forças radioativas, as bactérias, a visão mais ampla da matéria organizada, forçavam-me a rever todos os conceitos médicos sobre a arte de curar corpos doentes.

Acima de tudo, entendia melhor agora o Médico Divino que recupera a saúde do espírito imortal. A luz intensa, que agora me envolvia, dava-me maior conhecimento de Jesus. Assim, compreendi que a fé não é apenas uma afirmação verbal, nem uma adesão estatística. Seria inútil procurá-la no sectarismo, nas disputas vulgares ou nos cultos externos que se alteram todos os dias. Ela era, sim, uma fonte de água viva, nascendo espontaneamente em minha alma. Expressava-a em profundo respeito e alto senso de serviço e responsabilidade diante das dádivas divinas. Sentia-me como se houvesse encontrado um tesouro indestrutível e intransferível, nascido e concretizado em mim mesmo.

Quando Aniceto nos chamou para voltar, sentia-me totalmente outro. Tinha a impressão de haver recebido notícias diretas de Jesus na descoberta do meu próprio mundo interior.

Como poderia recompensar o querido instrutor por benefícios como estes?

As orações haviam terminado, na última reunião na casa de Isidoro e Isabel.

Os trabalhos, sempre intensos, deram-nos oportunidades de novas observações e experiências.

Grande número de amigos de Aniceto aproximaram-se dele, ansiosos por trocar algumas palavras na despedida.

O orientador dedicado tinha, para todos, uma palavra de bom ânimo, otimismo, alegria e confiança em Deus, como um príncipe que só tem palavras de ouro espiritual.

Vicente e eu estávamos emocionados e queríamos dizer-lhe o quanto estávamos agradecidos pelas bênçãos recebidas, mas, ao nos aproximarmos, o instrutor sorriu e se antecipou:

- Agradeçam a Jesus por tudo o que nos tem dado.

E querendo que o assunto geral fosse o amor às coisas sagradas, pegou a Bíblia e leu, em voz alta, os versículos 1 a 5 do segundo capítulo dos Provérbios de Salomão:

- “Filho meu, se aceitares as minhas palavras e guardares contigo os meus mandamentos, para fazeres atento à sabedoria o teu ouvido e para inclinares o teu coração ao entendimento; e se clamares por entendimento, e por inteligência alçares a tua voz, se como a prata a buscares e como a tesouros ocultos a procurares, então entenderás o temor do Senhor, e acharás o conhecimento de Deus.”

Em seguida, deixou o livro sobre a mesa e falou:

- Lembremo-nos do Senhor em nossas despedidas. Confirmemos, irmãos, nossos compromissos de trabalho e testemunho. Em tão pequeno trecho dos Provérbios, encontramos vários verbos que interessam diretamente aos espíritos cristãos. Aceitar os mandamentos divinos e respeitá-los, tornar o ouvido atento e o coração esclarecido, pedir entendimento e inteligência, erguendo a voz acima dos objetivos inferiores, buscar os tesouros do Cristo e procurar seu programa de serviços, representam o esforço elevado daquele que, de fato, deseja a Divina Sabedoria. Não devemos esquecer nossos deveres.

Como a pausa foi mais longa, um companheiro pediu ao querido amigo que prosseguisse nos comentários do texto, mas Aniceto respondeu, com carinho:

- Por ora, meu amigo, não é possível. Temos outros compromissos longe daqui.

E dirigindo-se, em especial, a Vicente e a mim, afirmou:

- Já que vamos voltar pela estrada comum, podemos esperar Isabel chegar, para agradecermos e nos despedirmos.

Em poucos minutos, a querida companheira de Isidoro, deixando o corpo adormecido, veio nos encontrar, ao lado do esposo, atendendo ao convite mental do nosso orientador. Aniceto expressou nosso profundo reconhecimento e alegria pelas oportunidades de serviço que Deus havia nos proporcionado.

D. Isabel agradeceu, comovida, deixando rolar algumas lágrimas do reconhecimento que sentia.

- Querido Aniceto, - disse ela, enxugando os olhos – se for possível, volte sempre à nossa casa. Amigo, ensine-me a ter paciência e coragem. Quando puder, não deixe que eu me desvie dos meus deveres de mãe, tão difíceis de cumprir na carne, onde os interesses inferiores estão sempre se chocando com violência. Ampare-me nas obrigações de trabalhadora do Evangelho de Jesus! Muitas vezes, profundas saudades da família espiritual me machucam o coração... Gostaria de poder levar meus filhos para um plano superior, conduzindo-os ao bem, para que a nossa união divina pudesse acontecer, sem demora, nas regiões mais altas da vida. E essas saudades de “Nosso Lar” me castigam a alma, muitas vezes ameaçando minha humilde tarefa na Terra. Querido Aniceto, não se esqueça desta amiga humilde e imperfeita. Sei que Isidoro me acompanha, passo a passo, mas ambos precisamos de amigos fortes na fé, como você, para que se renove em nós, sempre, o bom ânimo no caminho dos deveres cristãos!...

Isabel não pôde continuar, porque as lágrimas cortaram-lhe a voz. Aniceto, de olhos brilhantes e serenos, abraçou-a, como um pai, e falou suavemente:

- Isabel, continue em seus testemunhos e não tenha medo. Estaremos com você, agora e sempre. Muitas criaturas admiráveis receberam a tarefa, mas não nos esqueçamos, filha, que Jesus recebeu a tarefa e o sacrifício. Não faltará, em nosso caminho, o cuidado carinhoso do Amigo Vigilante. Tenha força e caminhe!

Em seguida, olhando a todos de frente, o querido instrutor disse:

- Agora, amigos, ajudem-me a orar!

E abraçado a Isabel e Isidoro, Aniceto levantou os olhos e falou:

-“Senhor, ensine-nos a receber as bênçãos do serviço! Ainda não sabemos, Amado Jesus, compreender a extensão do trabalho que você nos confiou! Permita, Senhor, que possamos ter, em nossa alma, a convicção de que a Obra do Mundo lhe pertence, para que a vaidade não se insinue em nossos corações com as aparências do bem!

“Dê-nos, Mestre, o espírito de devotamento aos nossos deveres e desapego pelos resultados, que pertencem ao seu amor!

“Ensine-nos a agir sem paixão, para que possamos reconhecer os seus objetivos sagrados!

“Senhor de amor, ajude-nos a ser seus colaboradores fiéis,

“Mestre amoroso, conceda-nos, ainda, as suas lições,

“Juiz imparcial, conduza-nos pelos caminhos retos,

“Médico sublime, restaure-nos a saúde,

“Pastor compassivo, guie-nos em direção às águas vivas,

“Engenheiro sábio, dê-nos o seu roteiro,

“Administrador generoso, inspire-nos na tarefa,

“Semeador do bem, ensine-nos a cultivar o campo de nossas almas,

“Carpinteiro divino, auxilie-nos a construir nossa casa eterna,

“Escultor cuidadoso, corrija-nos o vaso do coração,

“Amigo dedicado, seja tolerante, ainda, para com as nossas fraquezas,

“Príncipe da Paz, compadeça-se de nosso espírito frágil, abra nossos olhos e mostre-nos a estrada para o seu Reino!”

Aniceto se calou comovido e, de olhos úmidos, fazendo muito esforço para conter as lágrimas de gratidão, juntei-me ao grupo que seguiria viagem de volta a “Nosso Lar”.